

Mestrado em Estudos Africanos

Um Diamante por Lapidar. Espaços de Poder, Paisagens de Representação e Lugares de Prática de um jovem jogador africano de futebol em Portugal

José Joaquim Carvalho dos Santos

M

2018



José Joaquim Carvalho dos Santos

Um diamante por lapidar

**Espaços de Poder, Paisagens de Representação e Lugares de Prática de
um jovem jogador africano de futebol em Portugal**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Africanos, orientada pelo Professor

Doutor José Ramiro Pimenta

e coorientada pela Professora Doutora Alice Duarte

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2018

Um diamante por lapidar
Espaços de Poder, Paisagens de Representação e Lugares de Prática
de um jovem jogador africano de futebol em Portugal

José Joaquim Carvalho dos Santos

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Africanos, orientada pelo Professor
Doutor José Ramiro Pimenta
e coorientada pela Professora Doutora Alice Duarte

Membros do Júri

Professora Doutora Amélia Polónia
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor José Neto
ISMAI – Instituto Universitário da Maia

Professor Doutor José Ramiro Pimenta
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

...para nós, lá na Guiné, não consideramos assim que é um tráfico humano, por causa da pobreza. Lá, olhamos aquilo que essa pessoa quer ajudar-te. A emigração, lá na Guiné, serviu como se fosse uma tábua de salvação para jogadores guineenses. E às vezes as coisas correm muito mal com os outros. Aquilo vem para aí um empresário traz para aí 100 pessoas, só um que ele olha, porque aquele um consegue dar-lhe alguma coisa. O resto, ele deixa... tem muitos miúdos em Lisboa e há um deles que liga-me muitas vezes a pedir “o que é que eu faço?”. “Tens que lutar...”¹

¹ Excerto da entrevista do colaborador-participante P*.

Sumário

Índice

Declaração de honra	8
Agradecimentos	9
Resumo	10
Abstract.....	11
Introdução	12
O estado da Arte	18
O conceito de tráfico e a Declaração Universal	27
Capítulo 1. O trajeto metodológico	32
1.1. Interação.....	32
1.2. Interpretação	40
Capítulo 2. A história de P*	46
2.1. O Espaço do tráfico.....	47
2.2. O sonho da realidade.....	56
2.3. A realidade do sonho	67
2.3.1. A solidão	74
2.3.2. Poço sem fundo	80
2.3.2. O conforto da família	83
Considerações finais	87

Referências bibliográficas	94
Anexos.....	103
Anexo 1.....	104
Anexo 2.....	121

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, setembro de 2018

José Joaquim Carvalho dos Santos

Agradecimentos

A fase dos agradecimentos é, por norma, a última parte da dissertação a ser escrita, porque permite a exposição de quem, comigo, esteve presente durante este percurso, que foi longo, desgastante, por vezes duro, mas, mais importante, de enorme aprendizagem pessoal e de valorização académica.

As primeiras palavras de agradecimento vão, naturalmente, para o Professor Doutor José Ramiro Pimenta, pela forma dedicada, exemplar e entusiasta como procedeu às orientações para esta dissertação. As dúvidas que apareceram ao longo do percurso foram dissipadas na hora e a sua total disponibilidade e energia positiva foram, inclusive, determinantes para que os meus momentos de dificuldade e de dúvida se transformassem em entusiasmo e vontade de continuar a remar para o porto que sempre ambicionei.

Uma palavra de gratidão à Professora Doutora Alice Duarte pelas linhas de orientação que me foi passando neste ano de construção da dissertação e que foram importantes para construir um trabalho equilibrado e consistente.

Por fim, e não menos importante, uma mensagem especial aos meus pais que acompanharam sempre de perto este meu percurso académico e nunca faltaram no apoio, à mana Alexandra, pelo carinho e palavras de reconforto que só ela sabe transmitir. À minha afilhada Valentina, que tanto orgulha o padrinho.

À Charlie, a minha flor deste jardim da vida, que vai crescendo ao ritmo do vento. Este trabalho também é teu...

Resumo

O fenómeno do tráfico de jogadores africanos de futebol está a suscitar uma preocupação crescente em Portugal. Abundam os casos sinalizados que configuram esquemas de recrutamento dos jovens nos seus países de origem através de esquemas dúbios e com o objetivo de os colocarem a treinar à experiência em clubes, principalmente de escalões secundários e amadores, na expectativa de obtenção de lucros com futuras vendas do passe. Para melhor compreender o fenómeno, será feita uma caracterização dos processos de abordagem do agente de futebol à vítima, as formas de contornar a lei para permitir a viagem para Portugal e as experiências descritas ‘na primeira pessoa’. O estudo aborda ainda as motivações do tráfico e as formas de captações para os conduzirem aos centros de treino de clubes portugueses sem qualquer tipo de controlo dos agentes legislativos ou desportivos. O nosso estudo de caso aborda uma história ‘exemplar’ de um jovem da Guiné-Bissau que passou pelo circuito do tráfico. Para melhor poder explorar o carácter exemplar da sua história, utilizámos uma abordagem qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas. Este trabalho aborda numa primeira instância a organização do poder, em que abordamos o espaço do tráfico e todos os procedimentos desde o recrutamento até aos ‘abusos’ dos agentes e dirigentes de futebol; segue-se a interpretação de alguns elementos cruciais de representação da vida de um jogador de futebol na Europa; e terminamos com o relato real da sua experiência vivida em todo o processo. Em suma, pretendemos com este trabalho levantar questões e contribuir para encontrar respostas que possam ajudar a atenuar a gravidade dos seus efeitos, deixando algumas sugestões na conclusão.

Palavras-chave: Poder, Representação, Prática, Futebol, África

Abstract

The phenomenon of African football players trafficking is becoming a growing concern in Portugal. There is a growing number of known cases related to youth recruitment schemes in their countries of origin through dubious schemes, with the aim of putting them to experience in clubs, mainly secondary and amateur clubs, in the expectation of obtaining profits with the future selling of their contract rights. To better understand the phenomenon, we pursue the characterization of the approach process set up by football 'agents', the ways of circumventing the law to secure the trip to Portugal, and the experiences described by a young player through his 'first person' narrative. This study also discusses the motivations of traffic and the ways young players are led to the training centers of Portuguese clubs without any type of control of the legislative or sport officials. Our case study addresses an 'exemplary' story of a young man from Guinea-Bissau who has passed through the trafficking circuit. To better explore the exemplary character of its history, we used a qualitative approach through semi-structured interviews. This work addresses in the first instance the organization of power, in which we approach the area of trafficking and all the procedures from the recruitment to the 'abuses' of soccer agents and club directors; it follows with the interpretation of some crucial elements of European 'lifeview' held by young players; finally, an actual account of our collaborator's experience. In short, we intend to raise questions and contribute to find answers, leaving some suggestions that may help mitigate the seriousness of its effects.

Keywords: Power, Representation, Practice, Football, Africa.

Introdução

Alguns trabalhos desenvolvidos em países da África Ocidental,² como no Gana,³ revelam que o futebol é visto pela comunidade como uma forma de escapar a dificuldades económicas sociais verificadas na região de origem, essencialmente o elevado nível de pobreza das famílias, algumas vivendo em situações de rutura extrema.⁴ Por isso, é muito comum os jovens com menos de 18 anos serem abordados por falsos (ou reais, mas agindo ilegalmente) agentes desportivos que os convencem a tentar a concretização do sonho de jogarem futebol na Europa.

A ligação entre os dois continentes é feita por empresários do mundo do futebol ou por elementos que integram uma rede ilegal de captação de jovens, com promessas de representarem os melhores clubes da Europa, tendo ainda como compensação o mediatismo social e avultados ganhos, os dois principais engodos que levam os jovens a deixar tudo para trás.

O processo de recrutamento dos jovens, tirando algumas especificidades que sempre possui cada experiência única, é sempre muito semelhante: escolhem-se invariavelmente rapazes muito jovens (preferencialmente com menos de 18 anos) e com bom porte atlético, que são objeto de uma observação ‘in loco’ por parte dos agentes desportivos ou dos representantes da rede ilegal de tráfico humano.

Cumprir o sonho de uma vida de futebolista leva a maior parte dos jovens a ultrapassar os receios do desconhecido e o risco inerente de aceitar mudar-se para a Europa. É frequente vermos, nos lugares mais recônditos de África, estas crianças e jovens a correrem atrás de uma bola de futebol, fazendo ‘peladinhas’ em pequenos retângulos na terra batida e empoeirada, equipados com chuteiras semirrotas, se não

² Darby e Meij (2018).

³ Ungruhe e Esson (2017).

⁴ Para uma visão panorâmica das questões sociais mais prementes do subdesenvolvimento, cf. Scheyvens (2014) ou Potter, et al (2018).

descalços, e vestidos com camisolas, ou delas simulacros, dos ídolos que idolatram através dos ecrãs da televisão.⁵

A realidade despreocupada da infância mistura-se com o sonho de seguirem os passos de um Cristiano Ronaldo ou de um Leonel Messi, cujos feitos futebolísticos e episódios de vida mediáticos são amplamente proporcionados pelos meios de comunicação disponibilizados pela intensa globalização do espetáculo desportivo. A imprensa tem um papel fundamental na construção deste fenómeno social ao enquadrar poderosamente a vida destes jovens que, observando o fenómeno da mediatização, aspiram também a riqueza e fama.⁶ É esta a realidade idealizada pelos jovens que enquanto fintam o seu adversário no campo de terra batida, sonham com o golo, o aplauso e a glória de jogar nos grandes estádios das Ligas europeias.⁷

A perspetiva de concretização de negócios rentáveis dos agentes de futebol com as transferências de jogadores africanos insere-se numa política de prospeção minuciosa a jovens masculinos com menos de 18 anos, que cumpram alguns requisitos considerados determinantes para poderem singrar na Europa⁸.

A idealização de uma vida de abundância material e exposição mediática desperta, se não inflama, o espírito dos jovens que buscam esse sonho e acabam na tentação de seguirem as propostas dos agentes não se firmando em nada mais do que as promessas que lhes são feitas, fora das quais não existe qualquer garantia concreta de segurança quando entram nos países de acolhimento.

Este fenómeno está a crescer em vários países da Europa ocidental e em Portugal também têm sido sinalizados muitos casos de entradas de jogadores africanos através de esquemas ilegais com o objetivo de os colocarem a treinar à experiência em clubes, principalmente de escalões secundários e amadores.

⁵ Ungruhe e Esson (2017).

⁶ Esson (2014).

⁷ Cf. Punch (2000).

⁸ O número de jovens que conseguem fazer uma carreira de futebolista de sucesso na Europa é muito reduzido, quando comparado com a quantidade de jovens que saem de África com esse sonho. Poli (2010a) refere que a imagem transmitida pelos agentes no processo de recrutamento é de que o sucesso na Europa para esses jovens está garantido, contrariando a realidade.

É uma história ‘exemplar’ – no sentido de refletir em circunstâncias particulares as condições mais ou menos recorrentes que se repetem quase invariavelmente em outras experiências de vida já identificadas pela literatura académica sobre o facto social em análise – que nos propomos tentar compreender na experiência concreta de um colaborador-participante. Esta dissertação pretende assim fazer uma análise aprofundada (e ‘empática’) do problema do tráfico de jovens jogadores de futebol⁹ através do testemunho direto de uma das suas vítimas, explicitando de forma pormenorizada as diversas fases do trajeto ‘físico’ e ‘emocional’ a que está sujeita.

Proceder-se-á a uma caracterização dos processos de abordagem do agente à vítima, no país de origem deste, das formas de contornar a lei para permitir a viagem para Portugal e das experiências testemunhadas ‘na primeira pessoa’ do processo de ‘fragilização progressiva’, identificando a arbitrariedade dos abusos e a inoperância de uma legislação que, se existe, é incapaz de proteger as vítimas e penalizar os prevaricadores, sejam eles ativos ou passivos.

O estudo tem ainda como objetivo perceber as motivações que levam ao tráfico de jovens africanos, como se procedem as suas captações e os integram em centros de treino de clubes portugueses sem qualquer tipo de controlo dos agentes legislativos ou desportivos. Neste caso em concreto, o nosso estudo de caso pretende descrever as várias fases do processo de tráfico e abandono do jovem jogador P* desde que foi recrutado num país da África lusófona até às diversas experiências de exploração sofrida em Portugal.

O fenómeno do futebol transformou-se num negócio milionário para os praticantes mais famosos e também para quem o gere, nomeadamente os principais acionistas das Sociedades Anónimas Desportivas, conseguindo fechar negócios muito rentáveis com a venda dos passes dos jogadores. Há ainda os agentes¹⁰, que beneficiam

⁹ Esson (2014)

¹⁰ O novo regulamento sobre agentes desportivos foi aprovado pelo Comité Executivo da FIFA em março de 2014. Ficou definido, desde logo, que a denominação de ‘agente’ desportivo seria alterada para ‘intermediário’. No entanto, nesta dissertação optámos por manter o termo ‘agente’ por estar ainda familiarizado com o fenómeno e, para além disso, esta designação está identificada na maioria da bibliografia que pesquisamos sobre o tema.

diretamente desses negócios dos jogadores através do recebimento de comissões e/ou percentagens do passe.

O volume de negócios com jogadores tem aumentado exponencialmente nas principais ligas europeias, com os clubes atentos às qualidades de jogadores oriundos de países de desenvolvimento incipiente¹¹ e a quem podem oferecer condições profissionais extraordinariamente aliantes para os atrárem ao negócio.

Existe uma preocupação vincada na prospeção de jovens atletas, potenciais futuros geradores de contratos milionários, ficando a responsabilidade das transações negociais entre o atleta e o clube a individualidades devidamente credenciadas pela FIFA, desde que seja feito de acordo com a legislação em vigor, determinada pelo organismo que tutela o futebol mundial.

No entanto, a rentabilidade do negócio despoletou nos últimos anos a criação de redes organizadas de migração ilegal de jovens, algumas com ligações diretas a dirigentes de clubes de futebol na Europa, que têm como objetivo descortinar jogadores muito jovens e com elevado potencial de rentabilidade, que se enquadram nas premissas da qualidade técnica e física e suscitem potencialidades de serem mais-valias para negócios milionários sustentados nas transferências dos passes.¹²

O principal nicho de mercado está localizado em países de África e da América Latina,¹³ onde residem populações desprotegidas em situações de pobreza extrema, mas com uma tradição popular de futebol, gerando verdadeiros ‘diamantes por lapidar’.¹⁴

Nas outras zonas do continente africano, e particularmente na África subsariana, os clubes de futebol têm sido negativamente afetados pela extrema pobreza, pela instabilidade política, pela má administração, pela corrupção, pelo fraco investimento estatal e pela interferência governamental.¹⁵

¹¹ A relação entre o ‘Primeiro’ e ‘Terceiro’ mundos interfere diretamente na relação de investigação (Valentine 2005), pelo que todos os esforços foram levados a cabo de modo a eliminar o mais possível a assimetria percebida na relação de interação.

¹² Bennhold (2006).

¹³ Poli (2006).

¹⁴ Estamos atentos aos avisos de Kobayashi (1994), sobre a projeção de estereótipos na relação de investigação.

¹⁵ Darby (2006: 423).

A proverbial resistência física dos jogadores africanos e qualidade técnica dos jovens da América Latina combinam com o estereótipo de um jogador de futebol com potencial. É, pois, em países desses dois continentes que existe o maior número de recrutamento de jovens, mas, por questões de pertinência desta dissertação, no âmbito do curso de Mestrado em Estudos Africanos, escolhemos dar especial incidência à problemática em África.

As realidades dos países africanos e da Europa ocidental são muito diferentes na constituição económica, organização social, e representação cultural. Esta dissertação não pretende explicitar os pontos mais relevantes que levam à diferenciação das sociedades, mas o modo como no contexto dessa diferenciação as conjunturas dessas realidades opostas se tornam operantes na experiência concreta dos jovens africanos no ‘mundo ocidental’.

A ideia da fama, a noção de que se pode ter acesso a uma riqueza obtida rapidamente, e consequente mobilidade e reconhecimento social¹⁶, são algumas das premissas dos mecanismos ‘de representação’ que entram nas vidas destes jovens por via das ‘indústrias de entretenimento’ globais.

A evolução da crescente disponibilidade mediática do futebol permite que os ídolos dos jovens sejam acompanhados quase em direto através dos múltiplos canais de comunicação: televisão, ecrãs de computador, internet, páginas de jornais¹⁷, etc., mas estes jovens não possuem acesso a uma informação realista sobre os riscos e experiências de insucesso experimentadas por milhares de jovens que são ‘descartados’ pelo mesmo processo que promove o sucesso de muito poucos. As famílias diretas alimentam o sonho destes jovens, porque nele pressentem uma oportunidade de melhorarem as suas condições de vida¹⁸. Jogar futebol em clubes de topo na Europa passa a ser o denominador comum desse sonho, para o jovem e para o agregado familiar.¹⁹

¹⁶ Langevang e Katherine VG (2009).

¹⁷ Thorsen (2006); Ungruhe (2010). O contacto com as novas tecnologias é um desafio para os jovens contemporâneos em contexto africano, participando de forma direta nos vários níveis da sociedade, adaptando-a à sua realidade.

¹⁸ Kastner (2014).

¹⁹ Kalir (2005).

Este trabalho teve a preocupação de descrever as mutações provocadas na vida de um jovem futebolista através das experiências vividas após a chegada a uma realidade social e cultural profundamente diferentes das suas de origem. As dificuldades de entrada em Portugal, relacionadas com o visto que estava a caducar, e o impacto de um clima completamente diferente foram os primeiros problemas sentidos pelo nosso colaborador-participante quando chegou a Lisboa, mas esses seriam problemas de menor relevância com o que se passaria nos anos seguintes. O relato na primeira pessoa transmite, de uma forma aprofundada, todas as expressões do sentimento, as oscilações quotidianas provocadas pelas diferentes fases e as consequências pessoais implícitas a esta difícil integração. É possível perceber que as vítimas vivem dominadas pelas rédeas da exploração humana que lhes nega qualquer dos direitos fundamentais emanados da Carta das Nações Unidas, tudo em razão dos objetivos de uma rede oculta que envolve as organizações desportivas e que têm em vista apenas a maximização do investimento.

O estado da Arte

Escolher um tema de dissertação de Mestrado em Estudos Africanos é um desafio difícil, mas cativante, pela pertinência de assuntos que suscitam a importância de compreender as práticas culturais, sociais, políticas e económicas de elementos de comunidades africanas.

No âmbito vastíssimo e multiforme dos Estudos Africanos existem realidades pouco abordadas relativas a ruturas individuais e familiares, que põem em questão a qualidade de vida, causam dificuldades de subsistência, induzem problemas de identidade, entre outros. É no contexto destas problemáticas que nos propomos fazer uma investigação científica, no sentido de encontrar respostas a questões surgidas ao longo do ano curricular do Mestrado e elaboradas de modo a poderem constituir-se como tema principal da dissertação de Mestrado.

Numa perspetiva de enquadramento no âmbito mais vasto considerado, pretende-se apresentar um trabalho de investigação relacionado com o tráfico humano de jogadores africanos de futebol a partir de um caso ‘exemplar’, dos muitos que estão hoje informalmente reconhecidos em Portugal.

Trata-se de uma problemática que afeta milhares de atletas oriundos daquele continente, jovens que procuram uma saída profissional de sucesso para melhorar as suas condições de vida social e, particularmente, económica, mas que não raramente acabam por ser enganados e deixados ao abandono num país que integram sempre com dificuldade por a sua cultura diferir radicalmente da cultura do país de destino²⁰. Para além disso, muitos dos jovens recrutados em África não possuem formação educacional que permita garantir bases de sustentabilidade na eventualidade de não conseguirem singrar na carreira futebolística, ficando totalmente desamparados e à mercê do destino.²¹

²⁰ Donnelly Petherick (2004) e Krushelnycky (1999) efetuaram estudos sobre jovens africanos migrados na Bélgica que foram abandonados sem qualquer apoio e transformaram-se em ilegais e, em alguns casos, esses migrantes recorreram à prostituição infantil como único meio de sobrevivência.

²¹ Van der Meij e Darby (2014)

Usualmente, a teia montada por alegados ‘agentes desportivos’ estabelece-se a partir de várias redes de tráfico ilegal²² que operam através do recrutamento em países africanos de incipiente desenvolvimento, a partir do contacto com as vítimas a que se promete um futuro de sucesso desportivo e profissional²³ em ligas europeias de Futebol profissional; este aliciamento estende-se às suas famílias, ponto sensível tocado no espírito dos jovens aliciados, tendo em conta as dificuldades económicas vividas pela maioria dos seus agregados familiares.²⁴

Este trabalho pretende levantar questões²⁵ e caracterizar alguns dos principais problemas associados ao tráfico de jovens jogadores de futebol, e contribuir para encontrar respostas que possam ajudar a atenuar a gravidade dos seus efeitos: nomeadamente tentando compreender como é montada a estratégia de aliciamento dos jovens, alguns deles com idades inferiores a 18 anos, os procedimentos que levam ao estabelecimento de contactos; identificar as formas de financiamento das viagens entre continentes e o modo como se processam os encontros e consequente apresentação desses jovens aos clubes de futebol que os recebem, identificando as principais contrapartidas que existem entre os mediadores deste processo de tráfico humano. Por fim, tentaremos caracterizar o mais adequadamente possível a realidade, oculta, mas bem real, das condições de vida dos jovens que acabam detidos e, em alguns casos, deportados para os seus países de origem.²⁶

²² Em alguns casos, existe o argumento de irem para outros países africanos para servir de ‘ponte’ para chegar à Europa. Esson (2015b) e Coe e Wiser (2011) referem um caso de agentes que prometeram aos jovens jogadores que poderiam aproveitar as Ilhas Maurício como porta de transição para a Europa. Mas quando os jogadores chegaram às Ilhas Maurício, perceberam que haviam sido enganados e não houve testes em nenhum clube. Alguns dos jogadores foram posteriormente presos por permanecer ilegalmente no país.

²³ Appadurai (1996) enquadra esta constatação na exteriorização de uma prática social coletiva para a construção de um futuro melhor destes jovens.

²⁴ André Gunder Frank (1969) referiu na sua teoria sobre o subdesenvolvimento dependente a importância da mobilidade dos jogadores africanos para a Europa na procura da estabilidade social e económica.

²⁵ Como Clifford et al (2016), perseguimos a intenção de delimitar questões robustas e respondíveis.

²⁶ Schapendonk e Steel (2014); van der Meij et al. (2016).

O ‘negócio’ de tráfico humano de jovens jogadores movimenta muitos milhões de euros e alimenta uma rede infindável de ‘agentes desportivos’ que, consciente ou inconscientemente, e sem qualquer preocupação pela defesa dos mais elementares direitos humanos, se dedicam a esta prática ilegal, sendo apelidados como indivíduos sem escrúpulos que passam por agentes de futebol.²⁷

Animados pela intenção de caracterizar as várias faces deste fenómeno, pretendemos fazer uso de múltiplas e diferenciadas fontes de informação que permitam designar, explicitar, interpretar e contribuir para solucionar o fenómeno na sua integralidade, desde o processo de recrutamento até às consequências sociais dele resultantes.²⁸

Tendo em conta as dificuldades encontradas para falar diretamente com algumas testemunhas que tínhamos sinalizadas, optámos por explorar o caso de um jovem da *²⁹ que foi sondado por um agente desportivo quando tinha acabado de completar 18 anos de idade.

Nas próximas páginas serão abordados o enquadramento conceptual e o trajeto metodológico utilizado para a recolha e tratamento posterior da informação, não deixando de caracterizar detidamente o impacto sofrido pelas alterações induzidas na sua vida. Não é abundante a informação sobre o fenómeno do tráfico humano de jogadores africanos de futebol, sobretudo em ambiente académico, que seria necessária para compreender extensamente as dimensões principais deste problema.

O primeiro passo para a compreensão das características gerais do fenómeno passou por um estudo prévio de contextualização genérica do tráfico humano de jogadores de futebol, para em seguida intentar reconhecer as linhas de investigação que pudessem com vantagem aplicar-se ao estudo do problema. No essencial as informações foram conseguidas através de uma avaliação genérica do atual estado da arte, que se

²⁷ Edwards (2015); Rawlinson (2009)

²⁸ Sobre as fases e elementos fundamentais de um trabalho de investigação, cf. Flowerdew e Martin (2005).

²⁹ Na versão publicada serão omitidas todas as referências que possam levar à identificação concreta do colaborador-participante, cujas entrevistas constituem a principal fonte de informação desta dissertação. Caso se considere pertinente, tal informação é disponibilizada aos elementos que constituem o júri de avaliação das provas públicas de defesa.

materializou em atenta pesquisa bibliográfica, permitindo isolar vários âmbitos de informação – encontrada em bibliotecas, bibliografias, livros, revistas científicas especializadas e documentos em plataformas da internet – pertinente ao estudo de caso da investigação. Com este propósito tivemos sempre em mente eliminar o mais possível, o ‘nevoeiro informacional’ de subinformação e pseudoinformação que “impede de visibilizar convenientemente a sociedade que se pretende estudar”.³⁰

Uma vez caracterizada genericamente a realidade social em que se insere o nosso estudo de caso, o objetivo seguinte passou por realizar uma investigação qualitativa, que englobasse “diferentes perspetivas de investigação: diferentes nas hipóteses teóricas, no modo de entender o seu objeto, e na perspetiva metodológica”.³¹

Far-se-á uso de técnicas de recolha de informação que especialmente permitam aceder ao domínio da subjetividade, crucial para tomar em devida consideração os efeitos provocados nas vítimas pela experiência do tráfico humano, e assim intentar compreender, na sua profunda articulação, as causas e consequências de todo o processo que, tendo o seu início no assédio ao jovem africano com promessas de sucesso jogando futebol em Portugal, passa pela sua integração muitas vezes clandestina num país europeu sem documentação legal, e não raro termina em forte constrangimento e consequente isolamento social, como veremos foi o caso do participante e colaborador nesta investigação.

De modo a identificar e interpretar os aspetos da experiência concreta do colaborador-participante no contexto da caracterização que já vai sendo feita no âmbito da literatura académica,³² far-se-á recurso a entrevistas³³ transcritas, respeitando, tanto quanto possível, a forma, segundo a qual foram registados os transcritos,³⁴ registos de

³⁰ Carmo e Ferreira (2008: 41)

³¹ Flick (2005: 17). Cf., Jackson (2001) para uma síntese clara, mas estamos atentos ao aviso de Crang (2002) sobre o ‘endeusamento’ dos métodos qualitativos e a sua atual dominação na investigação dos factos sociais.

³² A ‘standardização’ de que fala Strauss (1987) é em grande parte a adequação do texto do participante à rede conceptual da bibliografia académica relevante para o tema.

³³ Na sua forma essencial, como nos diz Dunn (2005:79), “Interviews [...] are verbal interchanges where one person, the interviewer, attempts to elicit information from another person”.

³⁴ Carmo e Ferreira (2008: 198).

observações, consulta de documentos escritos (pessoais e oficiais), fotografias e gravações de vídeo.³⁵

A consulta da bibliografia relativa ao tema consistiu num dos pontos de partida para a exploração analítica do problema em estudo, neste caso em particular sobre a questão do tráfico humano de jogadores africanos de futebol.

Existiu, desde logo, a preocupação de procurar minuciosamente a informação que circulou ou circula nas fontes jornalísticas³⁶ e, neste capítulo, houve alguns pontos a explorar. Desde logo a publicação de notícias sobre o tema em jornais generalistas ou da especialidade, revistas, reportagens televisivas ou audiovisuais.

Numa análise primária percebeu-se que existem casos de tráfico de jogadores identificados em Portugal, conforme pudemos constatar em várias notícias publicadas em jornais nacionais. Esta informação foi importante para explorar novos trilhos sobre a temática de estudo e encontrar ainda mais informação pertinente para realizar a investigação com o maior rigor científico possível.³⁷

Nestas fontes primárias, encontrámos informação sobre casos detetados de jogadores ilegais em Portugal, sem documentos ou com passaporte falso, e com as idades dos jovens adulteradas para esconderem a idade real (neste caso em particular por serem menores de idade e, como tal, estarem impedidos de celebrarem contratos profissionais com os clubes de futebol).

Ainda dentro das várias fontes de informação jornalística, encontrámos documentários em que os protagonistas são as próprias vítimas: trata-se de entrevistas realizadas com jogadores que em discurso na primeira pessoa relatam as formas de assédio que sofreram para serem convencidos a jogarem em Portugal, sempre associado a promessas de ganhos avultados, mais tarde constatando-se que a realidade seria bem diferente: deixados ao abandono, sem casa ou alimentos.

³⁵ Law (2004).

³⁶ Existem vários documentos noticiosos importantes sobre a temática do tráfico humano de jogadores de futebol que ajudaram a desenvolver o nosso trabalho.

³⁷ Cf. Baxter e Eyles (1997) sobre a importância do compromisso do investigador; cf. tb. Bradshaw e Stratford (2010) no desmantelamento da falácia de que o rigor é apanágio das técnicas quantitativas. Cf. tb. Lawson (1995).

Histórias dramáticas que vão sendo cada vez mais comuns e objeto de crescentes denúncias por parte do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol. Esta instituição tem sido importante para chamar a atenção e despertar a consciência pública. Foi inicialmente considerado associá-la às fontes de informação para este trabalho de investigação.

Também a Liga Portuguesa de Futebol Profissional e a Federação Portuguesa de Futebol, as principais entidades que regem a modalidade em Portugal, têm identificados casos de jogadores ilegais em Portugal e poderiam também disponibilizar informação importante.

Finalmente, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) foi contactado por considerar-se como uma ponte fundamental de transmissão de informação relativa a casos detetados de africanos ilegais, vítimas deste tipo de tráfico humano. Já passaram pelo SEF vários casos sinalizados de situação ilegal e que acabaram deportados para os seus países de origem em África. Porém, e como será explicado, algumas instituições que poderiam ter providenciado importantes informações para este trabalho não tiveram o papel desejado para melhor percebermos o fenómeno.

A bibliografia académica sobre o tema revelou-se naturalmente fundamental para municiar o trabalho de dissertação e ajudar inicialmente a desconstruir o conceito generalizado sobre o tráfico humano. Existem vários trabalhos científicos publicados sobre esta temática, assim como livros, revistas científicas, dissertações de Mestrado e teses de Doutoramento que ajudaram a perceber este fenómeno e a conformar o seu enquadramento conceptual.

No entanto, foi possível perceber ser ainda escassa a informação sobre o tráfico humano de jogadores de futebol, por ser um tema ainda pouco explorado em contexto académico e científico, tornando-se fundamental ter realizado um trabalho de campo com um estudo de caso para reunirmos o máximo de informação para desenvolver a rede de causalidade que estrutura o fenómeno social sobre que incide esta dissertação.³⁸

³⁸ Associando à entrevista uma copresença que se pode considerar de feição 'etnográfica'. Cf. Duarte (2009: 45-47) e o texto introdutório de Crang e Cook (2007); tb. Watson e Till (2010).

Como antes referimos, existindo casos já registados de relatos ‘na primeira pessoa’ por parte de algumas vítimas deste tráfico, perspetivámos a possibilidade de também podermos elaborar um trabalho de campo com algumas delas,³⁹ para melhor compreender o fenómeno e encontrar as respostas problematizadas neste trabalho; porém, o receio das vítimas em falar por medo de represálias criou-nos muitas dificuldades e optámos por fazer um estudo de caso ‘em profundidade’ com um único jovem.

A pesquisa no terreno foi preparada de forma a reunirmos todas as informações necessárias à elaboração de um relatório final, baseado nas questões básicas de investigação, ou seja, ‘quem’, ‘o quê’, ‘como’ e ‘quando’. Por isso, foram várias as formas de recolha de informação transcrita ou através de gravações. A especial sensibilidade do tema levou-nos a uma pesquisa minuciosa e subjetiva para nos apercebermos das principais expressões do estado emocional e comportamental do colaborador-participante.

Sendo este um estudo exploratório, que pretende sobretudo destacar uma experiência de vida individual como um caso ‘exemplar’⁴⁰ de uma realidade mais vasta, foi necessário providenciar um enquadramento fiável sobre a realidade social do indivíduo entrevistado e recolhermos a informação da forma mais imparcial possível.⁴¹

[...] o investigador é objetivamente um forasteiro que precisa de ganhar a confiança do grupo ou da comunidade onde se vai integrar. Para isso é recomendável a assunção de um papel que seja simultaneamente claro para a população alvo – por exemplo que não seja identificável com papéis antipáticos ou temidos – e de utilidade social reconhecida.⁴²

³⁹ Tendo chegado a pensar-se em trabalhar com entrevistas em grupo, modalidade de investigação que apesar das desvantagens de constrangimentos relacionados com a garantia de confidencialidade possui a enorme vantagem de uma interação multidirecional (cf. Stewart et al 2006 e Gregory et al 2009).

⁴⁰ ‘Exemplar’ não no sentido de uma ‘média’ genérica, mas com a intenção de “to understand how individual people experience and make sense of their own lives” (Valentine 2005: 111).

⁴¹ Ver Moser (2008) para o modo como as ‘personalidades’ do investigador e participante interferem na dinâmica da investigação.

⁴² Carmo e Ferreira (2008: 123).

Depois de todas as etapas do trabalho de campo estarem concluídas, foram reunidas e codificadas⁴³ todas as informações importantes abordadas no período de investigação, de modo a poderem confrontar-se com a bibliografia académica consultada, elaborando uma relação epistemológica que esperamos ter sido clara entre a informação concreta de um estudo de caso e as tendências mais genéricas que o corpo de investigação sobre o tema vai já enunciando sobre o fenómeno do tráfico humano de jogadores de futebol.⁴⁴

O guião das entrevistas serviu, essencialmente, para efeitos de comparação das respostas dadas pelo ator social durante as várias etapas de exploração, conseguindo retirar daí as devidas conclusões sobre a matéria em análise. Tendo em conta a complexidade do assunto, optámos por uma entrevista semiestruturada,⁴⁵ por estar enquadrada com os estudos exploratórios,⁴⁶ apresentando um nível de estruturação baseada na temática desta dissertação. Esta diretriz permitiu que a entrevista fosse feita pela interação direta (presencial) e semiestruturada de modo a vencer progressivamente o desconhecimento recíproco:

[...] quando vai começar uma entrevista, o investigador partilhou habitualmente pouca informação com o entrevistado (área livre pequena), sabe pouco sobre ele (grande área cega do entrevistador e secreta do entrevistado) encontrando-se este último na mesma situação (extensa área cega própria e secreta de quem o vai entrevistar).⁴⁷

⁴³ Cope e Kurtz (2016).

⁴⁴ Ver Strauss (1987), obra pioneira sobre codificação; para uma versão mais atualizada, e.g. Saldaña (2013).

⁴⁵ Seguimos a noção de Dunn (2005: 80) quando estabelece os tipos de entrevistas: “[...] i) structured interviews [...] more predetermined and standardised list of questions.. ii) [...] on the other end, unstructured interviews, such as oral histories, in this case conversation is directed by the participant [...] iii) in the middle, *semi-structured interviews* [s.n.], in some degree predetermined but with some flexibility”.

⁴⁶ Carmo e Ferreira (2008).

⁴⁷ Carmo e Ferreira (2008: 142).

Este estudo foi previamente programado através de uma calendarização minuciosa para gerir da melhor forma o investimento em tempo de contacto com o colaborador-participante. Tendo em conta a natureza da relação de investigação, foi necessário um ano letivo de trabalho para conseguir as respostas desejadas ao êxito da dissertação. Os passos dados foram calendarizados através de um cronograma para providenciar ao participante a evolução que se ia dispendo da informação e sua organização temática.⁴⁸ De uma forma muito resumida, podemos dizer que o trabalho se iniciou em setembro (início do ano letivo) e teve a sua conclusão em finais de julho. Começou com a pesquisa do estado da arte (fontes primárias e secundárias), seguiu-se o estabelecimento do enquadramento conceptual teórico, elaboração do plano de investigação e afinação das técnicas de recolha de informação, elaboração do plano das entrevistas, calendarização das entrevistas, realização das entrevistas, análise e tratamento de dados, interpretação dos resultados, e redação final da dissertação.

⁴⁸ Cf. Valentine (2005: 115).

O conceito de tráfico e a Declaração Universal

O desenvolvimento histórico da humanidade ao longo dos séculos revela, em muitos episódios, a ausência de direitos e garantias fundamentais para a igualdade de circunstâncias na obtenção da paz, justiça e equidade entre os povos, reconhecendo-se a existência de desprezo pelos direitos humanos, torturas, escravidão, genocídios e outras barbáries cometidas contra a família humana que comprometeram esses princípios fundamentais ofuscados pela recorrência desses crimes. As consequências da 2.^a Guerra Mundial provocaram um efeito nefasto à dignidade humana e fizeram despertar as consciências dos povos para encontrar formas resolutivas que pudessem garantir a segurança e a paz no mundo. Três anos após o final da 2.^a Guerra Mundial, os membros signatários da Organização das Nações Unidas (ONU) criaram, em 10 de dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, com a finalidade de garantir a cooperação entre os Estados Membros para o tratamento de forma equitativa e justa de todos os seres humanos, respeitando-os e garantido a liberdade de pensamento e de ações.

Essa declaração é composta por 30 artigos e o 1.^o é revelador sobre a intenção desta Declaração, quando diz que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”.⁴⁹ Ora, para o nosso caso em particular, constata-se que qualquer tipo de coação, privação da liberdade ou tráfico humano vai contra os princípios dos direitos do homem, sendo, por isso, um crime contra a humanidade. O artigo 4.^o é particularmente esclarecedor na questão do tráfico: “Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas”.

Também a União Europeia criou a Carta dos Direitos Fundamentais, em que esclarece que:

no respeito pelas atribuições e competências da Comunidade e da União e na observância do princípio da subsidiariedade, os

⁴⁹ DRE (2018).

direitos que decorrem, nomeadamente, das tradições constitucionais e das obrigações internacionais comuns aos Estados-Membros, do Tratado da União Europeia e dos Tratados comunitários, da Convenção europeia para a proteção dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais, das Cartas Sociais aprovadas pela Comunidade e pelo Conselho da Europa, bem como da jurisprudência do Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias e do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem.⁵⁰

Esta carta tem 54 artigos, e no ponto 3 do artigo 5.º refere que “É proibido o tráfico de seres humanos”.

A preocupação pelos direitos humanos reflete-se nas declarações atrás mencionadas, embora não esteja descrito com exatidão a configuração contextual sobre o tráfico de escravos/humano⁵¹. Para desconstruir esta premissa e enquadrá-la com o nosso estudo de caso é importante fazermos um enquadramento histórico do problema e apresentar a sua evolução cronológica, baseados nas Convenções de Genebra e no Protocolo de Palermo. Desde logo, constata-se que as Convenções sofreram vários protocolos de emenda e a de 1949

veio valorizar a dignidade e o valor da pessoa humana, como bens afetados pelo tráfico, o qual põe em perigo o bem-estar do indivíduo, da família e da comunidade. Vítima pode ser qualquer pessoa, independentemente de sexo e idade.⁵²

Havia, pois, uma aproximação à defesa das vítimas do tráfico humano que, na altura deste protocolo, entravam na teia da prostituição de mulheres, exigindo, por isso, uma preocupação crescente para a proteção destas vítimas. A ineficácia dos tratados levou

⁵⁰ JOCE (2000:8).

⁵¹ A ONU publicou um relatório em 1999, fazendo referência para o perigo de criar um moderado tráfico de escravos em jovens futebolistas africanos (Bale, 2004).

⁵² Castilho (2007:3).

a comunidade internacional a realizar várias conferências e validar declarações de defesa pelos direitos das mulheres e crianças, vítimas de tráfico para exploração sexual.

A definição de tráfico começou a ser mais clarificadora após a resolução da Assembleia Geral da ONU, realizada em 1994, em que definiu o tráfico como

o movimento ilícito ou clandestino de pessoas através das fronteiras nacionais e internacionais, principalmente de países em desenvolvimento e de alguns países com economias em transição, com o fim de forçar mulheres e crianças a situações de opressão e exploração sexual ou económica, em benefício de proxenetas, traficantes e organizações criminosas, assim como outras atividades ilícitas relacionadas com o tráfico de mulheres, por exemplo, o trabalho doméstico forçado, os casamentos falsos, os empregos clandestinos e as adoções fraudulentas.⁵³

Nas várias propostas de resolução da comunidade internacional, existiu uma preocupação crescente de proteção das mulheres e crianças, vítimas do tráfico humano, mas houve a necessidade de generalizar o problema e estender a proteção a todos os seres humanos que fossem alvo de tráfico, baseado em determinadas premissas. Por isso, a ONU criou em 1999 um comité intergovernamental para preparar uma convenção internacional, com o propósito de lutar contra a criminalidade organizada transnacional e encontrar instrumentos protetionistas das vítimas do tráfico, tendo como resposta ao trabalho do comité intergovernamental a aprovação do Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional, relativo à Prevenção, à Repressão e à Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças.

Este protocolo aborda com maior especificidade o posicionamento atribuído às vítimas de tráfico humano, quando refere no artigo 3.º, alínea a), que

⁵³ Castilho (2007:4).

por “tráfico de pessoas” entende-se o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou ao uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou de situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tem autoridade sobre outra, para fins de exploração. A exploração deverá incluir, pelo menos, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, a escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a extração de órgãos.⁵⁴

A visão de Jesus⁵⁵ sobre a problemática do tráfico aborda a particularidade da envolvimento de um indivíduo ou um grupo de indivíduos que alicia e explora a vítima em formas variadas, podendo ser através de práticas de escravidão ou similares, como a exploração ou trabalho forçado. O autor refere ainda que o consentimento da vítima em seguir viagem para outra região ou país não exclui a culpabilidade dos traficantes ou dos exploradores na prática do tráfico, nem limita o direito que a vítima tem à proteção oficial.

Esta argumentação metodológica de Jesus enquadra-se na tipologia do tráfico de jogadores de futebol, na medida em que as vítimas sinalizadas em Portugal entraram no país sem qualquer pressão coerciva, física ou psicológica, mas foram manipulados e enganados pelos agentes através da vulnerabilidade dos jovens, utilizando promessas idealizadas e construídas no pensamento da vítima de que iriam ser jogadores de futebol em clubes europeus mediáticos, garantindo a fama, dinheiro e estabilidade social. Ou seja, a vítima foi conduzida a falsas promessas que a fez entrar rede do tráfico conduzida por grupos criminosos organizados, em que o objetivo são os ganhos financeiros através da exploração. Poli⁵⁶ descreve este cruzamento como sendo “tráfico de seres humanos através do futebol” porque, em alguns casos, os jogadores celebram contratos com os clubes, mas de natureza exploratória.

⁵⁴ Sinus (2018).

⁵⁵ Jesus (2003).

⁵⁶ Poli (2010b:12).

O Protocolo de Palermo entende que o conceito de ‘criança’ é qualquer pessoa com idade inferior a dezoito anos (alínea d, do artigo 3.º) e para contornar esta norma, a rede de traficantes utiliza o esquema de falsificação de documentos para dar uma idade mais avançada aos jovens e, dessa forma, evitarem as abordagens nos serviços alfandegários nos países de destino. O esquema para que os jovens aparentem ser maiores-de-idade também serve como suporte para os agentes tentarem negociar com os clubes sem a necessidade de terem uma autorização assinada pelos pais dos jovens, uma norma inserida na Carta de Transparência Ética firmada pela FIFA para a condução legal das transferências de jovens jogadores.⁵⁷

⁵⁷ Esson (2014).

Capítulo 1. O trajeto metodológico

O fenômeno do tráfico de jogadores africanos tem despertado o interesse crescente da comunicação social europeia, principalmente pelo aumento de sinalização de casos em países desenvolvidos do Ocidente. Esse aumento de informação jornalística, na esfera da imprensa escrita e reportagens televisivas, permitiu que pudéssemos efetuar uma recolha de fontes primárias importantes para o levantamento do problema e proceder à organização da formulação de questões a serem feitas ao participante deste estudo de caso, enquadradas pelos temas que principalmente se vêm definindo como prioritários na literatura académica mais recente sobre o tema.⁵⁸

1.1. Interação

As fontes secundárias disponibilizadas sobre o tema do tráfico de jogadores de futebol não são extensas porque este fenómeno ainda não tem um aprofundamento científico que possa ter gerado bibliografia abundante.⁵⁹ Porém, ainda assim foi possível encontrar, através de pesquisa em bibliotecas e repositórios científicos credibilizados, alguns artigos científicos de autores que abordam o problema com uma visão panorâmica do problema, permitindo que pudéssemos ficar em terreno firme ao trabalhar sobre esta realidade.

Depois de ter sido feito um estudo aprofundado do problema através de análise das fontes primárias e fontes secundárias foi possível analisar esta realidade nos elementos principais que a constituem⁶⁰ e elencar um conjunto de questões ordenadas por temas, mas dotadas de alguma flexibilidade de modo a promover formas mais abertas, de modo a que o participante pudesse dispor de alguma liberdade durante as entrevistas e a elas pudesse responder com a maior abertura possível.⁶¹

⁵⁸ Cf. Rocheleau (1995).

⁵⁹ Ver os alertas de Tyldum e Brunovskis (2005).

⁶⁰ Todas as fases da rede do tráfico e as consequências sociais serão explicadas ao longo desta dissertação.

⁶¹ Como adverte K. Dunn (2005:81), “it is not possible to formulate a strict guide for every interview”.

A interação⁶² entre as partes durante a realização das entrevistas foi feita através de uma metodologia que permitiu uma entrada abstrata na realidade do participante, através de questões generalistas e pouco intimistas, evitando o impacto sentimental do participante que pudesse levá-lo à inibição nas respostas.

A ordem das questões feitas nas entrevistas ao participante teve um fio condutor baseado nas leituras dos artigos científicos sobre o tema, para seguir a mesma lógica e perceber as semelhanças e diferenças no fenómeno, com base dos estudos já feitos sobre esta matéria. Como foram entrevistas semiestruturadas, deu-se prioridade à flexibilidade das respostas do participante para aprofundar a máximo a questão.⁶³

A ordem das questões colocadas nas entrevistas ao participante teve um fio condutor que nos levou às respostas desejadas para a desconstrução do problema. No entanto, optou-se pela abertura nas perguntas e nas respostas com o objetivo de criar uma atmosfera sem condicionamentos, mas sempre com a preocupação de as direcionar para a problemática em estudo. No termo de cada sessão de entrevistas, recolhíamos o maior número possível de pistas de investigação que acompanhavam o registo final da transcrição.⁶⁴ Ao participante foi pedido que lesse quer os transcritos quer as notas de investigação, de modo a poder firmar a exatidão da transcrição e a pertinência consensual da investigação que se desenhava a partir delas.

O processo de entrevistas ao participante foi dividido por temas e repetido três vezes para poder existir confrontação na argumentação, confirmação da sua exatidão e pertinência, além de novos dados que não tivessem sido abordados em entrevistas anteriores, mas adquirissem uma centralidade fortalecida pelo desenvolvimento da interação da conversação. Entre a primeira e a segunda entrevistas e entre a segunda e terceira entrevistas, foram utilizados ‘estímulos de descentração’⁶⁵ (dispositivos gráficos sobre que se pediu comentários ao participante) para de algum modo espoletar reações mais emocionais do participante relacionadas com os temas abordados previamente. Na

⁶² A entrevista é essencialmente uma forma de interação social; e, como tal, não existem atalhos para uma adequada conversação (Valentine, 2005).

⁶³ Longhurst (2016).

⁶⁴ Cope (2016).

⁶⁵ Kitzinger (1994) defende a incorporação de elementos não textuais ou situações não verbais de modo a distender o diálogo e promover maior interação e profundidade da entrevista.

primeira fase confrontámos o entrevistado com mapas geográficos impressos em papel, onde estavam sinalizados todos os pontos de localização por onde passou durante o processo do tráfico (no seu país em e Portugal). Esta interação foi importante para percebermos os estímulos acionados e a reação de confrontação com o mapeamento do seu trajeto de vida.⁶⁶ Na segunda transição, optou-se por apresentar uma coleção de imagens alusivas às aspirações e expectativas que P* havia referido como cruciais na sua determinação de ‘dar o salto’ para a Europa. Finalmente, na terceira transição, colocámos P* a confrontar com excertos das entrevistas e convidámo-lo a selecionar as partes que mais o marcaram.

A pesquisa preparatória para a realização desta dissertação permitiu a recolha de informação necessária para se dotar de uma visão genérica, mas fundamentada do problema do tráfico de jogadores africanos de futebol e identificar os vários passos do fenómeno, que começa na abordagem às vítimas nos seus países autóctones, passando depois pela viagem até aos países europeus de acolhimento e subsequentes suas experiências pessoais diferenciadas.

Esta dissertação teve como objetivo perceber a relevância do fenómeno em território português e, para isso, houve a necessidade de recolher o máximo de informação com o participante através de entrevistas semiestruturadas, que permitiu ter uma visão comparativa com a realidade do fenómeno já descrito em vários artigos científicos.

O tratamento de um fenómeno social desta natureza pode privilegiar estruturas quantitativas e/ou qualitativas.⁶⁷ Para este trabalho em particular, mais do que perceber a ‘extensão’ (estatística) do problema a uma escala macro, pretendemos através das entrevistas com o participante fazer um aprofundamento pessoal das vivências concretas do problema, exercendo e ultrapassando a barreira da subjetividade de modo a trazer à discussão as suas experiências de vida.⁶⁸ A linha temporal do estudo de caso inicia-se nas suas práticas de futebolista ainda no país de residência e prolonga-se até à atualidade. A

⁶⁶ Sobre a ‘imaginação geográfica’ e o seu papel em investigação dos factos sociais cf. Cloke et al. (2004).

⁶⁷ Sobre o tipo de informação que pode recolher-se através de metodologias qualitativas, cf. Miles e Huberman (1994) e Kitchin e Tate (2000).

⁶⁸ Sobre os limites do cálculo e das abordagens quantitativas, cf. Barnes e Hannah (2001).

metodologia de entrevistas semiestruturadas permite canalizar as ideias para o objetivo da investigação e abre espaços para o participante revelar novos dados que podem ser valiosos para a plena caracterização do fenómeno, identificando os principais problemas a ele associados e o delineamento consensual de algumas soluções.⁶⁹

A sensibilidade do tema em análise provocou dificuldades no recrutamento de participantes para alimentar esta dissertação. O primeiro passo passou por encetar contactos junto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e do Sindicato dos Jogadores por serem as instituições oficiais que detetam e denunciam os casos concretos relacionados com a situação de ilegalidade de jogadores de futebol em Portugal.

O contacto foi feito por e-mail para as duas instituições e as respostas que obtivemos nos dois casos foram demoradas, mas houve uma abertura de colaboração com o nosso trabalho. Posteriormente tivemos uma reunião com um inspetor do SEF a quem apresentámos a intenção de chegarmos à conversa com algumas vítimas para desenvolvermos uma investigação estatística e qualitativa sobre a rede do tráfico.

A primeira resposta foi positiva, mas depois, num contacto via e-mail, foi transmitido que os jogadores que se enquadravam na investigação revelaram receios de sofrerem represálias por falarem sobre o tema. Houve outros atletas que não quiseram falar pelas dificuldades que sentiam em lembrar os episódios de um passado que pretendem esquecer em definitivo.

Em relação ao Sindicato dos Jogadores, a conversação foi sempre feita pela via eletrónica e numa primeira abordagem houve a abertura de nos fornecerem contactos de jovens que viveram o tráfico. No entanto, esta possibilidade não se verificou porque as respostas dos jogadores contactados foram idênticas às dos mencionados pelo SEF.

Atendendo às extremas dificuldades em recolher depoimentos das vítimas, optámos por avançar com um estudo de caso aprofundado com um jovem de um país da África Lusófona que se encontra em Portugal e passou por todo o processo do tráfico descrito neste trabalho e semelhante aos que identificámos na literatura académica sobre o tema. A forma de chegarmos à conversa com P* foi facilitada pelo facto de o autor desta

⁶⁹ Cf. o texto introdutório de DeLyser et al, eds (2010).

dissertação, no âmbito da sua atividade de jornalista, conhecer previamente a sua situação.⁷⁰

Na fase preliminar de construção desta dissertação houve ainda a tentativa de entrar em contacto com algumas vítimas do tráfico de jogadores através das redes sociais. As leituras efetuadas sobre este tema encaminharam-nos para tentativas de recrutamento de alguns potenciais participantes, levando desse modo a um contacto via internet.⁷¹ Das várias tentativas, apenas um jovem nigeriano respondeu à solicitação, conforme se pode ler:

Nice getting to meet you, sir, but I'm really sorry, I can't go through that right now it costs me a lot and I'm trying to let my past be so I want to leave it that way it's something that I wish not to remember every bit of it I'm sorry and hope the rest investigation you did would help in your scientific work. All the best and thanks.⁷²

A ausência de respostas e a recusa de participação na dissertação revelou a impossibilidade de recrutarmos participantes por esta via.

O primeiro contacto pessoal com o nosso participante foi feito no interior da viatura⁷³ do autor da dissertação, por iniciativa do participante deste estudo de caso. Tentámos numa primeira abordagem perceber qual seria o local mais apropriado⁷⁴ para desenvolvermos as entrevistas e constatámos que o participante se sentiria mais confortável num espaço reservado e ausente de pessoas. Questionámos na segunda

⁷⁰ Com Valentine (2005: 113), estamos cientes do modo como a identidade do investigador, apercebida pelo participante, pode influenciar as suas respostas.

⁷¹ Cf. McDowell (1997) sobre algumas vantagens e desvantagens da não-proximidade física. Para estudos exemplares em plataformas digitais, cf. Madge e O'Connor (2002) ou Hanna (2012).

⁷² Mail pessoal recebido no contexto de uma interação online com um jovem jogador nigeriano.

⁷³ Cf. Longhurst et al (2008), Dewsbury (2010) ou Pile (2010) sobre o carácter da utilização do contacto corpo real como instrumento de pesquisa intensiva.

⁷⁴ Não existem lugares de entrevista 'mais e menos adequados', (Cain 2011) apenas cada situação pode determinar o grau de adequação.

entrevista se preferiria conversar num espaço público, mas a resposta foi negativa.⁷⁵ O lugar de conversação manteve-se sempre o mesmo.⁷⁶

Por uma questão de aprofundamento da entrevista e para uma recolha fidedigna dos dados, entendemos que todos os contactos deveriam ser presenciais. Esta interação permitiu-nos uma recolha de dados mais precisa e, em simultâneo, foi possível observar as expressões corporais e emocionais do participante ao longo do desenrolar das questões.

A utilização de uma modalidade semiestruturada foi importante para o participante poder desenvolver as várias fases do seu testemunho e ainda colocar de parte qualquer inibição que pudesse existir na interação com o investigador. Para ultrapassar a fase da desconfiança e da inibição, optámos por realizar uma primeira entrevista genérica, de modo a quebrar as barreiras do constrangimento inicial inevitável entre duas pessoas recém conhecidas. Este processo foi importante para a sua tranquilização do participante na relação de interação e levou a que todas as barreiras de comunicação entre os dois atores fossem progressivamente desmanteladas.

No primeiro contacto pessoal entre o entrevistador e o entrevistado foi perceptível algum desconforto por parte do nosso participante. O desconhecimento real sobre o objetivo das entrevistas provocou alguma desconfiança e colocou uma leve barreira comunicacional, que foi progressivamente desmantelada com a explicação pormenorizada do motivo e objetivos deste trabalho.⁷⁷

Aos poucos, o participante foi ficando mais acessível e conseguiu-se eliminar com êxito a inibição inicial, existindo momentos em que foi o próprio participante a iniciar conversações sobre o tema que não estavam a ser exploradas naquele momento.

O modo de interação utilizado na entrevista pretendeu interpretar alguns sinais emitidos pelo entrevistado que demonstrassem abertura para abordar os temas sem uma lógica de organização temporal das questões. O entrevistador tentou transmitir uma postura de liderança na condução das entrevistas, mas sempre com a preocupação de

⁷⁵ Por opção do participante, que respeitamos sempre, não nos foi possível levar a cabo entrevistas no 'seu ambiente', como aconselha Duffy et al (2011).

⁷⁶ Privilegiamos sempre a facilidade da interação sobre outras considerações metodológicas. Cf. Bedford e Burgess (2001) e Cameron (2005).

⁷⁷ Cf. Cope (2002).

perceber as reações emocionais do entrevistado,⁷⁸ baseando-se nesta premissa para definir um fio condutor para a organização dos temas da conversa.

As conversas entre os dois intervenientes (entrevistador e entrevistado) foram mantidas em contacto presencial e direto, os diálogos gravados em suporte áudio digital, garantindo a sua exata fiabilidade da transcrição posterior.

A primeira intenção foi sempre promover o máximo de interação entre os intervenientes, permitindo que a conversa fluísse e pudesse descortinar novos caminhos que levaram à aquisição de novos dados importantes para a compreensão dos diversos elementos necessários à plena e exata (tanto quanto possível) caracterização do problema.

Apesar do carácter mais ou menos informal das entrevistas, em relação ao elenco das questões, foi utilizado pelo entrevistador um tom de voz vinculativo para atribuir um distanciamento exigido e firmar o posicionamento na interação.⁷⁹ As entrevistas foram divididas em três temas principais:⁸⁰ o poder, a representação e a prática, e para recolher o máximo de informação possível, entendemos realizar três entrevistas sobre cada um dos temas.⁸¹

A transcrição das conversas foi feita após a realização de cada entrevista. O entrevistador teve a preocupação de ouvir uma primeira vez antes de iniciar a transcrição e só depois procedeu à recolha exata da informação, transferindo-a *ipsis verbis* para um documento de processador de texto.

⁷⁸ Sobre a obrigação metodológica de incluir as emoções na investigação, cf. Anderson (2016) e Bondi et al (2017).

⁷⁹ Questionando, contudo, os limites de ‘posicionalidade’ (ou seja, os mecanismos de formação de identidade e alteridade) exercidos na relação de interação (Valentine 2002).

⁸⁰ A estruturação geográfica da vida social deve sempre contemplar uma diferenciação escalar (macro, meso, micro) do objeto de estudo que naturalmente se repercute também na investigação (análise dos fenómenos de ‘espaços do poder’, ‘paisagens de representação’ e ‘lugares de prática’). Cf. Holloway e Hubbard (2001), Frey (2001) e Elden e Crampton (2007). Uma síntese clara da relação entre as estruturas espaciais e sociais pode ler-se em Soja (2010).

⁸¹ Foi notória a evolução crescente da ‘dinâmica’ (Cameron 2005: 117) da interação na passagem do primeiro para o segundo ‘set’ de entrevistas.

Ao longo das entrevistas, o participante utilizou variadas expressões verbais (e não-verbais)⁸² que identificavam o seu estado de espírito.⁸³ Para melhor enquadrar as formas com o léxico apresentado, optámos por colocar uma palavra identificativa por inclusão entre parênteses retos.⁸⁴

O aprofundamento deste estudo de caso exigiu uma abertura total por parte do nosso entrevistado de modo a ser possível recolher o máximo de informação sobre a sua experiência.⁸⁵ Uma das premissas acordadas entre as duas partes foi naturalmente a de que se estaria garantida total confidencialidade sobre a matéria exposta, bem como a preservação absoluta da sua identidade.⁸⁶

Para além do anonimato, existe o compromisso de total omissão dos lugares identificados pelo entrevistado, bem como o nome das pessoas que se cruzaram nas suas vivências durante o espaço temporal deste estudo. Os nomes dos clubes envolvidos na rede do tráfico e da ilegalidade também não serão divulgados.⁸⁷

Ficou acordado que o participante neste estudo tem o pleno direito em solicitar a exclusão na tese de qualquer descrição que entenda não corresponder à realidade.⁸⁸

O participante tem o direito de receber uma cópia da dissertação antes de ser impressa a versão final para apresentação e defesa pública.⁸⁹

⁸² Cf. Hucheson (2013), sobre a importância e modalidades de registo das expressões faciais e corporais.

⁸³ Sobre a importância da influência da ‘alteridade linguística’ na interação em contexto de entrevista, cf. Fairclough (1989). Cf. tb. Tonskiss (2004).

⁸⁴ Ver Dunn (2005: 98) para exemplos de notações especiais de registo de marcas não textuais.

⁸⁵ Com Folch-Serra (1990), procurámos não prescindir da voz do participante como a tradução da ‘geografia de poder’ que a conformou.

⁸⁶ Cameron (2005: 122).

⁸⁷ Far-se-á uso do comum ‘asterisco’ (*) sempre que ocorrer uma ocultação de elementos de identificação. Cf. Smith (1994) ou Winchester (1996) sobre os ditames éticos da responsabilidade profissional em situações de interação feridas de profunda alteridade.

⁸⁸ A assunção dos direitos do participante em nada retirou à dinâmica da interação um posicionamento claro do entrevistador, que sempre pretendeu cumprir os conselhos de Krueger e Casey (2000: xi): “[...] listening is about paying attention, being open and being non-judgemental”.

⁸⁹ Sobre a possibilidade de identificar os participantes como coautores de um trabalho de investigação, cf. Pratt e Philippine Women Centre (1999) ou Sangtin Writers e Nagar (2006).

1.2. Interpretação

A estabilização da informação ao redor dos temas principais de interpretação decorreu de um processo de aproximação progressiva da informação registrada nas entrevistas e dos temas que recolhemos a partir da leitura da bibliografia acadêmica. Dedicou-se alguma atenção a que esse processo estivesse fundado em práticas de rigor da leitura dos transcritos, atribuindo parâmetros comuns às várias entrevistas. Iniciando com codificações da informação relativamente simples, estas foram progressivamente reunidas em âmbitos mais vastos de modo a fornecer uma visão mais integrada do todo.

Para o processo de definição progressiva dos temas de interpretação, foi importante confrontá-los com a leitura por outras pessoas, nomeadamente a colegas do mestrado, a quem pedimos que confirmassem a eventual adequação da informação presentes nos transcritos e a abstração progressiva de que foram objeto. Alguns componentes foram seguidos em momentos iniciais e posteriormente abandonados por parecerem não constituir linhas seguras de interpretação. A principal intenção foi sempre a de não insistir em demasia em elementos de interpretação retirados da bibliografia acadêmica mais genérica e a partir deles forçar em demasia a exposição de P*.⁹⁰

Se devemos a algumas pessoas a vantagem de ver múltiplos pontos de vista no resultado das entrevistas, mais o devemos ao participante deste estudo. P* ajudou-nos a rever e a firmar mais consistentemente o material que se ia produzindo. Esta interação ‘de segunda ordem’ não apenas permitiu uma maior consistência da elaboração da interpretação, como também proporcionou, queremos acreditar, numa consciencialização progressiva, por parte de P*, das várias ordens de contextualização da sua experiência – um poder mais do que participante, ‘emancipador’, que é sugerido como objetivo central em muita da bibliografia mais recente.⁹¹

⁹⁰ Como exemplo, refira-se o caráter ‘traficante’ das migrações normalmente apresentadas nos casos de estudo da bibliografia internacional e que não parece ter tido uma obscuridade equivalente, apesar de tudo, na experiência de P*.

⁹¹ Cf., e.g., Pratt e Philippine Women Centre (1999) ou Sangtin Writers e Nagar (2006) para exemplos de coautoria. Para uma contextualização geral cf. Jackson (2001); Silverman (2001) e, por todos, por mais recente, Hay (2016).

Os materiais utilizados neste estudo pertencem quase integralmente aos gerados pela própria investigação. Ainda assim fizemos uso, sempre que possível, a materiais pré-existentes, sobretudo na forma de transcritos de entrevistas de estudos similares, gerados independentemente deste estudo. Porém, devemos reconhecê-lo, não se fizeram incursões em materiais de outra natureza, com exceção do vasto material jornalístico a que antes fizemos referência.

Em todo o caso, fizemos acompanhar a análise propriamente textual dos transcritos por elementos gráficos de síntese que dessem corpo aos temas que se iam desenhando como prioritários e cuja elaboração se fez em conjunto com P*. Deste modo cremos ter expandido a visão-de-conjunto e a profundidade da sua significação não apenas do ponto de vista do investigador, mas também do participante, em relação com a tripla abordagem meta-temática dos espaços de poder, paisagens de representação e lugares de prática.

Ao longo do processo ‘iterativo’ de constituição dos temas de interpretação, não se prescindiu nunca de regressar ao texto do transcrito ou a uma nova interação caso uma dúvida surgisse na interpretação da informação como um todo – com a intenção de nunca sobrepor a ‘voz’ do investigador à do participante. Esta postura exige naturalmente manter constantemente o ‘espírito aberto’ e evitar que estereótipos ou elementos de senso comum que sempre acompanham a interpretação pudessem adquirir um peso excessivo. Foram por isso necessárias várias leituras de um texto que ora se ‘abria’ num todo significativo ora se aferrava a deixar ‘ler’ em profundidade. Em todo o caso certos elementos de interpretação acompanharam-nos desde o início, especialmente: o ‘desconhecimento’ que P* detinha do processo de ‘viagem’ que o traria a Portugal; a persistência, apesar de tudo, da valorização da vida de futebolista; finalmente, o ‘comando’ do seu quotidiano por uma ‘força de vontade’ inquebrantável, mesmo quando desconhece a força e o modo de funcionamento da ‘estrutura’ que lhe determina a vida profissional e já não acredita nos mesmos ‘sonhos’ de quando saiu do seu país.

Ao longo do processo de interpretação da informação gerada pelas entrevistas, tivemos em consideração a intenção ‘qualitativa’ da interpretação, isto é, responder ao desafio de procurar rigor e profundidade em dados não tratados quantitativamente. Com

esse objetivo foi necessário codificar os *temas* de interpretação que, com o maior grau de fidelidade possível, pudessem respeitar a situação concreta vivenciada pelo participante neste estudo. A busca destes temas principais tornou-se assim um processo – repetido, por vezes de difícil delimitação, mas finalmente evolutivo – que a partir da grande diversidade das informações parcelares pudesse identificar recorrências e destacar tendências que permitissem aprofundar conceptualmente a história ‘exemplar’ de P*. A ‘ida e vinda’ aos elementos dos transcritos e à literatura académica foi progressivamente definindo aqueles que nos pareceram os âmbitos mais relevantes da interpretação.

A necessidade de definir questões relevantes do ponto de vista da bibliografia de partida, por nós inicialmente considerada na elaboração inicial do ‘estado da arte’, levou a que privilegiássemos não só as questões que esta considera importantes (‘rearranjadas’ de acordo com a estrutura ‘trans-escalar’ que pretendíamos estivesse presente na interpretação do facto social) mas também em poder iluminar pontos de vista que diretamente se relacionam com a atividade de P*.⁹²

Logo desde o início da referida ‘ida e vinda’ ao texto dos transcritos que se registaram alguns elementos de caracterização da informação: de facto, no próprio momento da entrevista se registaram notas escritas que levantavam pistas que posteriormente se seguiram, algumas revelando poder interpretativo, outras não.⁹³ Deu-se especial importância aos elementos que se repetiam ao longo das séries transcritas, bem como a algumas inconsistências, esta últimas objeto de especial atenção no segundo ‘set’ de entrevistas. Contudo, ao fim da análise do primeiro ‘set’ de entrevistas, estavam já definidas algumas linhas de atuação que se reforçaram posteriormente. A indisponibilidade progressiva de P* ao longo da parte final do cronograma de entrevistas (relacionadas com a sua situação judiciária) impediu que desenvolvêssemos em toda a profundidade as linhas de interpretação que se definiram, tendo-se ainda assim conseguido terreno firme para as principais dentre elas.

A definição dos temas ao redor dos quais pretendíamos organizar a interpretação passou por estabelecer a análise do texto dos transcritos a partir de uma prática analítica

⁹² Cf. Clifford et al (2016: 4-5).

⁹³ Cf. Cope (2016).

dotada de um poder progressivamente mais exemplar e menos episódico. Interessava-nos por um lado a recolha de categorias simples, como repetições ou contradições no texto transcrito, mas também a possibilidade de as integrar em temas mais abrangentes e mais diretamente relacionados com as questões de grande alcance relativas às experiências partilhadas por outras pessoas em situações semelhantes.

Assim, o sistema de registo e codificação foi levado a cabo, partindo da identificação de simples elementos informativos até à sua conjugação e integração em temas mais vastos e aprofundados. Optámos pela via ‘clássica’ e não sentimos necessidade de recorrer a nenhum dos vários programas automáticos de codificação (vulgo CAQDAS)⁹⁴; tal deveu-se sobretudo porque a informação retirada de uma série não extensa de entrevistas a um único participante não resultou em material muito abundante. Assim, preferimos a via mais tradicional, enriquecida com o diálogo permanente com o participante, acreditando que o rigor não depende da computação automática mas da gestão cuidadosa e criteriosa da informação.⁹⁵ E embora estejamos cientes de que existam propostas cada vez mais insistentes de normalização na análise qualitativa, cremos também que a análise qualitativa será sempre definida pela interação intersubjetiva e assim definida pela relação íntima e quase intransmissível do investigador com o(s) participante(s).⁹⁶

Numa primeira fase identificámos breves expressões do texto (e notas sugeridas pela reação corporal no momento da entrevista). Esta codificação simples, de âmbito meramente descritivo (e.g. as referências a dinheiro, fama, pessoas, etc...), foi desde início confrontada com conceitos teóricos da literatura académica sobre o tema e assim articulados ao redor de problemas que nos interessava destacar, como sejam a espacialidade da estrutura de poder, as várias dimensões que organizavam as expectativas do participante e os estados de espírito associados às várias fases cronológicas de todo o processo. A fase intermédia da análise é por isso o momento porventura mais difícil de lidar e em que, admitimos, mais influência possa ter na nossa própria intervenção como investigador.

⁹⁴ Computer Assisted/Aided Qualitative Data Analysis Software.

⁹⁵ Baxter e Eyles (1997).

⁹⁶ Strauss (1987). Para o carácter ‘etnográfico’ inevitável da interação, cf. Watson e Till (2010).

O suporte informático da análise da informação de facto resumiu-se a uma folha de cálculo onde se construiu uma matriz ‘viva’ em que as imensas colunas dos códigos mais simples e descritivos se foram progressivamente consolidando nos temas axiais que vieram a dar corpo à estrutura da parte interpretativa e que se reflete no índice deste trabalho.

Assim a primeira versão da folha de cálculo apresentava ainda uma organização fortemente ‘pulverizada’, realizada por cada uma das entrevistas. A aproximação progressiva do texto dos transcritos foi levada a cabo em inúmeras reaproximações, um movimento permanente de autorregulação do todo em relação a cada uma das partes: de modo a evitar que o significado atribuído a um tema mais abstrato de interpretação fosse imposto ‘de fora’ mais do que recolhido das entrevistas.

A determinada altura as colunas ainda numerosas da matriz de folha de cálculo foram sendo reduzidas aos três principais temas que vieram a organizar a interpretação final da informação das entrevistas: em primeiro lugar, os elementos de informação que revelavam a relação de P* com a ‘teia de poder’ com carácter indubitavelmente bem organizado nos dois extremos (africano e europeu) do esquema de tráfico de jogadores; em segundo lugar, os elementos de informação que revelavam as fortes expectativas e desilusões sentidas e referidas ao longo da entrevista; finalmente, os elementos de informação (e neste caso muito apoiadas por elementos não-textuais) que faziam referência às situações de sofrimento real vividos por P*.

Uma vez definidos com mais nitidez os temas que organizariam o todo da interpretação da informação, retornámos aos transcritos e ‘corremos linha a linha’ de modo a confirmar a relevância dos eixos principais de análise e interpretação. Temos a consciência clara de que neste processo intervém a própria visão do investigador, desde o início da sistematização dos métodos qualitativos que a seleção dos *clusters* de codificação é considerada parte integrante do próprio processo.⁹⁷

No termo do processo reiterativo da análise ficou-nos evidentemente claro o modo como a recolha de informação e a sua análise interpretativa se iluminam mutuamente e desenham o termo lógico da interpretação. Como em música, deseja-se que a narrativa do

⁹⁷ Já apresentado no capítulo introdutório de Strauss (1987).

participante se reconheça no seu nítido alinhamento⁹⁸ ‘melódico’, mas que o investigador possa ajustá-la a uma harmonia geral que lhe providencie um contexto significativo.

Contudo, este é sempre um processo sem um fim definitivo. As pistas seguidas podem num determinado momento suspender o processo interpretativo e fixar uma solução provisória, mas não deixam de sugerir novos caminhos de recolha de informação e de comparação com materiais pré-existentes ou de novo a gerar pela recolha entre os participantes, revendo e ‘afinando’ o universo de interpretação. Neste momento, porém, cremos já ser possível apresentar algumas conclusões que nos parecem seguras.

⁹⁸ Jackson (2001).

Capítulo 2. A história de P*

O nosso estudo aborda um caso particular de Bissau, capital da Guiné-Bissau, com uma densidade populacional considerável e num país em que o futebol atrai as massas (Sequeira, 2013).⁹⁹ Aliás, os resquícios do domínio e influência colonial portuguesa naquele território africano¹⁰⁰ refletem-se nas denominações dos dois principais clubes da capital: Sport Bissau e Benfica e Sporting Club de Bissau,¹⁰¹ os dois expoentes máximos na captação de jovens que vivem na metrópole e nas áreas limítrofes e que contrastam com as precárias condições de outros clubes da região, o Bafatá, Caxungo, Bula, entre outros. Foi neste enquadramento que P* entrou na teia do tráfico que o levou até Lisboa, na busca do sonho em seguir os passos do ídolo do camaronês Samuel Eto'o e, em simultâneo, ajudar os 39 elementos do seu agregado familiar a terem uma qualidade de vida mais digna no seu país. A visão de que o Ocidente traz estabilidade social e mudanças estruturais nas famílias têm um peso acrescido nesses sonhos idealizados pelas crianças.¹⁰²

A ausência de infraestruturas desportivas¹⁰³ nas zonas habitacionais e as dificuldades financeiras das famílias eram alguns dos contratempos para o desenvolvimento individual, às quais se juntava a falta de capacidade financeira dos clubes locais para oferecerem salários que pudessem competir com os praticados na Europa.¹⁰⁴

A ausência de infraestruturas não era impeditiva para os jovens que, mesmo assim, recorriam aos terrenos em terra batida e às botas semirrotas para correrem atrás de uma bola que simbolizava a imagem do sucesso na Europa, o continente da fama, do dinheiro e do sucesso. Um estudo de Esson¹⁰⁵ revela que os jovens jogadores de futebol acreditam

⁹⁹ Sequeira (2013).

¹⁰⁰ Darby (2006)

¹⁰¹ Melo (2012).

¹⁰² Kalir (2005).

¹⁰³ Darby et al (2007)

¹⁰⁴ Darby (2006)

¹⁰⁵ Esson (2015a).

que se migrarem para uma Liga profissional de futebol fora de África será determinante para o sucesso individual e garantias de estabilidade familiar, fugindo da pobreza.

2.1. O Espaço do tráfico

Foi nesse ambiente entre amigos que P* se desenvolveu como atleta, sem a ajuda de preparadores físicos ou treinadores que o orientassem para as melhores táticas de jogo. Só a qualidade individual e a sua capacidade de resistência nos duelos com os colegas adversários serviriam de atração para que os agentes desportivos com ligações/contactos a clubes autóctones ou europeus pudessem vislumbrar as qualidades necessárias para apostarem no jovem. A observação de jovens em bairros habitacionais é comum em países africanos, pois é nesses espaços fechados ao mundo que são encontrados alguns ‘diamantes por lapidar’. Por isso, é comum existirem indivíduos com ligações a clubes a assistirem a essas peladas¹⁰⁶ para analisarem os jovens com potencial.

An intermediary purporting to be a football agent or talent scout identifies a player in West Africa at a match, trial or ‘Justify’ and offers him the opportunity to be recruited by a foreign club.¹⁰⁷

P* chamou a atenção de um indivíduo que foi identificado como “um amigo” que o levou para o Sport Bissau e Benfica, também conhecido por Benfica de Bissau. Seria um salto qualitativo para o jovem P*, que na altura tinha 14 anos e ambicionava seguir o trajeto dos jogadores de futebol de sucesso. Passou algum tempo na formação daquele clube e beneficiou das boas condições de trabalho para melhorar as suas qualidades futebolísticas. O Benfica de Bissau é dos clubes com mais títulos conquistados no país, mas esse salto implicou investimento pessoal porque as deslocações eram maiores e tinha

¹⁰⁶ Termo utilizado para identificar jogos informais ou entre amadores.

¹⁰⁷ Esson (2014: 15).

que fazer as viagens em transportes públicos. Eram 150 Franco por trajeto, qualquer coisa como 60 cêntimos

[...] aquelas camionetas que eles têm, que chama *taca toca*. Às vezes não tenho boleia e tenho que andar a pé. Às vezes chegava a casa de noite. Era complicado.¹⁰⁸

P* tinha que fazer um esforço suplementar para continuar a evoluir e essa aposta valeu-lhe a mudança para o rival Sporting de Bissau, clube com estruturas semelhantes que permitia manter a sua evolução como atleta.

Tinha acabado de completar 18 anos, quando P* recebeu finalmente a proposta que tanto ansiava. O convite para representar um grande clube, em Portugal. Foi em 11 de novembro de 2009, um dia “muito esquisito para mim”¹⁰⁹ e de preparativos para seguir viagem. O trajeto inicial era curto porque P* residia a 10 minutos de carro até ao aeroporto internacional de Bissau. Isso permitiu-lhe fazer o check-in e regressar novamente a casa para passar os últimos momentos com a família, antes de partir em definitivo, e com as expectativas em alta.

O agente desportivo que o convidou a mudar-se já estava em Portugal e, por isso, foi um amigo e vizinho que o acompanhou nestas pequenas viagens entre a sua habitação e o aeroporto. O bilhete para o avião estava na sua posse há poucos dias e foi pago pelo agente, mas só depois de P* não ter conseguido arranjar dinheiro para o comprar, cerca de 800 euros.¹¹⁰

Sem alternativa e com o visto de turista a caducar, o agente não quis desperdiçar a oportunidade de o levar para Portugal, assumindo as despesas com a viagem, que durou perto de quatro horas até Lisboa. Um dos métodos adotados pelos agentes de futebol que fazem prospeção em África consiste em convidar a vítima a viajar para a Europa, mas na

¹⁰⁸ Anexos: Entrevista n.º 2: linha 16.

¹⁰⁹ Anexos: Entrevista n.º 2: linha 24.

¹¹⁰ Ungruhe e Esson (2017).

condição de ser esta a assumir as despesas com a viagem de avião¹¹¹, sendo que, na maioria dos casos, a vítima socorre-se à família para angariar o valor necessário para comprar a passagem de avião, provocando, em determinados casos, o endividamento da própria família ou a necessidade de vender bens e património para satisfazer as necessidades do jovem.

Quando chegou à capital portuguesa, P* tinha o agente à sua espera no exterior do aeroporto e pronto para o levar a uma freguesia da capital. Durante o caminho para a residência da ex-mulher do agente, onde iria ficar alojado nessa noite, P* ficou a saber que, afinal, o seu destino não seria o clube que lhe tinham dito em Bissau, mas uma outra agremiação desportiva, também de grandes dimensões.

No dia seguinte, P* deu entrada na academia desse clube de futebol e lá ficou durante dois meses. Nesse período, teve tudo à sua disposição, habitação e todas as refeições foram assumidas pelo clube, mas sem, no entanto, lhe pagar qualquer compensação financeira pelos serviços que estava a prestar na academia. No final desses dois meses, P* foi forçado a abandonar as instalações da academia, sem qualquer justificação, constatando-se depois que o jovem foi sujeito a um período experimental para ser avaliado pelas comissões técnicas desse clube, com a vantagem de não existir qualquer vínculo contratual que os obrigassem a manter o jovem na academia, a recompensá-lo monetariamente ou a garantir de que haveria uma outra solução legal para o jovem, aproveitando-se assim da sua fragilidade, por estar em situação de ilegalidade no país e sem qualquer conhecimento dos seus direitos enquanto cidadão.¹¹²

Sem soluções imediatas, o agente levou P* nesse mesmo dia para a habitação de um amigo, no centro da capital, onde lá esteve durante 10 dias, garantindo-lhe o alojamento e as refeições diárias.

Após esse período, P*, através de contactos pessoais, foi treinar um dia ao clube C*, numa localidade próxima da cidade do Porto, mas regressou à capital no dia seguinte porque o seu agente o informou de que iria ter uma oportunidade num clube importante do Funchal.

¹¹¹ Esson (2014).

¹¹² ECS (2009)

Esteve duas semanas na Madeira, onde ficou instalado no alojamento desse clube e com direito a refeições, mas, mais uma vez, sem qualquer compensação financeira. Já a viagem foi paga na totalidade pelo agente, por considerar ser um investimento pessoal, porque acreditava nas qualidades de P* como jogador e estava convicto de que conseguiria obter o retorno financeiro investido com uma eventual futura transferência. Esta prática é utilizada recorrentemente pelos agentes quando percebem que o jovem envolvido no tráfico tem qualidades físicas e técnicas que antevêm garantias de chegar à alta competição¹¹³. Por isso, entendem que as despesas extra fazem parte de um investimento com retorno muito atrativo.

A experiência no clube da Madeira não resultou e P* voltou para a casa do amigo do agente, por indicação deste. Esteve hospedado durante cerca de um mês, até decidir, em fevereiro e por iniciativa própria, mudar-se para o clube C*, no norte do país, porque estava a ser aliciado pelos dirigentes daquele clube, com promessas de celebração de um contrato e que seria uma novidade para P* desde que chegou a Portugal. P* informou o seu agente da decisão tomada e partiu de comboio rumo ao norte do país. Numa cidade perto do Porto, quando parou na estação já tinha à sua espera o filho do presidente do clube C*, que o transportou de carro à sede da associação. As contas com as despesas estavam todas controladas e foram pagas pelo clube C*, que assumiu ainda o pagamento da viagem de comboio e garantiu o alojamento a P* num espaço amplo e fechado, construído na parte inferior de uma das bancadas do estádio, que servia de dormitório para alguns jogadores estrangeiros que eram contratados.

P* viveu naquelas condições precárias até ao final da época desportiva, era já próximo do mês de junho. Durante esses meses, a direção do clube teve à disposição da sua equipa de futebol um ativo em troca do alojamento no interior de uma bancada, das refeições diárias e do pagamento de um valor mensal de 150 euros:

Foi o meu primeiro salário. Nunca mais esqueço isso. Pagavam 150 euros. Era isso que recebia lá. Já ajudou a organizar-me um

¹¹³ A criação de um modelo exemplar de um jovem jogador promissor enquadra-se no potencial do talento africano emergente, sendo, por isso, muito apreciado pelos agentes, na esperança de encontrar qualidade e potenciar negócios. Esta perspetiva abre as portas aos jovens africanos para entrarem na Europa (Darby, 2000).

pouquinho. Na altura não tinha despesa de nada e... a realidade era outra.¹¹⁴

Como mencionou Foucault¹¹⁵, o salário é a forma de contribuição encontrada pelas instituições para compensarem o investimento feito no capital humano, tornando esta medida determinante para o bem-estar social e mental do jogador de futebol.

Os diretores do clube ficaram impressionados com a capacidade técnica e física de P*¹¹⁶. Viram no jovem um bom reforço para a sua equipa sénior e aproveitaram-se ainda da sua tenra idade para também o colocarem a jogar na competição dos sub-19. Os regulamentos da Federação Portuguesa de Futebol, que gerem a modalidade em Portugal,¹¹⁷ permitem essa possibilidade e os dirigentes do clube C* aproveitaram e conseguiram colocar o mesmo ativo em duas equipas em troca dos 150 euros, do alojamento na parte inferior da bancada e das três principais refeições diárias:

Em termos de despesas não tinha mesmo nada, nada, nada. Era tudo pertinho. Dava só a volta do estádio, ia almoçar ou jantar.¹¹⁸

No final dos campeonatos, P* regressou a Lisboa e instalou-se em casa do amigo do seu agente durante todo o verão. As expectativas de singrar no futebol eram praticamente as mesmas, pois só o clube C* tinha demonstrado interesse em mantê-lo no plantel. O seu agente deixou de responder e atender às chamadas do telemóvel e a solução passou por regressar à localidade nas proximidades do Porto, em agosto.

¹¹⁴ Anexos: Entrevista n.º 2: linha 97.

¹¹⁵ Foucault (2008).

¹¹⁶ Um estudo de Esson (2013) sobre jovens ganeses revela que estes veem o jogador de futebol profissional da África Ocidental capaz de usar a sua compleição física naquela modalidade para conseguir atingir a mobilidade espacial. A personificação da masculinidade é uma característica assumida como sendo um foco de atração para os agentes desportivos, conforme já referimos nesta dissertação.

¹¹⁷ FPF (2016).

¹¹⁸ Anexos: Entrevista n.º 2: linha 99.

Esson¹¹⁹ aborda uma questão similar a P*, ao constatar que os agentes abandonam as vítimas do tráfico quando percebem que as negociações com os clubes não têm o desfecho desejado e não terão qualquer retorno financeiro:

The agent told me that on January 14th I was going to Lyon to try out for some academies but after the 13th he stopped coming. I waiting through to the night of the 17th and when the agent didn't come the manager of the hotel said I had to go (Gerard).¹²⁰

As vítimas são deixadas à sua sorte, sem dinheiro ou apoio burocrático, sujeitando-se a situações idênticas às de Gerard.

Mas, o caso de P* não foi tão dramático, porque as conexões estabelecidas nos meses em que esteve em Portugal permitiram-lhe encontrar alternativas viáveis, embora sempre nos parâmetros da ilegalidade, por falta de documentação que o permitisse manter em Portugal.

Usando o problema da documentação como sendo de circunstância, P* percebeu que teria de encontrar sozinho uma solução imediata e optou por regressar ao clube C* para jogar mais uma temporada, aceitando as mesmas condições do ano anterior. Mas o clube assumiu o aumento da compensação monetária para 250 euros mensais e garantiu o alojamento e as refeições diárias.

Em termos desportivos, a época correu bem. P* foi o melhor marcador da equipa naquela temporada e a sua mediatização nos recintos desportivos portugueses começava a ser maior, apesar de participar num campeonato dos escalões secundários, sem muita relevância editorial na imprensa nacional, mas 'apetecível' para os agentes desportivos, por correrem menos riscos de exposição mediática, optando, na maioria dos casos por colocá-los em campeonatos secundários ou amadores.

¹¹⁹ Esson (2014).

¹²⁰ Entrevista produzida por Esson (2014) a um jovem da Guiné-Bissau, vítima de tráfico.

Os agentes desportivos estão atentos a todo o fenómeno do futebol e procuram de forma persistente alguns potenciais jovens de valor, principalmente nos campeonatos que acabámos de abordar. Os tais diamantes por lapidar... P* começou a ser abordado e assediado por um desses agentes com ligação a um clube sem expressão no futebol português, e com promessas de celebração de um contrato de trabalho e com valores monetários atrativos, aliadas a melhores condições sociais. Era o representante do clube R*, do distrito de Braga, que participava numa divisão acima do clube C* e tinha maior capacidade financeira para negociar jogadores, podendo apresentar condições mais aliciantes.

P* ficou entusiasmado só que voltou a ser vítima da lógica implacável dos negócios do futebol. Para P* se transferir para o clube R*, este teria de pagar 4 mil euros de indemnização, exigidos pelo clube C*, pelos direitos de formação regulamentados pela Federação Portuguesa de Futebol. Essa exigência abortou a transferência e P* teve que continuar a treinar no clube C*, sem as certezas de que iria ser inscrito na época desportiva seguinte. Com o aproximar na nova época, P* iria ser confrontado com o pior cenário. O clube C* já não o queria e recusou-se a pagar os últimos meses de salários que estavam por cumprir, deixando o jovem sem qualquer perspectiva para o futuro.

Seguiu-se mais de um mês de angústia e incerteza pois teria que abandonar as instalações do clube e tentar instalar-se novamente em casa do amigo do seu agente, sabendo de antemão que continuava em Portugal em situação ilegal por falta de visto de residência. Como refere Koser¹²¹, trata-se de uma forma irregular de migração, que inclui pessoas que “enter a country without the proper authority; people who remain in a country in contravention of their authority; people moved by migrant smugglers or human trafficking”.

Porém, os responsáveis diretivos do clube do distrito de Braga ficaram a saber das condições deficitárias de P* e propuseram-lhe a possibilidade de jogar no clube N*, dos campeonatos distritais da A.F. Porto. Por se tratarem de competições fora da gestão da FPF, as regras não abrangem as leis FIFA no que diz respeito aos pagamentos solidários com os direitos de formação.

¹²¹ Koser (2010:183).

A ideia passava por colocar P* a jogar nesse clube distrital e na época seguinte inscrevê-lo no clube R*, porque tornar-se-ia um jogador ‘livre’ da teia das regras FIFA, pois ficaria totalmente desvinculado do clube C*. E assim aconteceu. Transferiu-se para o clube N* em “novembro ou dezembro”. Depois de um ano nas provas distritais, P* transferiu-se para o clube R* e passaria a auferir 400 euros por mês e ainda tinha direito a todas as refeições diárias pagas pelo clube.

Essa época desportiva estava a superar as expectativas com as exibições bem conseguidas e com os golos que ia marcando, despertando a atenção do clube B*, de grandes dimensões do norte do país, que o abordou com a possibilidade de assinar contrato com um aumento substancial do seu salário. No entanto, as divergências de valores entre os dirigentes do clube B* e do clube R* para o pagamento da transferência de P*, levou a que o negócio ficasse sem efeito, mas proporcionou a que o clube R* apresentasse ao jogador um contrato profissional e o aumento do salário para 600 euros¹²². O contrato foi assinado por P*, mas o clube R* não deu entrada do documento na Liga de Clubes, com a agravante de nunca ter cumprido com os vencimentos combinados. Chegou o final da temporada e, sem qualquer segurança documental, P* foi abordado por um elemento da direção do clube R* que o informou que o clube iria prescindir dos seus serviços porque tinham contratado mais jogadores para a mesma posição.

Novamente sem expectativas no horizonte, P* vê uma nova luz acender-se passados dois dias quando o treinador do clube F*, também no norte do país, o convida para representar aquele emblema. O convite é aceite de imediato e P* assina um contrato válido por duas temporadas. Na sua época de estreia consegue exibições muito positivas no Campeonato Nacional de Seniores (terceira maior competição em Portugal), despertando o interesse do clube T*, que estava na 2.^a Liga Portuguesa. Só que exigências do clube F* e de agentes desportivos que pretendiam fazer negócios com outros jogadores, impediram a sua saída. P* manteve-se no clube F* com um salário superior ao

¹²² Os clubes europeus têm melhores capacidades financeiras que a maioria dos clubes africanos, levando a que um contrato mediano em Portugal possa ser considerado alto para esses jovens africanos. De Brie (2001) refere que a diferença salarial entre os clubes profissionais no norte da África e de França pode ser de 20 para 1. Sobre as assimetrias económicas entre países destes dois continentes, ler King (2003) e Poli (2006).

que auferia no clube R* e ainda teve direito a alojamento e refeições. Essa estabilidade permitiu que no segundo ano de contrato optasse por arrendar com um colega um apartamento no Porto.

P* sentia que estava cada vez mais perto do sonho idealizado quando ainda estava em África e o motivava chegar à Europa para ser jogador profissional¹²³, porque ia subindo na escala do mediatismo. Essa segunda temporada já foi realizada na 2.ª Liga porque o clube F* subiu de divisão e jogou nos campeonatos profissionais, chamando a atenção da Federação de Futebol da Guiné-Bissau, que o convocou para representar a seleção nacional. Esse momento aconteceu em 2014 e foi uma excelente oportunidade para rever a família. A estreia pela seleção aconteceu no seu país, contra Botswana, e o momento tornou-se inesquecível pelo golo que marcou. P* permaneceu em casa da família durante quatro semanas, enquanto esperava por um novo visto de entrada em Portugal.

Depois de resolvido o problema, P* viajou novamente para o clube F* e manteve o seu registo exibicional positivo. Era uma das referências do ataque da equipa e, depois de ter realizado um jogo de treino com o clube B*, da 1.ª Liga, disputado em janeiro de 2015, o treinador desta equipa ficou impressionado com a qualidade de P* e tentou contratá-lo para reforçar o plantel de imediato. Só que o clube F* exigiu uma compensação financeira inoportável para a realidade do clube B* e o negócio abortou. Entretanto P* foi realizar mais um jogo pela seleção e quando regressou, passado uma semana, o treinador do clube F* colocou-o a treinar à parte dos restantes colegas para o pressionar a renovar o contrato, que terminava no final dessa época. Como não cedeu a esta chantagem, a direção cedeu P*, por empréstimo, ao clube O., que lutava para não descer de divisão, iniciando aí a sua queda abrupta no mundo do futebol.

P* foi aliciado por um grupo criminoso de apostas ilegais para viciação de resultados desportivos e acabou acusado pelo Ministério Público. Uma das medidas punitivas do processo era o impedimento de participar nas provas profissionais da Liga

¹²³ Esson (2015b); Ungruhe e Büdel (2016); van der Meij e Darby (2014). Os autores abordam o fascínio pelo futebol como forma de entretenimento popular e de convergência social, através dos sonhos de uma vida de abundância para os jovens africanos que pretendem migrar para a Europa e serem jogadores profissionais de futebol.

de Clubes e dos campeonatos organizados pela Federação Portuguesa de Futebol. A única solução para P* continuar a jogar futebol seriam os campeonatos distritais. Na época seguinte, e depois de alguns meses de angústia, P* foi convidado a jogar no clube R*, passando depois pelo clube X* e atualmente representa o clube O*, dos campeonatos distritais da Associação de Futebol do Porto.

2.2. O sonho da realidade

O futebol transmite uma visão do mundo que supera a racionalidade do pensamento. Tudo gira à volta do mediatismo, da fama¹²⁴, do dinheiro, e os efeitos da globalização aproximaram esta visão a uma escala mundial, facilitando a mobilidade social e espacial¹²⁵, neste caso em particular, entre África e os países ocidentais, pois torna-se a ponte desejada para alcançar o sucesso.¹²⁶ A evolução tecnológica fez cruzar as linhas da realidade com a virtualidade entre as sociedades e essa mistura desperta os sonhos de quem procura estabilidade. Essen justifica que

Youth attempt to achieve spatial mobility through football by ‘trying their luck’, a form of social navigation that is used to

¹²⁴ Poli (2010a). Ungruhe e Esson (2017) sublinha que esta visão da fama e do mediatismo é alimentada pela extensa cobertura mediática da comunicação social global, que se dedica particularmente ao futebol Europeu e o culto que está interligado aos jogadores famosos, transmitindo a noção da carreira de futebolista como um meio de mobilidade social ascendente entre os jovens africanos

¹²⁵ Para Esson (2015b), a mobilidade espacial está frequentemente ligada às aspirações de alcançar a mobilidade social. Ler também Boyden e Howard (2013); Gough (2008); Nyamnjoh (2013); Porter et al. (2010); Salazar (2011).

¹²⁶ Langevang e Gough (2009); Simone (2005). Ler também Darby (1997, 2000, 2002, 2006); Darby et al. (2007) e Poli (2010b).

mediate the uncertainty associated with this strategy for realizing spatial change.¹²⁷

Essa mudança espacial reflete-se nos jovens africanos que desde muito novos acompanham a ascensão mediática de alguns jogadores daquele continente que viajaram para a Europa e conseguiram alcançar o sucesso profissional e social.

As assimetrias entre o mundo ocidental e alguns países africanos são muito evidentes e ficam vincadas pela instabilidade social, principalmente pelas dificuldades económicas dos países que comprometem o bem-estar familiar, as garantias de um futuro estável e levam os jovens africanos a enfrentarem situações de imobilidade social e marginalização, comprometendo seriamente o futuro, tornando-o, certamente, incerto.¹²⁸

Uma das escapatórias mais acessíveis para as famílias dos países do continente africano alcançarem essa estratégia de subsistência familiar passa pela existência de um membro na família que jogue futebol e tenha qualidades para atrair um agente desportivo e o encare como um ‘investimento’ para o futuro, seguindo uma carreira profissional futebolística¹²⁹. Essa visão promove a mobilização de muitos jovens para o Ocidente.¹³⁰

Jua constata um problema similar nos Camarões. A instabilidade política e económica precipita o aumento da migração entre os jovens para países do ocidente, na esperança de encontrar estabilidade social:

In the wake of the economic crisis in Cameroon and the disappearance of transitional pathways for youth that accompanied it, political and economic uncertainty turned into a new kind of social certainty for young people. Inspired by world-

¹²⁷ Esson (2015a: 2).

¹²⁸ Ungruhe e Esson (2017). Já Cruise O’Brien (1996); Hansen (2005); Resnick e Thurlow (2015) referem que os jovens estão socialmente presos e são vítimas das cada vez mais dos desfavoráveis questões económicas, políticas e socioculturais nos países africanos.

¹²⁹ Van der Meij e Darby (2014).

¹³⁰ Esson (2014).

class models of success, and perceiving themselves as the 'Unlimited' generation, they reacted by mapping out new biographical trajectories. Besides embracing beat-the-system strategies, they opted for migration to the West, seen as a 'final port of call' at a historical juncture when the emphasis was on closure.¹³¹

Essa realidade social vivenciada em países africanos expõe ainda as fragilidades e os sacrifícios familiares para tentarem procurar a estabilidade. Para isso, os incentivos familiares são unânimes e transmitem aos jovens o apoio para investirem fortemente na modalidade¹³², sempre na esperança de poderem ser encontrados por um agente de futebol ou alguém ligados a academias, já muito usuais em países na África subsariana¹³³ e com investimento direto de clubes europeus, que assim conseguem detetar nos países autóctones as qualidades dos jovens e filtrar os que consideram poderem ser mais-valias para o futuro¹³⁴. O facto de serem clubes europeus faz despertar ainda mais a motivação dos jovens, por se tratarem de instituições que podem garantir estabilidade e mobilidade social.¹³⁵

Existem quatro tipos de academias em África.¹³⁶ As academias geridas por clubes africanos ou pelas federações dos países; as afro-europeias, que se organizam como parceiros entre clubes dos dois continentes; as academias privadas de clubes europeus¹³⁷ ou patrocinadas por empresas; e, finalmente, as academias improvisadas, envolvendo pessoal pouco qualificado e em instalações desapropriadas para o desenvolvimento dos

¹³¹ Jua (2003: 13).

¹³² Vander Meij and Darby (2014).

¹³³ Esson (2014). Num estudo efetuado sobre a realidade no Gana, o autor constata que nas duas últimas décadas houve um aumento considerável na criação de clubes e academias direcionadas para crianças menores de dezassete anos e um aumento ainda mais notável nos registos de jovens jogadores nas ligas juvenis.

¹³⁴ Darby (2011).

¹³⁵ Esson (2014).

¹³⁶ Darby e Akindes (2007).

¹³⁷ Sporting, Benfica e FC Porto investiram em instalações desportivas de treino e formação em Moçambique e Angola após a era colonial, com o objetivo de procurar jogadores talentosos para reforçar as suas equipas na Liga portuguesa (Darby, 2006).

jovens. Em quase todas elas existe o denominador comum baseado na obrigatoriedade de garantir as melhores condições de subsistência e de educação para os jovens que frequentam aquelas instituições, criando um contraponto relacionado a vulnerabilidade inicial dos jovens na área social educativa que recebia no seu país de origem¹³⁸. Estas academias acolhem jovens com menos de 18 anos com o objetivo de os potenciar e poder lucrar futuramente com a venda do passe do jovem para o futebol europeu. Este sistema beneficia das regras com as transferências implementada pela FIFA em 2001, em que obriga o pagamento de um valor relacionado com os direitos de formação quando um jogador é transferido para outro clube¹³⁹.

A ausência de barreiras linguísticas¹⁴⁰ e a ligação cultural pelo passado geopolítico do império português teve uma influência direta na prospeção dos clubes portugueses em jovens talentos destes países dos PALOP. Os clubes portugueses também utilizam a prática do recrutamento de jovens africanos, iniciada ainda no período colonial, principalmente pelos três principais clubes: FC Porto, Benfica e Sporting; a tendência mantém-se na atualidade.

De facto, no início do novo milénio, Portugal era o terceiro maior importador de jogadores de futebol africanos; destes, 65% eram naturais das ex-colónias de Moçambique, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau (...). À semelhança do que se verificou na maioria das outras colónias africanas, o futebol foi introduzido nas «possessões» imperiais de Portugal por administradores coloniais, comerciantes, colonos e missionários. Em algumas das vilas e aldeias mais remotas da África portuguesa e de todo o continente, o futebol conheceu um desenvolvimento relativamente fortuito e não planeado, tendo sido entusiasticamente adotado pelas populações indígenas. Contudo, em alguns dos centros industriais portugueses de maior dimensão, bem como nos

¹³⁸ Jeffrey (2010).

¹³⁹ Esson (2016).

¹⁴⁰ Mas compreendendo todas as implicações do ‘desencontro discursivo’ (Gee 2014, texto introdutório) que sempre se estabelece entre os dois participantes na investigação. Cf. Gabriel (2017) e Spivak (2010) respetivamente para visões ‘otimista’ e ‘pessimista’ da interação.

britânicos, franceses e belgas, os colonialistas utilizaram a sua posição hegemónica para imporem o futebol de modo a servir os seus propósitos.¹⁴¹

Para além disso, existe uma maior capacidade financeira dos clubes portugueses, pois participam em campeonatos financeiramente mais poderosos, que permitem apresentar aos jogadores contratos vantajosos em termos financeiros e incomportáveis para a realidade africana. As receitas geradas ainda pela presença nas provas realizadas pela UEFA (Champions League e Europa League) enriquecem ainda mais os clubes e permitem aumentar os orçamentos para apostar no recrutamento de jovens de valor emergente.¹⁴²

Para além das ligas europeias mais mediáticas, houve também um aumento exponencial na procura de jovens jogadores africanos por parte de clubes das ligas de menor expressão europeia, após a introdução da Lei Bosman¹⁴³, porque permitiu que os clubes participantes nessas ligas investissem menos dinheiro na contratação de jovens atletas, por pagarem substancialmente menos aos jogadores africanos do que aos atletas de outras partes do planeta¹⁴⁴. Poli ¹⁴⁵ explica que o número de jogadores africanos recrutados por clubes europeus aumentou significativamente após a introdução da decisão ‘Bosman’, agravando ainda mais o problema do tráfico.

Estas razões despertam, pois, o interesse das famílias em terem, pelo menos, um membro capaz de singrar no futebol e recebem estímulos para jogarem futebol durante várias horas por dia e em descampados, na esperança de poderem serem observados por

¹⁴¹ Darby (2006: 426).

¹⁴² Poli (2006).

¹⁴³ A “Lei Bosman” foi criada em 1995 na sequência de uma decisão do Tribunal Europeu de Justiça, motivada por uma queixa do futebolista belga Jean-Marc Bosman e que pôs fim às restrições ao nível da livre circulação dos futebolistas nas várias Ligas da União Europeia, permitindo ainda que os jogadores possam mudar livremente de clube depois de findarem o contrato com a equipa que representavam, ficando a nova entidade patronal isenta do pagamento de qualquer compensação financeira ao anterior clube. Almeida (2014) explica os efeitos de causalidade que levaram à implementação da “Lei Bosman”.

¹⁴⁴ Darby et al (2007)

¹⁴⁵ Poli (2006). Ricci (2000) e Ward e Darby (2006) referem que houve um aumento exponencial migratório de atletas africanos para a Europa desde o início do novo milénio, aumentando em mais de 100 por cento.

um qualquer agente de futebol que os convide para jogar na Europa ou numa academia de futebol.

O entusiasmo de marcar golos ao guarda-redes ou de driblar o adversário mistura-se com o pensamento de que está a jogar ao lado de Cristiano Ronaldo ou Messi, os grandes ídolos e os exemplos de vida dos jovens. Afinal, estes jogadores representam tudo o que surge nos seus sonhos: a fama, o mediatismo e o dinheiro, idealizando uma construção de vida robusta, pelas imagens ilustrativas criadas no inconsciente dos jovens e marcada pelo sonho da estabilidade social, afetando dessa forma o seu comportamento.

146

P* teve os mesmos pensamentos quando ainda jogava no ‘pelado’ perto do bairro onde vivia. No seu quarto estavam afixados dois enormes pósteres do Cristiano Ronaldo e do Messi. Adormecia com os olhos fixados na parede e apreciava as imagens dos dois melhores jogadores do mundo, entrando depois em sonhos de uma vida semelhante. No dia seguinte havia a certeza de estar a dar uns pontapés na bola e aperfeiçoar as suas qualidades. Era uma forma de sentir que o sonho estava cada vez mais perto de ser alcançado.

No entanto, as principais referências de P* não eram Cristiano Ronaldo ou Messi, as imagens que figuravam no seu quarto. Havia dois jogadores dos quais gostaria de imitar o trajeto. Um é europeu, Ballack, médio alemão que brilhou ao serviço da seleção. O outro é camaronês. Samuel Eto’o¹⁴⁷ é visto pelos jovens africanos como o estereótipo do sucesso no mundo do futebol:

[...] o que eu tentei copiar no Eto’o é da maneira como ele começou. Ele veio do nada [...] ele também é de família muito numerosa [...] muito humilde. De jogadores africanos, acho que é dos mais humildes que já vi.¹⁴⁸

¹⁴⁶ Ansell (2009). Ver também van der Meij et al. (2016)

¹⁴⁷ Darby (2010). O autor aborda a atmosfera de orientação dos jovens no sentido de procurarem seguir as pisadas dos seus ídolos como jogadores de futebol fora da realidade africana.

¹⁴⁸ Anexos: Entrevista n.º 3: linha 8.

A construção do estatuto de um jogador de futebol europeu também é alimentada pela economia local. A coleção de cromos com as figuras dos jogadores dos principais campeonatos na Europa era uma forma de iludir ainda mais essa visão do sucesso. No entanto, os jovens da Guiné-Bissau não tinham muitas possibilidades para colecionarem esses cromos porque a realidade económica assim o não permitia. Esse hábito foi construído no Senegal, país a norte da Guiné-Bissau, com maiores capacidades financeiras¹⁴⁹, onde se produziam cromos e cartazes de grande dimensão com imagens dos jogadores de futebol, para serem vendidos na Guiné-Bissau a 15 euros o poster.

Como o poder de compra dos guineenses é reduzido,¹⁵⁰ os jovens optavam por comprar jornais desportivos e faziam os recortes com os jogadores mais mediáticos. Curiosamente, as competições desportivas realizadas na Guiné-Bissau eram pouco acompanhadas pelas televisões e pelos jornais. O pouco hábito de leitura e as deficitárias transmissões televisivas levavam os guineenses a acompanharem as partidas de futebol com os rádios colados ao ouvido, numa espécie de ritual domingueiro:

[...] o campeonato da Guiné toda a semana transmitem um jogo, mas não é transmissão do jogo completo. É... dá um pouquinho, passa publicidade e dá mais um pouquinho, mas não transmitem mesmo o jogo completo.¹⁵¹

Com estes obstáculos, os jovens da Guiné-Bissau não vislumbram oportunidades de sucesso mediático no continente e essa consciencialização faz despertar ainda mais o sonho de seguirem os passos de atletas que alcançaram o sucesso no futebol chegando à Europa. É esse o espaço mágico que permite ficar perto de todos os sonhos idealizados enquanto crianças. Terem fama, prestígio na ‘alta sociedade’ e dinheiro suficiente para

¹⁴⁹ BAD (2018).

¹⁵⁰ BAD (2018).

¹⁵¹ Anexos: Entrevista n.º 3: linha 74.

conseguirem estabilidade individual e familiar¹⁵²: “A minha prioridade era a mim mesmo o suporte para a minha família na altura. Era a minha preocupação”.¹⁵³

A vida de P* na Guiné-Bissau não era estável, pelo contrário. A família era numerosa, composta por 39 elementos, e as dificuldades financeiras obrigavam a que a maioria do agregado trabalhasse para acumular rendimentos suficientes que pudessem garantir o alimento às refeições. Essa rotina diária relativizou o problema e disfarçou as dificuldades, mas havia sempre um olhar de esperança de que alguém da família tivesse qualidades para jogar futebol. Seria uma espécie de lotaria. P* cresceu envolto nesse pensamento. Sabia que a bola era o segredo para levar a estabilidade aos seus familiares.

O seu pai já tinha sido jogador, mas nunca o viu jogar, ao contrário do seu tio e do irmão mais velho, que chegou a ser a grande vedeta da cidade.¹⁵⁴ Aliás, foi num jogo de futebol do irmão, que P* percebeu pela primeira vez o que era ser famoso:

Fui ver um jogo e estava a bancada toda a gritar o nome do meu irmão. É a primeira vez que eu fui ver o meu irmão a jogar. Vi aquele jogo, fui para casa e disse: não... eu tenho que começar a jogar futebol [...] vi todo o estádio a gritar o nome dele.¹⁵⁵

P* tinha apenas 9 anos quando teve a primeira perceção sobre popularidade. Esse pensamento foi-se reforçando com o avançar da idade e o incentivo recebido por toda a família foi determinante para vincar a ideia em conformar-se de que, um dia, a sua vida iria continuar nos relvados de futebol nos grandes estádios na Europa.¹⁵⁶

Esta imagem misturou-se com a realidade e viveu em harmonia com P*. Por isso, era normal passar os dias a dar pontapés na bola com os colegas e a imaginar-se ser uma

¹⁵² Poli (2010a).

¹⁵³ Anexos: Entrevista n.º 3: linha 12.

¹⁵⁴ Ver Valentine (1999) sobre os papéis de género no contexto familiar e, mais genericamente, Johnson (2008) para a sua influência na dinâmica da investigação. Sobre os efeitos do masculinismo na situação de interação, cf. Honeyfield (1997), Campbell et al (1999) ou Pini (2005).

¹⁵⁵ Anexos: Entrevista n.º 3: linha 42.

¹⁵⁶ van der Meij e Darby (2014).

estrela do futebol, como aquelas que assistia com frequência nos espaços públicos onde existia uma televisão. Juntavam-se às dezenas e pagavam na altura cerca 1,5 euros só para assistirem a uma partida de futebol das ligas inglesa ou portuguesa, e que não passavam em sinal aberto.

O espaço transformava-se em campo de futebol durante 90 minutos e até os bancos eram colocados em posições específicas para aumentar a lotação. Não muito diferente de situações registadas em outros lugares:

A journey through any town in the region will almost certainly involve seeing young people wearing counterfeit versions of their favorite European football team's jersey, and either playing football on dusty untreated pitches, or watching European leagues and international tournaments at home, in a sports bar, or in a betting joint.¹⁵⁷

Há uma década, ter eletricidade ou mesmo uma televisão nas habitações na cidade de Bissau era considerado um luxo, e, nas que existiam, em muitos lares havia o espírito da partilha. As famílias colocavam a televisão na varanda, virada para o exterior que permitia a aglomeração de multidões para assistirem aos jogos de futebol que passavam pela RTP África. P* acrescenta que ainda hoje se mantém esta tradição, sendo raro ver plasmas.

A construção de uma realidade virtual através das imagens que chegam pelas televisões, ou através do ciberespaço, pode ser interpretada como uma necessidade para atenuar as dificuldades dos jovens guineenses, porque as famílias têm consciência de que a estabilidade económica e social não pode ser adquirida com a mesma segurança que se verifica no mundo ocidental, tendo em conta as assimetrias culturais e sociais entre as duas realidades.

¹⁵⁷ Ungruhe e Esson (2017: 22).

Foi esta a imagem construída pela globalização e que foi consumida pelas populações através dos programas televisivos e da internet, apesar de, “até dezembro de 2007, apenas 5% da população africana [ter] uma ligação à internet e a penetração da banda larga [ser] inferior a 1%”;¹⁵⁸ porém, nos anos seguintes houve um avultado investimento para uma maior edificação de infraestruturas de telecomunicações de longa distância.

Para A, conquistar o sucesso seria como alcançar um objetivo que demorou anos a ser preparado. Ajudar a família era o ponto primordial do sacrifício de entrar sozinho no desconhecido. Foucault¹⁵⁹ explica que o indivíduo é um “empreendedor de si mesmo, sendo para si próprio, o seu próprio capital, sendo para si mesmo, o seu próprio produtor, sendo para si mesmo, a fonte dos seus ganhos”.

Apesar da realidade do sacrifício, as imagens idealizadas também ajudavam a ultrapassar as adversidades. P* tinha construído cenários muito positivos sobre o mundo ocidental. Não fazia intenções em escolher o país na Europa, mas, ainda assim, tinha preferências por Portugal por causa da proximidade cultural e até já havia idealizado o seu estereótipo de família:

[...] encontrar uma pessoa... conhecer... dizendo assim... uma branca. Ter uma casa boa, até hoje tenho esse sonho, construir uma casa boa na Guiné e ter um carro.¹⁶⁰

Imaginava-se a constituir família na Europa e ter uma filha “morena”.¹⁶¹ Este pensamento resume bem toda a representação baseada em cenários adquiridos pelo

¹⁵⁸ Joanguete (2011: 144).

¹⁵⁹ Foucault (2008: 226).

¹⁶⁰ Anexos: Entrevista n.º 3: linha 14.

¹⁶¹ Anexos: Entrevista n.º 3: linha 18.

mediatismo do futebol. Ter uma vida familiar e social ‘europeizada’ e em que o dinheiro teria uma parte importante no seu projeto de vida.¹⁶²

Ungruhe e Esson referenciaram alinhamentos semelhantes nas imagens dos jovens africanos que sonhavam jogar na Europa. A idealização de uma construção virtual era alimentada pelos efeitos de uma abertura total provocada da globalização, como explicámos anteriormente:

Notably, players based in Europe are frequently depicted kitted out in designer clothes, driving expensive cars, residing in palatial homes, and dating model girlfriends. The allure of football as a form of popular entertainment coalesces with a geographical imagination that conflates social mobility with certain places, which, in turn, cultivates the dreams of thousands of young West Africans to migrate to Europe and become professional footballers.¹⁶³

Também Ungruhe e Esson¹⁶⁴ abordam as assimetrias entre os países africanos e europeus, exemplificando com a disparidade salarial entre as duas realidades.

“[...] the average monthly salary for professional football players in Ghana is relatively low, particularly in comparison to players at European football clubs, where a handful of players in the English Premier League, for example, are known to earn \$300,000 per week, and, in some cases, more”

¹⁶² Ungruhe e Esson (2017). Os autores referem que os jogadores constroem cenários sociais sobre a Europa baseados na roupa cara, automóveis e casas de luxo e uma vida palaciana com namoradas.

¹⁶³ Ungruhe e Esson (2017: 22-23). Para uma visão panorâmica da ‘imaginação geográfica’ e sua relação com as ciências sociais cf. Johnston e Sidaway (2016).

¹⁶⁴ Ungruhe e Esson (2017:30).

A idealização do conceito de fama é diferente quando se experienciam duas realidades distintas. Enquanto africano, P* tinha uma visão mais comedida sobre o materialismo europeu. Um dos exemplos referidos teve a ver com o seu carro de sonho. Quando conhecia apenas a realidade guineense, sonhava ter um Mercedes igual ao do amigo, mas quando chegou a Portugal esse sonho tornou-se ainda mais ambicioso e passou a idealizar um Jaguar como o seu carro de referência. Ou seja, no contacto direto com uma nova sociedade, onde os sonhos se materializam, permite que a capacidade de interpretação da realidade se transforme e aumente as expetativas de ambições pessoais, ficando com as perspetivas de que há muito mais a ganhar sendo jogador de futebol, do que a perder.¹⁶⁵

2.3. A realidade do sonho

A vida de P* era movida pelos sonhos de ser jogador de futebol profissional na Europa e ajudar a sua família a ter uma vida social e económica mais estável.¹⁶⁶ As dificuldades do quotidiano eram visíveis. Os 39 membros do seu agregado não tinham como garantidas todas as refeições diárias e era imperial saber racionar os alimentos, pela escassez de rendimentos. Estes condicionamentos provocavam sentimentos de impotência e de incapacidade para resolver o problema, aumentando os níveis de ansiedade e stress, projetando a ida de P* para a Europa como única possibilidade de alterar esta realidade.¹⁶⁷

¹⁶⁵ Esson (2013).

¹⁶⁶ Besnier (2015) aborda o tema do sonho dos jovens de alcançarem a fama através do desporto profissional como um fenómeno global e exemplifica com os jovens de Fiji que sonham fazer uma carreira profissional no rugby em condições semelhantes às verificadas nos jovens africanos.

¹⁶⁷ Cf. Kalir (2005).

P* sentiu essa pressão e o incentivo dos familiares quase transformou o sonho numa realidade inevitável, mesmo sabendo dos perigos inerentes à saída do jovem para um país desconhecido, pois não existia qualquer garantia escrita de que o clube de destino o iria receber e oferecer-lhe todas as condições condignas, incluindo um contrato de trabalho. Trata-se, pois, de uma construção levantada pela mobilidade, tornando a migração “much more than mere movement between places; it is embedded in deeply engrained but dynamic processes of cultural meaning making”¹⁶⁸. Essas incertezas não entram no rol de preocupação dos familiares porque existe a esperança de que seja o jovem a garantir a estabilidade social e económica da sua família:

A key theme that emerged during interviews with migrants [...] and also during interviews with young players [...] was belief that a career in professional football and migration to league outsider os Africa were now viewed as a viable livelihood strategy to lift na individual and therefore vicariously their family out of poverty.¹⁶⁹

A sobreposição do sonho à realidade pode transmitir efeitos colaterais nos jovens, provocando perturbações psicológicas quando são confrontados pela pressão pelos membros da família, que o aconselham a seguir a carreira de futebolista em detrimento de uma boa educação, entrando assim num turbilhão de incertezas e de angústia psicológica por desconhecer o futuro.¹⁷⁰

O dia de partir para a Europa acabou por chegar. P* não se coibiu de felicidade quando foi abordado por um homem, que mais tarde ficou a saber que era seu tio. Contou-lhe da proposta para jogar em Portugal. P* viu nesse convite a escapatória para os problemas que diariamente o abalavam e o deixavam resignado a uma qualidade de vida instável. Aquele convite era o culminar de alguns anos investidos no futebol e

¹⁶⁸ Salazar (2010: 2).

¹⁶⁹ Esson (2014: 521).

¹⁷⁰ Esson (2013); Van der Meij e Darby (2014)

transformou-se numa alegria imensa, levando-o a partilhar de imediato com a sua mãe. Aquele sentimento de êxtase prolongou-se por alguns dias porque percebeu que tinha encontrado a solução para os problemas.¹⁷¹

Porém, os preparativos que antecederam a viagem foram de angústia. P* teve que recolher toda a documentação exigida para poder viajar e isso implicou um investimento na ordem dos 300, 400 euros.

Fui eu que paguei tudo. [...] eu voltei à embaixada outra vez a perguntar e eles disseram que tinha que pagar seguro de viagem e pagar visto. A mim complicou um pouquinho.¹⁷²

P* tinha que angariar o dinheiro que não tinha para poder viajar para Portugal e teve toda a família a procurar formas de arranjar aquele valor para garantir a documentação de forma atempada.

Os seus pais deram uma ajuda preciosa na procura. Também não tinham dinheiro para suportar valores tão elevados, mas aquela oportunidade seria a tábua de salvação para a família e, por isso, a única forma passava por arranjar o dinheiro.¹⁷³ O estado anímico de P* alterou-se com o passar dos dias por desacreditar das possibilidades de resolver o problema dentro do prazo estabelecido. No fundo, P* passou a ser responsável pela família, assumindo funções económicas e sociais de proteção de todo o agregado, como se tratasse de um adulto que fez o percurso intergeracional natural.¹⁷⁴

Mas o sacrifício familiar foi compensado com a angariação do valor que permitiu adquirir toda a documentação necessária para entrar em Portugal. Faltava apenas resolver o problema do visto. Aqui havia uma particularidade. P* tinha um convite para jogar em Portugal, mas não lhe foi apresentado qualquer contrato de trabalho e para contornar a entrada no país da Europa, a única possibilidade passava por conseguir uma autorização

¹⁷¹ Cf. Darby (2018).

¹⁷² Anexos: Entrevista n.º 4: linha 8.

¹⁷³ Cf. Esson (2014).

¹⁷⁴ Kabeer (2000); Ungruhe (2010).

de entrada em Portugal como turista. Era esta a estratégia montada para ultrapassar os problemas com este tipo de assédio a jovens, usando uma via legal para entrar no país de destino:

The player arrives in a destination country, in most cases with a one-month tourist visa. Contrary to popular media coverage the travel conditions are not always illegal and dangerous. Players often arrive using legal channels, and in the instances where they do not it is often through traditional modes of transportation with false travel documents.¹⁷⁵

P* não hesitou em conseguir o visto de turista para superar o obstáculo. Mas não foi fácil. Os documentos foram todos entregues pelo mandatário do agente na embaixada portuguesa em Bissau e, passado uma semana, P* recebeu uma chamada telefónica a informá-lo que o visto tinha sido cancelado. P* sentiu que todo o seu esforço e da sua família tinha sido bloqueado pela burocracia dos papéis. Duas semanas depois, a embaixada voltou a ligar a P* para ir levantar o visto de turista. Afinal o problema tinha sido resolvido e tudo não passou de uma confusão na embaixada:

Ele [mandatário do agente] meteu três vistos, só saiu um, mas não era meu, era de outra pessoa [...] Afinal era o meu visto que saiu e eu não sabia.¹⁷⁶

Quer dizer, P* não seria o único jovem que estaria pronto a viajar para Portugal. O processo de recrutamento de potenciais jogadores abrange um número incalculável de vítimas e como estas saem do país com vistos de turista, torna-se difícil mediar uma ponte de controlo legal, impossibilitando apresentar um cálculo real da quantidade de jovens

¹⁷⁵ Essen (2014: 516).

¹⁷⁶ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 12.

envolvidos neste esquema, porque abandonam o país com a camuflagem de turistas e com a conivência dos seus familiares, que até os incentivam a aventurarem-se, mesmo sabendo que do outro lado existe um rol de incertezas.

P* estava muito perto de iniciar a sua aventura, mas faltava-lhe o bilhete do avião para fazer a viagem até Lisboa. Nos primeiros contactos feitos pelo agente, havia a promessa de que as despesas seriam assumidas pelo clube que o iria receber em Portugal. Mas a realidade foi outra. Depois dos problemas superados para juntar os 300 ou 400 euros e pagar a documentação necessária para viajar, P* teria também que assumir o pagamento da viagem de avião, porque o clube não teria enviado a passagem. “Não sei se mandou para ele [agente] e ele ficou com o dinheiro”.¹⁷⁷

Só lhe restava comprar a passagem para poder seguir viagem. Eram precisos cerca de mil euros e P* demorou alguns dias para conseguir reunir o valor. Aquele retrocesso na ambição de seguir viagem provocou uma alteração de comportamentos no seio familiar. Todo o agregado realizou uma espécie de peditório pelos vizinhos e amigos para juntar o dinheiro. Esse objetivo foi conseguido, mas deixou marcas profundas:

O meu irmão [...] ele tinha na altura [...] 9 anos, disse-me... minha mãe deu-lhe 100 franco, é quê, 15 cêntimo, para ele comprar pão. Ele chamou-me... oh, P*, estás à procura de dinheiro para pagar a viagem e eu tenho isto para te dar. Saiu-me as lágrimas dos olhos. Uma criança daquela idade a pensar naquilo, todos em prol de... de ajuda [pssii]. Aquilo foi mesmo... marcou-me muito.¹⁷⁸

A ajuda coletiva foi determinante para P* reunir o dinheiro e comprar a passagem de avião para Lisboa. Mas a morosidade com as burocracias atrasou a viagem e essa demora quase fazia caducar o prazo do visto de turista: o prazo terminava exatamente no dia da viagem. Seria mais um problema que P* teria de contornar quando chegasse a

¹⁷⁷ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 12.

¹⁷⁸ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 14.

Portugal, mas antes tinha pela frente uma despedida dolorosa da família. Seria a sua primeira experiência longe dos pais e esse afastamento quase o levou a desistir da ideia, pois a tristeza apoderou-se dos seus sentimentos.¹⁷⁹ Mas as responsabilidades que assumiu superaram esse momento de mágoa e acabou por entrar no avião.

Foram quatro horas de sofrimento antes de aterrar em Lisboa, altura em que teria de resolver a questão do visto de turista, que caducava nesse dia e, dessa forma, ficaria ilegal no país.

O SEF não me queria deixar sair. Eles encostaram-me lá e tiveram que ligar ao [clube] S* para tentar ver se podem resolver aquilo. E acabaram por resolver só por volta das 10.¹⁸⁰

Constatou-se que o clube recetor tinha argumentos próprios para contornar questões burocráticas relacionadas com documentação de entrada em Portugal, porque o testemunho de P* é revelador de que bastou um telefonema e algumas horas de espera para entrar em Portugal com o visto de turista caducado e sem qualquer garantia de que o problema seria solucionado no imediato, uma vez que P* não tinha qualquer contrato de trabalho que o associasse ao clube S*.

Os problemas burocráticos junto do SEF foram ultrapassados com relativa celeridade e isso permitiu que P* se instalasse nesse dia em casa do agente que o foi buscar ao aeroporto, conduzindo-o no dia seguinte para a academia de futebol do clube S*.

O acordo entre esta agremiação desportiva e o agente que recrutou P* passava por colocar o jovem à experiência durante um determinado período de tempo até que os responsáveis técnicos do clube o avaliassem para perceberem se teria qualidades para assinar contrato. Esta experiência prolongou-se durante um mês. Nesse tempo, P* sentiu-

¹⁷⁹ Schapendonk and Steel (2014); van der Meij et al. (2016). O processo migratório está associado à promessa de um futuro melhor, mas as experiências negativas ou a descoberta de que a realidade não corresponde às expectativas pode levar à desilusão, frustração e vontade de desistir.

¹⁸⁰ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 24.

se um verdadeiro jogador de futebol porque estava em regime de clausura nas instalações da academia e tinha à sua disposição as melhores condições de trabalho e lazer.

P* partilhava as refeições com os jogadores profissionais que os conhecia apenas pela televisão e isso fez-lhe aumentar a esperança¹⁸¹ de que o seu futuro seria ali, junto das estrelas do futebol¹⁸². As regalias de P* eram as mesmas das outras centenas de jovens atletas que estavam na academia. Descansava em dormitórios coletivos e tinha garantidas as principais refeições do dia, mas não recebia qualquer contrapartida financeira.

P* estava em Portugal sem um cêntimo no bolso, porque todo o dinheiro que conseguiu angariar foi investido na documentação para entrar no país e no bilhete de avião. Aliás, é prática corrente nas vítimas deste tipo de tráfico ficarem sem qualquer tipo de recursos monetários e de logística, tornando-se totalmente dependentes dos agentes responsáveis pela viagem para a Europa. Quando os abandonam, os jovens ficam sem possibilidades de sustentabilidade e acabam despejados das residências e abandonados na rua, sem qualquer tipo de apoio.¹⁸³

A falta de dinheiro transformou-se num pormenor no mês em que esteve fechado na academia porque tinha à sua mercê todas as condições de subsistência, mas, no entanto, impossibilitou-o de contactar a família para saber de notícias. Isso só aconteceu dois dias depois e ter entrado nas infraestruturas desportivas e porque um colega seu da equipa de sub-19 do clube S* lhe ofereceu um telemóvel e ainda 20 euros para poder fazer um carregamento de minutos.

P* carregou com 10 euros e guardou o restante para si, fazendo a chamada de imediato para a Guiné-Bissau. Falou com os familiares diretos até esgotar o saldo do telemóvel e, por entre as várias conversas sobre as peripécias da viagem, contou que finalmente estava a sentir o que era estar no paraíso, mesmo sem usufruir de qualquer rendimento. A chamada seguinte demorou algum tempo a ser feita porque não tinha dinheiro para carregar o telemóvel. Aquela rotina foi-se prolongando durante um mês, até

¹⁸¹ Hage (2003). O autor aborda com mais pormenor a questão da dimensão social da esperança.

¹⁸² As vítimas constroem cenários de sucesso, na esperança de um futuro melhor, por muito reduzida que seja a possibilidade de que isso possa acontecer. Ler Ungruhe e Büdel (2016).

¹⁸³ Essen (2014).

que, sem que nada o fizesse prever, P* foi informado de que não iria continuar na academia e que teria de abandonar imediatamente as instalações.

2.3.1. A solidão

A realidade que exponenciava o sonho alimentado durante muitos anos esfumou-se naquele ultimato. P* foi avisado pelo agente que o recrutou em Bissau que teria de mudar os seus hábitos e a solução provisória passou por se instalar na residência do agente. Sem dinheiro e com o visto caducado, P* estava vulnerável e confinado às ordens estabelecidas pelo agente, sujeitando-se ao abandono e ao refúgio com o exterior por receios de ser deportado, exteriorizando as características que definem¹⁸⁴ o seu estado de traficado.

Foram dias de solidão, abatimento anímico e fome:

naquele tempo, jantei com pão durante uma semana. Só pão, assim, pegava no açúcar, um pouquinho de sumo... e acabou.¹⁸⁵

Aquele cenário de dificuldade não era novidade para P*, porque no seu país a alimentação da família era racionada e controlada. Quando vivia naquele país africano, o almoço era garantido, mas, se jantasse, na manhã seguinte já não haveria pequeno-almoço. Por isso, comer pão com água e açúcar não foi um sacrifício desconhecido para P*.

Os dias foram passando, P* foi perdendo receio e começou a aventurar-se em sair de casa para fazer umas pequenas caminhadas pela cidade onde residia. Até que recebeu a chamada de um dirigente do C*, um pequeno clube do distrito do Porto, para lá ir prestar provas. P* hesitou, mas depois arriscou. Meteu-se no comboio e esteve um dia a treinar

¹⁸⁴ Como refere Anderson (2007).

¹⁸⁵ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 34.

à experiência, sem ter dado conhecimento ao seu agente, que o tinha enclausurado na sua habitação.

No dia seguinte, P* regressou a Lisboa e o seu agente disse-lhe para preparar a mala porque iria embarcar para o Funchal. Seria novamente colocado à prova em mais um clube da 1.^a Liga, e com as mesmas contrapartidas. Ficaria uma semana a treinar à experiência e era-lhe garantida dormida e as refeições diárias. De lado ficava a possibilidade de ser ressarcido com um valor monetário e o contrato de trabalho só seria uma realidade na eventualidade de P* demonstrar qualidades futebolísticas que pudessem satisfazer as necessidades do corpo técnico do clube.

Finda uma semana, a resposta foi a mesma. P* teria que abandonar de imediato as instalações do clube e regressar a Lisboa. O seu agente tratou da viagem rumo à capital portuguesa e instalou-o agora na residência de um amigo, mas sem dizer que rumo iria ser tomado, mesmo sabendo que tinha sido o responsável pela entrada de um jovem no país completamente desprotegido e sem quaisquer perspetivas de negócio:

[...] ele tentou meter-me num clube para tentar ganhar alguma coisa que não consegui. [...] Ele deixou-me. Deixou-me quando eu estava no C*, já estabilizado, com casa e comida.¹⁸⁶

P* via-se agora sem qualquer apoio, não tinha comida e tinha sido abandonado pelo seu agente. Mas, mesmo assim, não guarda qualquer rancor e até agradeceu ao agente pela possibilidade de poder estar em Portugal e procurar a sua sorte para ajudar a sua família na Guiné-Bissau¹⁸⁷. “However small the likelihood may be and no matter how many fellow players have failed on the way, players will keep on trying their luck”¹⁸⁸

¹⁸⁶ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 40.

¹⁸⁷ Existe a perceção de que as possibilidades de melhorar a vida social são potenciadas na Europa, mesmo estando em situação duvidosa e sem garantias de que o futuro será melhor. É um risco assumido e consciente. Ler em Esson (2015b); Hernández-Carretero e Carling (2012); Jónsson (2008); Simone (2005).

¹⁸⁸ Ungruhe e Esson (2017:36).

Se estivesse no seu país, P* garantiu que não estaria melhor, mesmo sabendo que aqui poderia ser deportado a qualquer momento por estar ilegal e já ser maior de idade.

Os jovens adultos, como o caso de P*, são normalmente agenciados e, como tal, não entram na estatística das vítimas de tráfico e, nesse sentido, não há suporte legal de proteção nos países de acolhimento, como acontece nos jovens menores e mulheres que são vítimas da rede do tráfico, sendo possível acionar mecanismos legais de proteção existentes nesses países.¹⁸⁹ No caso de P* figura-se a situação de migrante ilegal com idade de adulto e nesses casos a solução tomada passa pela deportação.¹⁹⁰

A única alternativa para contornar os temores da sua situação foi seguir o seu instinto e tentar a sorte em C*, o tal pequeno clube situado perto da cidade do Porto. O treino que tinha feito meses antes agradou aos dirigentes, que lhe abriram as portas. Chegou a C* de comboio e seguiu depois viagem para as instalações do clube na companhia do filho do presidente da associação.

P* escolheu o clube C* para se reerguer e tentar a legalização em Portugal, mas os meses que se seguiram foram difíceis e reforçaram a solidão. Inicialmente ainda partilhou o quarto com um colega brasileiro, mas este acabou por abandonar o clube e, depois disso, os dias de P* eram passados entre o quarto, que se situava no interior da bancada, e os degraus exteriores da mesma.

Não podia dialogar com ninguém porque os treinos eram à noite e essas longas horas de solidão eram passadas com os seus próprios pensamentos. E foi num desses diálogos interiores que P* quase decidiu regressar definitivamente à Guiné-Bissau. O que só não aconteceu porque os seus familiares o demoveram da ideia, fazendo-lhe lembrar que a vida na Guiné não seria melhor e as dificuldades que iria encontrar justificavam o sacrifício de manter-se em Portugal e esperar um volte-face no seu processo. P* acedeu aos conselhos da família e manteve-se no C*, clube que lhe pagava uma mensalidade de 150 euros, dos quais 100 eram enviados todos os meses para a família.

Apesar de agradecer ao agente que o trouxe para Portugal, P* sentia-se explorado pelos dirigentes dos clubes:

¹⁸⁹ Cf. Anderson (2007).

¹⁹⁰ Cf. Nieuwenhuys e Pecoud (2007). Ler também Esson (2015a) e Ungruhe e Budel (2016).

Eles não me trataram como ser humano [...] eles me trataram como um saco de cebola.¹⁹¹

Os sentimentos de mágoa e impotência foram influenciados pelos aproveitamentos de alguns dirigentes de clubes que exigiam compensações financeiras para que P* pudesse representar outro emblema. Os desentendimentos entre esses clubes prejudicaram a sua evolução desportiva, pois P* acabou por não assinar um contrato profissional pelos desacordos entre os responsáveis dos clubes envolvidos. As intransigências abortavam os negócios e P*, para além de perder uma oportunidade de conseguir a legalização em Portugal, ainda ficou sem três meses de salários que o clube C* recusou pagar e, para piorar, não aceitava negociar a transferência para o clube R*

P* sentiu-se amarrado, mas por iniciativa própria recusou voltar a jogar no clube C* e resolveu seguir os estudos numa escola de formação, que lhe permitiu receber ainda uma pequena quantia de dinheiro, para além do alojamento garantido. Ficou por lá durante alguns meses, até receber um telefonema de um clube no Norte, o N*. Como era um clube dos escalões distritais, os regulamentos federativos não obrigam ao pagamento de qualquer compensação financeira, como acontece nos clubes inscritos nas competições nacionais,¹⁹² abrindo-se uma porta para regressar ao que mais gosta de fazer.

Esteve em N* durante uma época desportiva e esse tempo foi importante para poder renascer para o futebol e sentir novos focos de esperança. Esse sentimento aumentou quando recebeu depois a proposta do R*, equipa do distrito de Braga. A proposta foi melhor, pois passou a receber 400 euros por mês e tinha a promessa de assinar um contrato profissional que lhe permitiria conseguir a legalização.

As promessas, mais uma vez, não foram cumpridas e P* viu-se embrulhado em mais problemas. O presidente do clube colocou-lhe à frente um contrato de faxineiro, mas nunca o registou, mantendo-se ilegal no país. O seu estado de espírito agravou-se ainda mais quando uns meses depois, um clube português de grandes dimensões queria

¹⁹¹ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 56.

¹⁹² FPF (2010).

contratá-lo, mediante o pagamento de uma contrapartida financeira ao clube R*. Os dirigentes deste clube, à socapa, manipularam P* e convenceram-no a assinar um contrato profissional para poderem negociar com o outro clube por valores exorbitantes, acabando o negócio por abortar. No final dessa época, P* também percebeu que esse contrato profissional que tinha assinado não tinha qualquer validade e acabou por ser dispensado no final da temporada.

Tudo voltava ao princípio. P* não tinha quaisquer perspectivas em Portugal e o cenário de regressar à Guiné-Bissau era cada vez mais real. Mas o espectro de vergonha e incapacidade de lidar com a situação e revelar a sua história à família fê-lo aguentar-se em condições de incerteza em Portugal, e sempre com os receios de ser abordado pelo SEF e acabar deportado¹⁹³. P* lembrou-se dos sacrifícios da família em conseguir o dinheiro que permitiu adquirir a documentação e comprar o bilhete de avião e, para além disso, sabia que a sua família estava dependente do dinheiro que enviava todos os meses para a Guiné-Bissau.

No entanto, surgiu uma nova luz quando P* recebeu o telefonema de um treinador do clube F*, que militava no Campeonato Nacional de Seniores. Era mais uma porta que se abria e a oportunidade não foi desperdiçada. P* aceitou e mudou-se para F*, naquele que seria o clube que mais marcas lhe deixou na carreira. Foi onde marcou mais golos e, como consequência, despertou a atenção de vários clubes, abrindo-lhe inclusive a possibilidade de representar a seleção da Guiné-Bissau. Num ápice, tudo passava a correr bem e estava encontrada a fórmula para conseguir a tão ansiada legalização, porque estava na iminência de assinar um contrato profissional de trabalho que permitiria ficar em situação legal no país. Para além disso, iria auferir um vencimento que permitia ter a sua total independência e estabilidade social.

¹⁹³ Donnelly e Petherick (2004); Esson (2014); Poli (2010b) abordaram a problemática da migração ilegal na esfera do futebol, particularmente a situação de jovens futebolistas da África Ocidental que se encontram presos em países europeus, sem qualquer mobilidade legal.

“One’s own body becomes the enterprise, and thus the source of one’s earnings, providing a way to enact development through the deployment of individual autonomy”.¹⁹⁴

No entanto, tinham-se passado quatro anos em Portugal sem autorização de residência e os receios de deportação mantinham-se. Até que o contrato de trabalho assinado em F* transformou-se na tábua de salvação para os problemas. O processo de legalização começou a decorrer nas instituições competentes, mas, pelo meio, P* recebeu o convite para representar a sua seleção nacional.

Para integrar a comitiva teria que viajar para África, ou seja, seria a primeira saída de Portugal depois de quatro anos no país. Os riscos eram grandes porque o processo de legalização ainda não estava concluído e a saída de Portugal tornar-se-ia num risco apreciável. Mas a aproximação de P* com os elementos da seleção da Guiné-Bissau permitiu entrar em contacto com o governo do país e obter a garantia de um ministro de que o processo de legalização ficaria resolvido. E assim foi.

P* viajou para a Guiné-Bissau e representou a seleção com sucesso (marcou um golo). Quando se preparava para regressar a Portugal, P* percebeu que as promessas tinham sido cumpridas pois o processo de legalização estava concluído.

O seu estado de espírito alterou-se quando percebeu que todo o sacrifício passado nos últimos quatro anos tinha valido a pena. Chegou a Portugal com outra leveza de espírito e otimismo reforçado porque sentia que tinha garantido as condições de poder singrar em definitivo no futebol. O clube que representava tinha acabado de subir à 2.^a Liga de Futebol (o segundo campeonato profissional mais importante em Portugal) e isso iria permitir-lhe desenvolver as suas capacidades com mais sucesso.

Só que, mais uma vez, as ambições financeiras dos clubes voltaram a falar mais alto e P* acabou por ficar preso numa teia que o levou ao abismo.

¹⁹⁴ Esson (2013:12).

2.3.2. Poço sem fundo

As qualidades de P* não passaram despercebidas aos responsáveis do clube F*, que constataram que poderia ser um importante ativo para um futuro negócio rentável. Por isso, mantiveram-se as experiências que P* tinha sido sujeito no passado. Sentia-se agoniado e amarrado às teias montadas pelos dirigentes desportivos, que deixam para segundo plano os plenos interesses de proteção do jogador, sejam pessoais ou profissionais:

Eu estive no clube F* naquela época em que subimos de divisão, para aí cinco meses sem receber. Cinco meses sem receber e não fui embora. E agora, para assinar, não vou assinar...¹⁹⁵

P* tinha um imbróglio em mãos. Esteve todo aquele tempo a trabalhar sem receber qualquer salário e mesmo assim a equipa realizou uma temporada muito positiva que valorizou os jogadores. P* foi um dos jogadores do plantel que mais deu nas vistas e isso despertou o interesse de clubes da 1.^a Liga. Houve contactos diretos desses clubes para contratar P*, mas as intransigências do clube F*, que era detentora dos direitos económicos de P*, exigia grandes compartidas financeiras e essas exigências abortaram todas as propostas apresentadas.

P* sabia do que se passava e percebeu que o sonho de ter uma carreira de sucesso começava a andar para trás. Os clubes da 1.^a divisão recuaram na intenção de fazer negócio e o clube F* acabou depois por chantagear P* para o obrigar a renovar o contrato, porque terminava no final dessa temporada e depois ficaria livre para assinar por outro clube, sem que F* recebesse qualquer contrapartida financeira.

A renovação teria de ser feita até dezembro e P* sabia disso, recusando qualquer proposta que lhe tinha sido apresentada pelo clube F*. Esta tomada de posição levou a que o clube o afastasse dos treinos diários com os restantes colegas e o obrigassem a

¹⁹⁵ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 64.

correr à volta do relvado, sozinho e sem qualquer apoio técnico. Ficou abandonado à sua sorte, mais uma vez, e num clube que até pertencia às competições profissionais.

Com a reabertura do mercado de transferências de jogadores, começaram a surgir clubes interessados na sua cedência. O clube F* pretendia resolver o impasse e propôs a P* que fosse jogar para o último classificado da mesma divisão do clube F* ou, em alternativa, para uma equipa de escalão inferior. P* naturalmente pretendia ficar no mesmo escalão e aceitou representar o último classificado, já com a descida de divisão quase consumada.

Entre jogar num clube sem ambições desportivas e estar sem competir, a opção passou por jogar, até porque o selecionador da Guiné-Bissau já o tinha avisado que deixaria de ser convocado para a seleção se continuasse sem jogar futebol. O peso da responsabilidade e a pressão que lhe foi exercida levaram-no a tomar essa decisão:

Foi a pior coisa que eu fiz [...] eu senti tudo o que é de mau. Eu me senti traído, senti... senti enganado, senti egoísta comigo mesmo, senti revolta... senti tudo.¹⁹⁶

A mudança para aquele clube revelou-se dramática para a vida pessoal de P*, porque não estava a receber os salários acordados e tinha uma família para sustentar. Tinha a esposa, também guineense, grávida e um filho ainda pequeno. A falta de dinheiro estava a provocar uma forte instabilidade familiar, porque escasseava para comprar alimentos e para garantir as necessidades básicas de higiene da criança. Essa fragilidade psicológica revelou-se decisiva para o grave problema que surgiria depois.¹⁹⁷

P* era bom jogador, passava por problemas familiares por falta de dinheiro e representava um clube assombrado por um esquema de corrupção desportiva ligado à viciação de resultados desportivos. Os jogadores eram aliciados com quantias monetárias

¹⁹⁶ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 64.

¹⁹⁷ Cf. Winchester (1999) para reletos de experiências de paternidade em situações adversas.

elevadas para facilitarem no jogo e, no caso de P*, passava por não marcar golos na baliza adversária. P* caiu nessa teia.

Foi abordado por uma pessoa que já tinha sido colega num outro clube e apresentou-o a um indivíduo que teria ligações diretas a indivíduos de nacionalidade chinesa. Esse indivíduo propôs ‘oferecer-lhe’ uma quantia razoável de dinheiro para facilitar num determinado jogo que já teria o resultado final combinado. P*, que confiava no seu colega, não percebeu muito bem o que acabara de acontecer e aceitou o dinheiro. Viu naqueles euros a escapatória para o equilíbrio emocional, pois já poderia colocar comida na mesa de sua casa e garantir as mínimas condições familiares.

Mas a verdade é que P* tinha acabado de entrar num grave esquema de corrupção desportiva, que teve grande impacto mediático em Portugal. Sem perceber muito bem o que acabara de acontecer, P* reuniu-se com o capitão da equipa e contou-lhe o que tinha acontecido para perceber se era uma situação normal. Confrontado com a história de P*, o capitão aconselhou-o a devolver o dinheiro de imediato porque estaria a entrar num grande esquema ilegal de apostas desportivas:

Quando eu soube, voltei para trás, fui falar com eles para tentar devolver o que eles me entregaram. Aí é que entrou a culpa que eu tenho, porque eu podia fazer diferente. Podia ter chamado a polícia. Podia ter ido falar com o presidente do clube. Podia ter ido falar com o treinador. Mas só falei com o capitão. Depois disso, nunca mais vou voltar a ser a mesma pessoa [...] Eu perdi a alegria, mesmo... até de jogar futebol.¹⁹⁸

A personalidade de P* alterou-se a partir daquele momento. O longo caminho percorrido para conseguir estar em Portugal em situação legal não provocou fissuras psicológicas tão marcantes como aquelas que P* sentia, por ter aceitado aquele dinheiro.

¹⁹⁸ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 82.

A situação de fragilidade em que se encontrava levaram-no a ter aquele comportamento e agora as consequências poderiam ser muito gravosas.

P* decidiu entregar o dinheiro de volta aos dois indivíduos que o subornaram, mas a reação destes foi negativa. Eles sabiam todos os pormenores da vida particular de P* e um deles usou esse argumento para o coagir. Houve ameaças de que a família de P* ficaria em perigo se aquela história do suborno fosse tornada pública. P* tinha consciência que aquele ato irrefletido, mas feito pela necessidade extrema de ajudar a família, poderia colocar todos os membros da família em perigo. No processo que decorre em Tribunal denominado M*, P* tem receio de abordar os nomes de quem o aliciou, com medo das represálias que possam daí advir:

Pode ser que a minha família pode estar ameaçada por causa disso. Porque se eu falar, eu vou chamar o nome das pessoas. E chamando o nome das pessoas, ninguém sabe o que é que vai dar. O advogado já me deu esse alerta. Eu já tinha percebido isso...¹⁹⁹

2.3.2. O conforto da família

A família de P* chegou a Portugal quatro anos depois de ter chegado com a ambição de ser jogador de futebol. Os seus documentos de legalização já estavam regularizados e o processo concluído e isso permitiu que, finalmente, pudesse receber a sua esposa sem o risco de deportação. Com ela chegou a filha pequena. As emoções de P* alteraram-se e recobrou o ânimo. Finalmente sentiu estabilidade emocional e vontade de seguir com a sua carreira para a frente. Este reencontro ocorreu no melhor período de P* ao serviço do clube F*.

¹⁹⁹ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 142.

Estava em alta e havia perspectivas de chegar ao topo do futebol português. A felicidade apoderou-se de P* e as rotinas mudaram. Deixou de viver num apartamento que partilhava com um amigo da Guiné-Bissau que tinha acolhido, depois deste ter passado por dificuldades em Lisboa. A chegada da família iria alterar as suas rotinas e alguns comportamentos. Instalou-se depois num apartamento cedido pelo clube F* e por lá ficou nos meses seguintes.

A família iria aumentar algum tempo depois, com o nascimento de uma menina. Mas nesse dia P* estava longe de casa porque tinha sido convocado para jogar na seleção nacional da Guiné-Bissau. Era um jogo importante de Apuramento para a CAN (Taça das Nações Africanas) e disputou-se no Quênia. Mas a entrada naquele país foi complicada porque não tinham documentação (visto) para entrar no país e exigiam o pagamento de 500 dólares para levantar o impedimento.

Como a comitiva da seleção guineense viajou sem qualquer dirigente da federação nacional, tiveram de ser os próprios jogadores a resolver o problema e P* desembolsou, por sua conta, os 500 dólares, na expectativa de ser depois ressarcido. Mas não aconteceu. Para além de não receber esse valor pago para entrar no Quênia e jogar pelo seu país, P* foi ainda “traído” pelos dirigentes federativos.

P* fez todos os jogos como titular na fase de apuramento para a CAN. Conseguiram esse apuramento e quando saíram os convocados para disputar a fase final da CAN, P* foi afastado do grupo, perdendo mais 15 mil euros que tinham sido prometidos a cada jogador, caso alcançassem a fase final da CAN. Ainda assim, P* deu o nome de Vitória à filha por ter conseguido vencer aquele jogo no Quênia, no momento em que ela nascia.

O casamento e o crescimento familiar é visto como ponto importante para a maturidade social, à qual se alia a componente educacional e económica²⁰⁰. A vida matrimonial de P* foi complicada. O sacrifício de abandonar o seu país para procurar a sorte em Portugal também teve um impacto direto na sua família mais próxima. Para além dos progenitores e dos irmãos, ficou também para trás a sua namorada e a filha, na altura

²⁰⁰ Martin et al (2016); van der Meij e Darby (2014).

com dois anos. A decisão foi árdua, mas todo o sacrifício foi feito a pensar no bem-estar de todos eles. P* é de família muçulmana e os costumes proibem a constituição de família sem procederem aos rituais daquela religião. E a relação teve um revés que provocou um choque entre famílias. P* tinha 16 anos quando engravidou a namorada, de 15. O impacto foi demasiado forte para que as famílias aceitassem de bom grado aquele ‘incidente’. P* nunca fugiu às responsabilidades e assumiu a paternidade da criança, mesmo sem subir ao altar.

Esse momento aconteceu, anos mais tarde, mas à distância:

Eu não estava lá. Eu fiz casamento por procuração. Fiz casamento por procuração. Fiz procuração aqui, mandei para o meu irmão e o meu irmão é que foi casar. Foi representar.²⁰¹

Quer dizer, aquelas responsabilidades foram construídas ainda muito jovem e acompanharam-no na linha do tempo. Passaram-se quatro anos e o reencontro deu-se, finalmente, em Portugal, limpando por momentos a sua visão cinzenta do mundo, pelas partidas que sofreu ao longo do tempo. A família cresceu e com isso aumentaram as suas responsabilidades, sentindo que teria condições de sustentabilidade que não poderia oferecer se estivesse no seu país de origem. Richards²⁰² constata que muitos jovens da África ocidental encaram a Europa como o passaporte para a modernidade e o reconhecimento de uma vida adulta social. Esta visão enquadra-se na realidade vivenciada pela sua experiência num país do ocidente.²⁰³

A distância fez aumentar as saudades da família pela impossibilidade de a poder visitar. Como esteve ilegal em Portugal, a saída do país poderia fechar-lhe de vez as portas do sonho. Esse foi um dos motivos de não ter ido ao funeral do seu pai, que morreu precisamente um ano depois de ter chegado a Portugal, 11 de novembro.

²⁰¹ Anexos: Entrevista n.º 4: linha 112.

²⁰² Richards (1996)

²⁰³ Pelican e Jan (2014). Os jovens africanos encaram a educação de tipo ocidental como uma trajetória adicional para um futuro de sucesso e prestígio em muitos ambientes africanos.

P* recebeu a notícia com muita dor. Não estava à espera daquele telefonema feito por uma irmã, porque nesse mesmo dia P* havia estado quatro vezes ao telefone com o seu pai, que estava a tratar de comprar um carneiro para um ritual religioso. P* enviara dinheiro por volta do meio-dia para que o seu pai fizesse a compra. Eram 19 horas quando este lhe ligou a confirmar que estava tudo resolvido e que ia de seguida fazer uma das orações do dia. 10 minutos depois, a irmã de P* liga-lhe a contar a fatídica notícia. P* fez o luto sozinho, longe de todos, porque a sua família direta ainda estava na Guiné-Bissau.

Considerações finais

O presente trabalho teve como propósito construir um caminho metodológico que nos pudesse conduzir a respostas sobre questões relativas à vivência individual de tráfico de jogadores de futebol que afeta muitas vítimas oriundas, principalmente, dos continentes africano e americano.

Tendo em conta o âmbito do mestrado desta dissertação, o foco central baseou-se na realidade africana, através de um estudo de caso sobre um jovem de um país da África ocidental que percorreu os caminhos habitualmente utilizados neste esquema de tráfico.

A complexidade do problema levou-nos a alterar os caminhos que traçámos inicialmente para a realização desta dissertação, pela dificuldade em obter testemunhos das vítimas por receios de represálias ou então pela recusa em reviver memórias especialmente dolorosas desse período das suas vidas.

Por esse motivo optámos por estudo de caso exploratório, utilizando a metodologia qualitativa para aprofundar a narrativa feita na primeira pessoa; esse enquadramento permitiu-nos retirar algumas conclusões que cremos pertinentes e que serão abordadas nestas considerações finais, nomeadamente, os caminhos que podem ser seguidos de modo a controlar e punir os prevaricadores e, sobretudo, proteger as vítimas deste esquema de tráfico que tem tido um crescimento evidente.

Para chegar a este resultado, tivemos que perceber os trajetos desencadeados pelos agentes de futebol e as ligações diretas que existem com os clubes europeus, as formas de aliciamento utilizadas para atrair a vítima, terminando com uma visão das consequências individuais e sociais do tráfico de jogadores.

Percebeu-se que existe uma organização criminosa bem estruturada de escala global com intenções declaradas de resgatar jovens africanos em situação de grande fragilidade social, provocada por dificuldades económicas que impossibilitam garantias de sustentabilidade individual e familiar.

Constatámos que o fenómeno de recrutamento tem início em observações minuciosas de potenciais jovens (preferencialmente menores de idade) atletas, ‘filtrando’

os que apresentam melhor capacidade e robustez física, por serem os ‘protótipos’ mais procurados pelos clubes europeus.

O período de observações é feito nos países de origem das potenciais vítimas pelos agentes que as recrutam, por iniciativa própria ou solicitados por clubes. Segue-se uma primeira abordagem aos jovens com promessas de uma carreira de sucesso no futebol europeu. A ilusão fica montada no espírito dos jovens e partilhada com a família, que acaba por prestar todo o apoio e incentivo para aceitar o desafio, pois este seria uma escapatória às dificuldades económicas e o estabelecimento da esperança de uma vida social estabilizada para todo o agregado familiar²⁰⁴.

Feita a ligação entre a vítima e a respetiva família, o agente avança nos parâmetros do esquema do tráfico através das orientações para a aquisição dos documentos que permitem viajar entre uma capital africana e uma cidade europeia com visto de turista, por não existir qualquer contrato de trabalho em perspetiva por parte do clube de destino, nem, tampouco, garantias de que a vítima poderá contar com o futuro salvaguardado.

Percebemos também que os agentes pretendem que seja a vítima a suportar os custos da viagem transcontinental, seguindo dessa forma os passos ‘normais’ do esquema do tráfico. No caso por nós analisado, tal só não aconteceu porque o visto de turista da vítima estava em vias de caducar e o agente acabou por assumir as despesas da viagem.

No país de destino, o esquema que é descrito na literatura científica coincide perfeitamente com o que é analisado neste estudo. Desde logo porque o jovem esteve a treinar num clube de dimensão nacional durante algumas semanas com o visto de turista caducado e sem qualquer garantia de suporte depois do período experimental. Isto, mantendo a vítima em total ignorância da situação em que se encontrava, pois nunca soube que estava na academia a treinar à experiência, embora o agente que o recrutara na Guiné-Bissau tivesse garantido de que iria representar o clube com todos os trâmites legais.

Há ainda a particularidade de percebermos, através do testemunho da vítima, da existência de um circuito de ligação entre os serviços alfandegários que fiscalizam a

²⁰⁴ van der Meij and Darby (2014).

entrada de cidadãos estrangeiros no país e o clube que recebeu o jovem para o período experimental.

Essa relação facilitada e aparentemente ilícita é relatada pela vítima quando refere o telefonema de um representante do clube para os serviços alfandegários no sentido de desbloquear o processo de legalização ou, pelo menos, de permanência permitida do jovem jogador que tinha chegado a Portugal com o visto a caducar no próprio dia da chegada.

Depois de terminar o período experimental, o jovem é expulso das instalações e o agente ainda tenta colocá-lo em outros clubes nas mesmas condições, mas quando percebe que não terá os proveitos que inicialmente perspetivou, acabou por deixá-lo por sua conta, sem quaisquer garantias de subsistência.

Em suma, trata-se, pois, de um típico caso de tráfico de jogadores, envolvendo todo o processo reconhecido na bibliografia académica, nas suas várias fases desde o recrutamento até à chegada ao país de destino.

Estamos a falar de uma problemática crescente, por se tratar de um mecanismo envolto na ilegalidade, mas que pode ser contornado pelas vias legais através de esquemas bem conduzidos que conseguem iludir as burocracias.

O futebol é um negócio que envolve muitos milhões de euros e está espalhado a uma escala global, tendo em conta os investimentos que são feitos por empresários de elevado capital provenientes da Ásia e Médio Oriente, despertando dessa forma a proliferação de indivíduos que assumem a prática de agentes de futebol de forma ilegal, uma vez que os licenciamentos para agentes de futebol não são atribuídos pela FIFA desde 2001 e os agentes são licenciados diretamente pela federação do seu país (ANAF).²⁰⁵

Este estudo permitiu reconhecer a necessidade e a abertura de caminhos exploratórios com o objetivo de punir os prevaricadores e proteger a vítimas,

²⁰⁵ <http://www.anaf.pt/edicao/documentos/lista-agentes.pdf>.

nomeadamente, através da aplicação de medidas legais de coercividade e proteção, respetivamente.

A primeira medida, e já detetada pelo Diretor Executivo da UEFA, Lars-Christer Olsson, passaria por uma regulamentação adequada sobre a atividade dos agentes e também já discutida no Parlamento Europeu, com o eurodeputado Guy Bono²⁰⁶ a referir que “podemos falar de verdadeiros canais de imigração clandestina destinados a fornecer campos de treino onde os grandes clubes vão buscar os seus futuros jogadores”,²⁰⁷ concluiu depois de ter participado na elaboração de um relatório sobre futebol profissional. O político aponta as medidas que deveriam ser tomadas e que se enquadram no objetivo desta conclusão.

“As partes envolvidas devem trabalhar em estreita cooperação com os serviços nacionais de inspeção da imigração e do trabalho, na análise da emissão de vistos de curta duração e respetivos certificados de transferência internacional. Os clubes deveriam comprometer-se a dar aos jogadores oriundos de países terceiros a possibilidade de regresso ao país de origem, se o período à experiência não resultar num contrato”.²⁰⁸

A União Europeia está atenta a esta problemática crescente e os debates realizados no parlamento apresentaram algumas medidas de prevenção que seriam importantes para controlar o fenómeno. Desde logo, a obrigatoriedade de os clubes terem de assumir a apresentação de um contrato de trabalho com os jovens jogadores, que poderia ser provisório durante o período em que estejam sujeitos a observações, garantindo depois um contrato definitivo se o clube pretendesse ficar com o jovem. Se não houver interesse na contratação, caberia ao clube a responsabilidade de reunir toda a logística que permitisse o regresso do jogador em segurança ao seu país, assumindo o pagamento de

²⁰⁶ U.E. (2007).

²⁰⁷ U.E. (2007: 1).

²⁰⁸ U.E. (2007: 1).

todas as despesas inerentes à viagem e estadia. Ou seja, deveria existir uma total responsabilização dos clubes recetores de jovens vítimas do tráfico, obrigando-os a divulgar junto das federações desportivas competentes, dos serviços nacionais de inspeção da imigração e do trabalho a existência de jovens nestas condições para serem sinalizados e monitorizados para garantir a segurança das vítimas. Também os serviços estatais de controlo migratório deveriam inspecionar com frequência as instalações dos clubes nacionais para detetarem possíveis jovens em risco e indefesos.

A lei portuguesa deveria ser retificada de modo a penalizar mais intensamente este conjunto específico de ilegalidades, inserindo uma tipificação no conjunto das práticas ilícitas no contexto do tráfico humano, explicitando a especificidade do tráfico de jogadores, porque, como vimos nesta dissertação, existem diretrizes legais que incluem este negócio com os jogadores na linha do tráfico humano.

Alerta-se, pois, para a necessidade de introduzir na legislação portuguesa normas que regulamentem ações punitivas aos clubes que recebam jovens sobre qualquer ação de aliciamento ou participação direta/indireta no recrutamento destes jovens. Crê-se que esta medida iria reduzir ou inibir os clubes de receberem jovens jogadores em condições de ilegalidade, uma vez que na possibilidade de serem penalizados, ficariam mais sensíveis à problemática, não a negligenciando.

Com a regulamentação de responsabilização dos clubes, estes teriam de prestar atenção às condições contratuais e de logística dos jovens, garantindo-lhes todas as condições para representarem o clube com toda a dignidade.

As observações para a necessidade de introdução de legislação punitiva para os elementos/instituições que direta ou indiretamente integram as vias do tráfico são também adaptáveis aos países de origem das vítimas, pois entendemos que se existir uma maior coerção na legislação em vigor sobre essas práticas, poderá fazer diminuir a intenção de recrutamento por parte das redes organizadas.

Poderia também ser criado um serviço específico de colaboração entre as autoridades policiais dos países de origem e de acolhimento, através de mecanismos de deteção, sinalização, monitorização e acompanhamento das movimentações desencadeadas em todo o processo de recrutamento. Esta ação concertada entre os agentes

de autoridade poderia ser feita em estreita colaboração e com persistente troca de informações entre os casos sinalizados.

Ainda nos países de origem, seria pertinente a instituição de ações de sensibilização para o problema do tráfico, transmitindo aos jovens os perigos inerentes a uma viagem para a Europa sem qualquer garantia de segurança. Essas ações poderiam ser realizadas nos clubes de futebol instalados nos países e nos estabelecimentos de ensino, nas zonas sinalizadas de maior recrutamento de jovens para este tipo de ‘negócio’. Podiam ainda ser constituídas equipas de ação social (assistentes sociais, psicólogos e outros elementos com experiência profissional e científica sobre o trabalho com grupos) ou ONGD’s para trabalhar diretamente com os jovens e as respetivas famílias, pois, como vimos nesta dissertação, o agregado familiar é uma importante chama motivadora para os jovens se aventurarem numa experiência pela Europa. Por isso, seria importante explicar os perigos para o qual são conduzidos e incentivar à busca de medidas preventivas, antes de aceitarem viajar para os países europeus.

As experiências de algumas vítimas, como a de P*, testemunhada nesta dissertação, poderá servir de exemplo para narrar a exposição ao perigo a que ficam sujeitos quando entram num mundo completamente desconhecido e sem as garantias de apoio.

Nesse sentido, quando chegados aos países de destino, seria importante criar equipas de acompanhamento (assistentes sociais, psicólogos, etc.) durante o período de adaptação e de providências com a documentação relacionada com a permanência no país e/ou com os contratos de trabalho com os clubes em que irão estar a jogar. Caberia ainda aos clubes criarem uma espécie de ‘casas de jovens’ nas suas academias com a garantia de todas as condições de sustentabilidade social, económica e educativa.

Esta dissertação terá ainda um carácter crítico-emancipatório, no sentido em que permite que o autor deste trabalho e P* possam disponibilizar-se para conversar com jovens que se encontrem situação igual ou semelhante à de P* e transmitam as suas ideias sobre a problemática, com o objetivo de despertar consciências e alertar para os perigos que uma má condução do processo poderá significar para as vítimas. Esta intervenção crítica poderá ainda ser utilizada em espaços públicos de debate, como conferências

temáticas sobre desporto, seminários com clubes de futebol e ainda de intervenção académica, em estabelecimentos de ensino de escolaridade obrigatória e ensino superior.

Por fim, dizer que esta dissertação serviu ainda para abrir várias portas sobre esta problemática e a possibilidade de poder desenvolver estudos mais aprofundados através das pistas que aqui foram levantadas. Entre outras possibilidades aqui mencionadas, efetuar trabalhos de campo em países mais suscetíveis de recrutamento, através de levantamentos do problema na sua origem, junto das famílias das vítimas e ouvindo as razões e as motivações que levam ao incentivo dos jovens para entrar no circuito do tráfico, poderá constituir num trabalho futuro de investigação.

Referências bibliográficas

- Almeida P (2014) — Futebol, Identidade e Resistência no séc. XXI: A Política de Governação do Atlético de Bilbao. *VIII Congresso Português de Sociologia: 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas*, Évora. http://historico.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0734.pdf
- Anderson B (2007) — Motherhood, Apple Pie and Slavery: Reflections on Trafficking Debates. *Centre on Migration, Policy and Society Working Paper No. 48*, University of Oxford.
- Anderson B (2016) — Researching affect and emotion. In N. Clifford et al. (eds), *Key methods in Geography*, pp. 182-197. Sage.
- Ansell N (2009). Childhood and the politics of scale: Descaling children’s geographies? *Progress in Human Geography*, 33(2), 190–209.
- Bachmann V e Sidaway JD (2009) — Zivilmacht Europa: a critical geopolitics of the European Union as a global power. *Transactions of the Institute of British Geographers* 34(1): 94-109.
- BAD (2018), *Perspetivas Económicas em África 2018. Banco Africano do Desenvolvimento*. https://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/Perspectivas_Economicas_em_Africa_2018.pdf
- Bale J (2004) - *Three geographies of Africa footballer migration: Patterns, problems and postcoloniality*. In G. Armstrong & R. Giulianotti (Eds.), *Football in Africa: Conflict, conciliation and community* (pp. 229-246). Basingstoke, UK, and New York: Palgrave Macmillan.
- Barnes TJ e Hannah M (2001) — The place of numbers: histories, geographies, and theories of quantification. *Environment and Planning D: Society and Space* 19: 379-383.
- Baxter J e Eyles J (1997) — Evaluating Qualitative Research in Social Geography: Establishing ‘Rigour’ in Interview Analysis. *Transactions of the Institute of British Geographers* 22(4): 505-525.
- Bedford T e Burgess J (2001) — The focus group experience. In M. Limb e C. Dwyer (eds), *Qualitative methodologies for geographers*, pp. 121-135. Arnold.
- Bennhold K (2006) — “Soccer Dreams and Reality”. *Play the game*. <http://www.playthegame.org/news/news-articles/2006/soccer-dreams-and-reality/>
- Besnier, N (2015) - “Sports Mobilities across Borders: Postcolonial Perspectives.” *The International Journal of the History of Sport* 32 (7): 849–861.
- Bondi L, et al (2017) — Introduction. In L. Bondi e J. Davidson (eds), *Emotional Geographies*. Routledge.

- Boyden, J., Howard, N., 2013. Why does child trafficking policy need to be reformed? *The moral economy of children's movement in Benin and Ethiopia*. *Child. Geogr.* 11 (3), 354–368.
- Bradshaw MB e Stratford E (2010) — Qualitative research design and rigour. In I. Hay (ed), *Qualitative Research Methods in Human Geography*, pp. 69-80. Oxford University Press.
- Cain T (2011) — *Bounded bodies*. Massey University Press.
- Cameron J (2005) — Focusing in the focus group. In I. Hay (ed.), *Qualitative research in Human Geography*, 2nd ed., pp 116-132. Oxford University Press.
- Campbell H, et al (1999) — What it means to be a man? In R. Law et al (eds), *Masculinities in Aotearoa*, pp. 166-186.
- Carmo H e Ferreira M (2008) — *Metodologia da Investigação—Guia para Autoaprendizagem*, 2.^a ed. Universidade Aberta.
- Castilho E (2007) — *Da Convenção de Genebra ao Protocolo de Palermo. Política nacional de enfrentamento ao tráfico de pessoas*. Brasília.
- Clifford N et al (2016) — Getting started in Geographical Research. In *Key Methods in Geography*, 3rd ed.p. 3-18. Sage.
- Clifford N et al, eds. (2016) — *Key methods in Geography*, 3rd ed. Sage.
- Cloke P (2001) — *Approaching Human geography*. Sage
- Cloke P et al (2004) — *Practising Human Geography*. Sage.
- Coe A, Wiser J (2011) — Ghanaian Footballers Stranded in Mauritius. *The Daily Guide Accra*, <http://www.modernghana.com/sports/343568/2/ghanaiansUfootballersUstrandedUinUmauritius.html>
- Cope M (2002) — Feminist epistemology in Geography. In P. Moss (ed.), *Feminist Geography in Practice*, p. 43-56. Blackwell.
- Cope M (2016) — Transcripts (coding and analysis). In M. Goodchild et al (eds), *International Encyclopedia of Geography: People, the Earth, Environment, and Technology*. Wiley.
- Cope M e Kurtz H (2016) — Organizing, coding and analiszing qualitative data. In N. Clifford et al. (eds), *Key methods in Geography*, pp. 647-664. Sage.
- Crang M (2002) — Qualitative methods: the new orthodoxy. *Progress In Human Geography* 26(5): 647-655.
- Crang M e Cook I (2007) — *Doing ethnographies*. Sage.
- Cruise, O. e Donal B (1996) - “A Lost Generation? Youth Identity and State Decay in West Africa.” In *Postcolonial Identities in Africa*, ed. Richard Werbner and Terence Ranger, 55–74. London/New York: Zed Books.
- Darby P (1997) — *Theorising world football politics: FIFA, dependency and world system theory*. Scottish Centre Research Papers in Sport, Leisure and Society, 2(1): 100-113.
- Darby P (2000) — The new scramble for Africa: African football labour migration to Europe. *European Sports History Review*, 3, 217-244.
- Darby P (2002) — *Africa, football and FIFA: Politics, colonialism and resistance*. London and Portland, OR: Frank Cass.

- Darby P (2006) — Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos. Recurso colonial e neocolonial. *Análise Social—Futebol Globalizado*. pp: 417-433.
- Darby P, et al (2007) — “Football Academies and the Migration of African Football Labor to Europe.” *Journal of Sport & Social Issues* 31 (2): 143–161.
- Darby P (2010) — “‘Go Outside’: The History, Economics and Geography of Ghanaian Football Labour Migration.” *African Historical Review* 42 (1): 19–41.
- Darby P (2011) — “Out of Africa: the exodus of elite African football labour to Europe”. In: *Maguire, J., Falcouse, M. (Eds.), Sport and Migration: Border, Boundaries and Crossings*. Routledge, Abingdon, Oxon, pp. 245–258.
- Darby P e Meij N (2018) — Africa, migration and football. *Sport in the African World*. Routledge.
- Darby P e Akindes G (2007) — Football Academies and the Migration of African Football labor to Europe. *Journal of Sport & Social Issues*. May Issue: 143-160.
- De Brie C (2001) — *L’Afrique sous la coupe du football*. Le Monde Diplomatique.
- DeLyser D et al, eds (2010) — *The Sage Handbook of Qualitative Geography*.
- Dewsbury J (2010) — Performative, non-representational, and affect-based research. In D. DeLyser et al, (eds), *The SAGE handbook of qualitative geography*, pp. 321-334. Sage.
- Donnelly P e Petherick L (2004) — Workers’ playtime? Child labour at the extremes of the sporting spectrum. *Sport in Society*, 7(3): 301-321.
- DRE (2018) – Declaração Universal dos Direitos Humanos. *Diário da República Eletrónico*. <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos#1> (Página consultada em 12 de junho de 2018)
- Duarte A (2009) — *Experiência de Consumo*. Ed. Univ. Porto
- Duffy M, et al (2011) — Bodily rhythms. *Emotion, Space and Society* 4: 17-24.
- Dunn K (2005) Interviewing. In I. Hay (ed.), *Qualitative research in Human Geography*, 2nd ed., pp 79-105. Oxford University Press.
- ECS (2009) — *Study on Sports Agents in the European Union*. European Commission. http://ec.europa.eu/sport/library/doc/f_studiesstudy_on_sports_agents_in_the_EU.pdf.
- Edwards, P. (2015) — Underage African footballers “trafficked” to Laos. Retrieved from <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-33595804>.
- Elden S e Crampton J (2007) — Introduction. In J. Crampton, S. Elden, eds., *Space, knowledge and power*. Routledge
- Esson J (2013) — *A body and a dream: West African youth, mobility and football trafficking* (Doctoral Thesis). London: University College.
- Esson J (2014) — Better Off at Home? Rethinking Responses to Trafficked West African Footballers in Europe. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 41(3): 512-530.
- Esson J (2015a) — You have to try your luck: male Ghanaian youth and the uncertainty of football migration. *Environment and Planning A*, 47 (6): 1383-1397.
- Esson, J (2015b). Escape to victory: Development, youth entrepreneurship and the migration of Ghanaian footballers. *Geoforum*, 64, 47–55.

- Esson J (2016) — Football as a vehicle for development: lessons from male Ghanaian youth. In N. Ansell et al (eds), *Geographies of Global Issues: Change and Threat* (Author's proof), pp.1-18. Springer.
- Fairclough N (1989) — *Language and Power*. Longman.
- FIFA (2010). *Regulations on the Status and Transfer of Players*. FIFA. http://www.fifa.com/mm/document/affederation/administration/01/27/64/30/regulations_statusandtransfer2010_e.pdf.
- Flick U (2005) — *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Monitor.
- Flowerdew R, Martin D (eds) (2005) — *Methods in Human Geography: A guide for students doing research projects*, 2nd ed. Addison-Wesley.
- Folch-Serra M (1990) — Place, voice and space. *Environment and Planning D: Society and Space* 8: 255-274.
- Foucault M (2008) - *The Birth of Biopolitics: Lectures at the College de France 1978–1979*. New York: Palgrave Macmillan.
- FPF (2016) — *Regulamento das Competições organizadas pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional*. Federação Portuguesa de Futebol.
- Frey J (2001) — La sociologie urbaine française entre morphologies et structures. *Espaces et société* 103: 27-55.
- Gabriel T (2017) — *Empathic Resonance: An Autoethnography*. Bournemouth University Press.
- Gee JP (2014) — *An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method*. Routledge
- Gough KV (2008) — 'Moving around': social and spatial mobility of youth in Lusaka. *Geogr. Ann.: Ser. B Hum. Geogr.* 90 (3), 243–255.
- Gregory D, et al (2009) — *A Dictionary of Human Geography*, 5.^a ed. Blackwell.
- Hage G (2003) — *Against Paranoid Nationalism: Searching For Hope in a Shrinking Society*. Annandale, Australia: Pluto Press.
- Hanna P (2012) — Using internet technologies as a research medium. *Qualitative Research* 12(2): 239-242.
- Hansen K (2005) — Getting Stuck in the Compound: Some Odds against Social Adulthood in Lusaka, Zambia. *Africa Today* 51 (4): 3–16.
- Hay I (2016) — *Qualitative Research Methods for Human Geographers*, 3rd ed. Oxford University Press.
- Hernández C e Carling J (2012) — Beyond “Kamikaze Migrants”: risk taking in West African boat migration to Europe. *Hum. Org.* 71 (4), 407–416.
- Holloway L e Hubbard P (2001) — *People and places*. Pearson.
- Honeyfield J (1997) — *Red blooded blood brothers. Representations of place and hard man masculinity in television*. Waikato University Press.
- Hucheson G (2013) — Methodological reflections on transference in geographical research. *Area* 45: 477-484.

- Jackson P (2001) — Making sense of qualitative data. In M. Limb, C. Dwyer (eds), *Qualitative Methodologies for Geographers*, pp. 199-214. Oxford University Press.
- Jeffrey, C (2010) — Geographies of children and youth I: Eroding maps of life. *Progress in Human Geography* 34(4), 496–505.
- Jesus D (2003) — *Tráfico internacional de mulheres e crianças: Brasil: aspetos regionais e nacionais*. 1.^a ed. Saraiva.
- Joanguete C (2011) — O “Afrocomplementarismo” no ciberespaço africano. In *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona. Lusofonia e Cultura-Mundo*, pp. 143-155.
- JOCE (2000) – Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia. *Jornal Oficial das Comunidades Europeias*. C 364. pp 01 a 22. [https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32000X1218\(01\)&from=PT](https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32000X1218(01)&from=PT)
- Johnson L (2008) — Re-placing gender. Reflections on fifteen years of gender, place and culture. *Gender, Place and Culture* 15(6): 561-574.
- Johnston RJ e Sidaway J (2016) — *Geography and geographers*, 7th ed. Routledge.
- Jónsson G (2008) — Migration Aspirations and Immobility in a Malian Soninke Village. *University of Oxford International Migration Institute Working Papers Series, 10*, pp. 1–45. http://www.imi.ox.ac.uk/pdfs/wp/working-paper-10-migrationaspirations-and-immobility/at_download/file
- Jua N (2003) — Differential Responses to Disappearing Transitional Pathways: Redefining Possibility among Cameroonian Youths. *African Studies Review* 46 (2): 13–36.
- Kabeer N (2000) — Inter-Generational Contracts, Demographic Transitions and the ‘Quantity-Quality’ Tradeoff: Parents, Children and Investing in the Future. *Journal of International Development* 12 (4): 463–482.
- Kalir B (2005) — The Development of a Migratory Disposition: Explaining a ‘New Emigration’. *International Migration* 43 (4): 167–196.
- Kastner K (2014) — *Zwischen Suffering und Styling: die lange Reise nigerianischer Migrantinnen nach Europa*. Münster: Lit.
- King T (2003) — *The European ritual: Football in the new Europe*. Aldershot, UK: Ashgate.
- Kitchin R e Tate N (2000) — *Conducting research in Human Geography*. Pearson.
- Kitzinger J (1994) — The methodology of focus groups: The importance of interaction between research participants. *Sociology of Health and Illness* 16: 103-21.
- Kobayashi A (1994) — Coloring the Field: Gender, ‘race’ and the politics of fieldwork. *The Professional Geographer* 46(1): 73-80.
- Koser K (2010) — Dimensions and dynamics of irregular migration. *Population, Space and Place* 16, 181–193.
- Krueger R e Casey M (2000) — *Focus Groups*. Sage.
- Krushelnycky L (1999) - *Belgium’s football ‘slave trade’*. BBC News Online.
- Langevang T e Katherine V.G (2009) — Surviving Through Movement: the Mobility of Urban Youth in Ghana. *Social & Cultural Geography* 10 (7): 741–756.
- Law J (2004) — *After method: mess in social science research*. Routledge.

- Lawson V (1995) — The Politics of Difference: Examining the Quantitative/Qualitative Dualism in Post - Structuralist Feminist Research. *The Professional Geographer* 47(4):449-457.
- Longhurst R (2016) — Semi-structured interviews and focus groups. In N. Clifford et al. (eds), *Key methods in Geography*, p. 143-156. Sage.
- Longhurst R, et al (2008) — Using the body as an instrument of research. *Area* 40: 208-217.
- McDowell L (1997) — *Capital Culture*. Blackwell.
- Madge C e O'Connor H (2002) — On-line with e-mums. *Area* 34: 92-102.
- Martin J, et al (2016) — Young Future Africa – Images, Imagination and its Making: An Introduction. *AnthropoChildren* 6. <https://popups.uliege.be/2034-8517/index.php?id=2508&file=1>
- Melo V (2012) — (Des)mobilização para a luta: o esporte como estratégia nos conflitos da Guiné portuguesa (décadas de 50 e 60 do séc. XX). *Métis: história & cultura* 10 (19): 215-235.
- Miles M e Huberman A (1994) — *Qualitative data analysis*. Sage.
- Moser S (2008) — Personality: a new positionality. *Area* 40: 383-392.
- Mulíček O (2015) — Urban rhythms: A chronotopic approach to urban timespace. *Time and Society* 24: 304-325
- Nieuwenhuys C e Pecoud A (2007) — Human Trafficking, Information Campaigns, and Strategies of Migration Control. *American Behavioral Scientist* 50 (12): 1674–1695.
- Nyamnjoh, FB (2013) — Fiction and reality of mobility in Africa. *Citizen Stud.* 17 (6–7), 653–680.
- Pelican M e Jan P. H (2014) — Making a Future' in Contemporary Africa. Introduction. *Journal des Africanistes* 84 (1): 7–19.
- Pile S (2010) — Intimate distance. *The Professional Geographer* 62: 483-495.
- Pini B (2005) — Interviewing men: gender and the collection and interpretation of qualitative data. *Journal of Sociology* 41: 201-216.
- Poli R (2006) — Africans' status in the European football players' labour market. *Soccer and Society*, 6(3): 278-291.
- Poli R (2010a) - African Migrants in Asian and European Football: Hopes and Realities. *Sport in Society* 13 (6): 1001–1011.
- Poli R (2010b) — The Migrations of African Football Players to Europe: Human Trafficking and Neo-colonialism in Question. In *Football for Development*, Vienna, April. http://www.footballfordevelopment.net/uploads/tx_drblob/storage/Poli_migration-of-African-football-players_01.pdf.
- Porter G, et al (2010) — Moving young lives: mobility, immobility and urban 'youthscapes' in sub-Saharan Africa. *Geoforum* 41, 796–804.
- Potter R et al (2018) — *Geographies of Development*, 4th ed. Routledge.
- Pratt G e Philippine Women Centre (1999) — Domestic workers' experiences in Vancouver, BC. In J. H. Momsen (ed.), *Gender, Migration and Domestic Service*, pp. 23-42. Routledge.

- Punch S (2000) — Children's strategies for creating playspaces. In S. Holloway et al (eds), *Children's geographies*, pp. 48-62. Routledge.
- Quivy R e Campenhoudt L (2008). *Manuel de Investigação em Ciências Sociais*. 2.^a edição. Lisboa. Gradiva.
- Rawlinson, K (2009). Mbvoumin: *Make no mistake, this is trafficking of young people*. European, football – The Independent. Retrieved from <http://www.independent.co.uk/sport/football/european/mbvoumin-make-no-mistake-this-is-trafficking-of-young-people-1789345.html>
- Resnick D e James T (2015) — *African Youth and the Persistence of Marginalization: Employment, Politics, and Prospects for Change*. New York/London: Routledge.
- Ricci F M (2000) — *African football: Yearbook 2000* (3rd ed.). Rome: ProSPORTS.
- Richards P (1996) — *Fighting for the Rainforest: War, Youth and Resources in Sierra Leone*. Oxford: James Currey.
- Rocheleau D (1995) — Maps, numbers, text, and context: mixing methods in feminist Political Ecology. *The Professional Geographer* 47(4): 458-466
- Rose G (1997) — Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. *Progress in Human Geography* 21(3): 305-320.
- Salazar NB (2010) — Tanzanian Migration Imaginaries. *University of Oxford International Migration Institute Working Papers Series (20)*, pp. 1–45.
- Salazar NB (2011) — The power of imagination in transnational mobilities. *Identities* 18 (6), 576–598.
- Saldaña J (2013) — *The Coding Manual for Qualitative Research*, 2nd ed. Sage.
- Sangtin W e Nagar R (2006) — *Playing With Fire*. University of Minnesota Press.
- Schapendonk J e Griet S (2014) — Following Migrant Trajectories: The Im/Mobility of Sub-Saharan Africans en Route to the European Union. *Annals of the Association of American Geographers* 104 (2): 262–270.
- Scheyvens R (2014) — *Development Fieldwork*. Sage.
- Sequeira J (2013) — Futebol—O Caminho de África até à Europa. *E-REI: Revista de Estudos Interculturais do CEI* (Instituto Politécnico do Porto. Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto): http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/1711/1/A_JorgeSequeira_2013.pdf
- Silverman D (2001) — *Interpreting Qualitative Data*, 4th ed. Sage.
- Simone A (2005) - Urban Circulation and the Everyday Politics of African Urban Youth: The Case of Douala, Cameroon. *International Journal of Urban and Regional Research* 29 (3): 516–532.
- SINUS (2018) — *Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional relativo à Prevenção, à Repressão e à Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças*. <http://sinus.org.br/2014/wp-content/uploads/2013/11/OIT-Protocolo-de-Palermo.pdf>.
- Smith D (1994) — On professional responsibility to distant others. *Area* 26(4): 359-367.

- Soja EW (2010) — *Seeking spatial justice*. Univ. Minnesota Press.
- Spivak G (2010) — *Can the subaltern speak?* Columbia University Press.
- Stewart D, et al (2006) — *Focus Groups*, 2.^a ed. Sage.
- Strauss A (1987) — *Qualitative Analysis for Social Scientists*. Cambridge University Press.
- Thorsen D (2006) - *Child Migrants in Transit. Strategies to Assert New Identities in Rural Burkina Faso*. In *Navigating Youth, Generating Adulthood: Social Becoming in an African Context*, ed. Catrine Christiansen, Mats Utas, and Henrik E. Vigh, 88–114. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet
- Tonskiss F (2004) — Analysing text and speech: content and discourse analysis. In C. Seale (ed.), *Researching Society and Culture*, p. 367-382. Sage.
- Tyldum G e Brunovskis A (2005) — Describing the Unobserved: Methodological Challenges in Empirical Studies on Human Trafficking. *International Migration* 43 (1/2): 17-34.
- U.E. (2000). *Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia*. *Jornal Oficial das Comunidades Europeias*. (2000/C 364/01). União Europeia. http://www.europarl.europa.eu/charter/pdf/text_pt.pdf
- U.E. (2007). *Tráfico de jovens jogadores no futebol europeu?* Info. Serviço de Imprensa, direcção da comunicação social. <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//NONSGML+IM-PRESS+20070309STO03964+0+DOC+PDF+V0//PT&language=PT>
- Ungruhe C (2010) - Symbols of Success: Youth, Peer Pressure and the Role of Adulthood among Juvenile Male Return Migrants in Ghana. *Childhood* 17 (2): 259–271.
- Ungruhe C e Martin B (2016) — Im Spiel bleiben. Ethnologische Perspektiven auf Fußballmigrationen aus Afrika. *Zeitschrift für Ethnologie* 141 (1): 81-99.
- Ungruhe C e Esson (2017) - A Social Negotiation of Hope Male West African Youth, ‘Waithood’ and the Pursuit of Social Becoming through Football. *Boyhood Studies* 10 (1, Spring 2017): 22-43. Berghahn Books.
- UNH (2008). *Universal Declaration of Human Rights*. Office of the high commissioner <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>
- Valentine G (1999) — Doing household research. *Area* 31: 67-74.
- Valentine G (2002) — People like us: Negotiating sameness and differences in the research process. In P. Moss (ed.), *Feminist Geography in Practice*, p. 116-126. Blackwell.
- Valentine G (2005) — Tell me about... using interviews as a research methodology. In R. Flowerdew e D. Martin (eds), *Methods in Human Geography*, 2.^a ed., pp. 110-127. Wesley.
- Van der Meij N e Darby, P (2014) — No one would burden the sea and then never get any benefit: Family involvement in players’ migration to football academies in Ghana. In R. Elliott & J. Harris (Eds.), *Football and migration: Perspectives, places, players*, p. 159-179. New York: Routledge.
- Van der Meij N, et al (2016) — The Downfall of a Man is Not the End of His Life’: Navigating Involuntary Immobility in Ghanaian Football. *Sociology of Sport Journal*. doi:10.1123/ssj.2016-0101.

- Ward J, e Darby P. (2006) — *A historical account of African football labour migration to professional English football*. Paper presented at “Footballers Lives,” a symposium of the British Academy of Management, Belfast.
- Watson A, Till K (2010) — Ethnography and participant observation. In D. DeLyser et al (eds), *The Sage Handbook of Qualitative Geography*, p. 121-137. Sage.
- Winchester H (1996) — Ethical issues in interviewing. *Australian Geographer* 27: 117-131.
- Winchester H (1999) — The case of lone fathers. *Australian Geographer* 51: 60-67.

Anexos

Anexo 1

Entrevista 1 (2 Dez 2017)

- 1 - **Quando é que começou a dar os primeiros toques na bola? Foi na Guiné?**
2 - Foi, foi, foi na Guiné, mesmo.
- 3 - **Era novinho? Com quem jogava, com os colegas?**
4
- 5 - **Que idade tinha na altura?**
6 - Quinze, ou quê...
- 7 - **Mas ele viu-o lá a jogar? Jogava entre amigos, nunca teve nenhuma equipa...**
8
- Não, nunca fiz formação nessas escolinhas, não. Tudo começou na rua e depois ele levou-me para o B*. Treinava nos juniores e às vezes ia treinar com os seniores e depois o S* foi-me buscar. Fui para o S*, passados seis meses houve um jogo da seleção que fizemos, seleção de sub-16.
- 9 - **Ainda era menor. Teve alguma autorização dos pais?**
10 - Não, quando eu estava a vir, estava já com 18 anos, na altura. Na altura, eu vim para cá com 18 anos. Quando cheguei ao S* estive lá, para aí, dois meses e meio...
- 11 - **Mas a primeira vez que ele entrou em contacto, tinha 15 anos...**
12 - Com o Vital? Não, tinha 16... 16, 17 anos.
- 13 - **Mas só quando teve 18 anos é que teve oportunidade. Como é que se procedeu a vinda? Com visto de turista? Não deram nenhum contrato?**
14 - Não, vim com visto de turista. Eu ia fazer experiência ao S*. O meu visto dava para 60 dias e eu cheguei mesmo no último dia em que o visto estava a terminar.
- 15 - **Quando eles disseram que tinha o S* ou o B* como hipótese, quais foram as sensações? Era um sonho jogar na Europa, num clube conhecido, como é que reagiu?**
16 - Foi mesmo uma sensação que [...] que eu percebi que é uma forma que eu tenho para poder ajudar a minha família. Fiquei mesmo muito feliz, pá. Na altura para deixar a família ali...
- 17 - **Teve que pagar alguma coisa?**
18 - Oh, pá... Com ele, eu fiz todos os... papeladas, documentações e pagar o visto. Só que ele pagou-me, que ele até na altura... Depois que demorei muito para sair, que era, bilhete de passagem para vir para cá. Eu tinha que comprar o bilhete de passagem e aquilo, eu não tinha dinheiro para comprar aquilo e até à última da hora ele conseguiu o bilhete e enviou-me.
- 19 - **Portanto, ele pagou o bilhete da viagem... As despesas que tiveste foram só para o visto.**
20 - Para o visto...
- 21 - **E lembra-se quanto foi?**
22 - Eh, pá. Para aí 100 Euros, para aí. Era do visto e outras papeladas, do seguro e essas coisas que tive que pagar.
- 23 - **E essa pessoa que o abordou, era de confiança, já a conhecia?**
24 - Eu conhecia, conhecia a ele e a família também, conhecia. Ele era uma pessoa de confiança.

- 25 - **Então quando veio para Portugal, estava consciente que as coisas podiam funcionar...**
- 26 - Realmente...
- 27 - **E a sua família, como reagiu? Apoiou, ficou com receios?...**
- 28 - Não, a família apoiou porque, o único, como é que posso dizer, o suporte para a família africana é a emigração. E quando aparece uma pessoa que diz que vai ajudar uma pessoa da tua família, a família fica sempre... mesmo não conhecendo a pessoa, a família sempre reage de uma maneira diferente.
- 29 - **Então quando chegou em Portugal, aterrou em Lisboa, onde o instalaram? Num hotel, como se procedeu?**
- 30 - Não, quando cheguei, para entrar ainda, aquilo deu um problema, porque o visto caducava no mesmo dia em que o visto ia caducar. Então, ele apresentou no Serviço de Estrangeiros a dizer que vinha para o S* e depois fui para casa de uma senhora, que é, era o... a ex-mulher dele. Dormi lá um dia e no dia seguinte fui logo para A*. Estive lá aqueles dois meses e era o mês de sonho, porque estava a viver..., estava num lugar que eu nunca cheguei a viver. Depois de sair de lá, as coisas complicaram muito.
- 31 - **Mas o que correu mal? Foi o visto, não conseguiu resolver?**
- 32 - Não foi isso. Sinceramente o que aconteceu de concreto eu não posso explicar, porque, nem o..., nem ele me disse o que aconteceu de concreto. Ele chamou-me e disse que o S* lhe disse que já não posso ficar lá. Disse “porquê”? E ele “não. Pode ser que já estás no último ano de sénior ou alguma coisa assim”. Oh, pá, é isso aí.
- 33 - **Ou seja, foi um mês de sonho, deram-lhe dormida...**
- 34 - Deram dormida, comer
- 35 **Pagaram-lhe?**
- 36 - Não, não, não.
- 37 - **E no final desse mês, chegou à sua beira e disse-lhe friamente que o S* já não o quer.**
- 38 - Já, já não quer...
- 39 **E soluções, não lhe deu soluções?**
- 40 - Ele me disse para... vamos para Lisboa, vai-me arranjar um lugar para ficar e depois vamos arranjar solução. Então, fomos para casa do outro amigo dele, que é... é guineense também...
- 41 - **É empresário, também?**
- 42 - É, é empresário, também. E foi... fiquei lá e aquele empresário e a mulher separaram-se. A mulher foi embora e deixou a casa para... estava lá só crianças. E aquele empresário estava..., tinha outra casa. E as crianças que estavam lá, os rapazes que estavam lá, vão lá comer. E eu não conhecia e quando via eles sair da escola para ir lá comer... tive uma semana a comprar o pão e fazer água com açúcar para comer.
- 43 - **Não tinha nada...**
- 44 - Não tinha.
- 45 - **E a pessoa que o trouxe, não mais disse nada?**

- 46 - Ele quando me deixou, depois foi para França ou alguma coisa assim, e só quando depois de ele voltar, fez ainda um contacto para eu ir para o M*. Eu fui lá treinar, para aí dois ou três treinos, e ele me disse “não, no M* também não vais ficar, no M* não é para ficar”. Tive que voltar. Voltei para cá, mas cheguei e ele me disse “olha, o C* está muito interessado em ti”. Eu, “o C*?”. Não sabia quem era o C*. Vim aqui treinar um dia. Treinei naquela noite e voltei no dia seguinte. O C* estava interessado. Só que, voltei para lá, para Lisboa, e fiquei naquela casa outra vez, com aquela situação de comida, não há comida, e... Eh, pá, eu disse, não. Vou ter que ir para o C*. Vim para o C* ficar.
- 47 - **Por intermédio da pessoa que o foi buscar à Guiné?**
- 48 Sim, por intermédio dele. Ainda estamos em contacto, até chegar ao C*. Depois disso é que...
- 49 - **Entre o S* e a viagem para o C* passou-se quanto tempo?**
- 50 - Três meses.
- 51 - **Portanto, nestes três meses teve onde comer?**
- 52 - Estava a comer. Aqueles dois meses que estive no S*, tive um mês de luxo. Depois houve aquela queda em que eu fui... encontrei um problema que não tem nada a ver comigo, mas acabou por afetar-me numa parte. E depois saí de lá, fui para o M*. No M* também deram-me comida e essas coisas. Voltei outra vez para lá, foi a mesma coisa. Eu disse, tenho que ir para o C*, porque ali, ao menos, deram-me casa. Ah, casa, não. Deram-me comida, porque casa era no andar de baixo da bancada. Eu estava lá sozinho e depois veio um brasileiro. Eu estava com ele. Esse brasileiro depois foi embora e eu fiquei lá sozinho. Foram os momentos mais complicados que eu passei.
- 53 - **Foi complicado no C*?**
- 54 - Foi muito. Foi muito complicado porque estava lá sozinho. Durante a noite eu vou treinar, saio do treino, vou para casa... ali é noite. Mas durante o dia... Na altura não estava a estudar, não estava a fazer nada, ficava um dia todo, ali, de baixo da bancada ou às vezes ficava ali fora na bancada. Não tinha nenhuns vizinhos ali perto com quem podes conversar. Foi, foi muito difícil.
- 55 - **A pessoa que o levou para o S*, depois deixou de o ajudar?**
- 56 - Tive que me desenrascar. Tentei, ainda tentei, quando eu estava no C*, tentei, ainda tentei falar com ele para não dizer que... porque eu, quando comecei a jogar no C* eu vi logo que eu tinha margem de progressão. No meu primeiro jogo fiz dois ou três golos e as pessoas começaram a falar comigo. Liguei-lhe e avisei: “olha, aconteceu isso, isso, isso, já falaram comigo”. E ele: “ai é?...” E não me disse mais nada. Eu estava no C*.
- 57 - **Surgiu mais tarde o R*. Como aconteceu?**
- 58 - Apareceu o presidente do R*. Foi lá um jogo, assim... Nesse jogo eu destaquei um pouquinho e ele veio falar comigo para eu ir para o R*. Só que o C* não me deixou sair porque tinha que pagar aquele direito da formação e o R* não queria pagar. O C* estava a dever-me um dinheiro, para aí três mil, tentei falar com o V* se ele podia ficar com aquele dinheiro e deixar-me ir. Oh, pá. Não vai me pagar, e não pagou até hoje, e nem vai me deixar sair.
- 59 - **Então foi mal remunerado quando esteve no C*...**
- 60 - No C* estava a receber 150 Euros... 150 Euros.
- 61 - **E antes de ter chegado ao C* teve algum salário?**

- 62 - Não! Nunca tive mesmo nem um centavo. Só uma vez que um colega meu me ofereceu 20 Euros. Foi o dinheiro que me ajudou naquela data que eu tive que comprar pão, arranjar qualquer coisa para comer. Tive mesmo aquele um mês... um período de 15 dias depois, mais 15 dias, foi mesmo muito difícil.
- 63 - **E a questão do visto? Depois ficou ilegal...**
- 64 - A questão do visto, fiquei quatro anos assim à procura do visto. Andava com muito medo. Eles já me deram um papel de extradição para sair do país quando eu estava no C*.
- 65 - **O SEF apareceu no clube?**
- 66 - Sim, o SEF foi lá ter comigo. Deram um papel, dentro de um mês para sair do país. Então fui ao SEF, na altura comecei logo a estudar e falei com o diretor da escola. E ele arranjou um advogado, que é advogado do P*, e fui com o advogado tentar ver se conseguíamos adiar aquilo. E ele fez aquilo que deu aquele processo 88. Aquele processo 88 demorou quatro anos.
- 67 - **Qual é o processo 88?**
- 68 - É um processo que eles têm lá no SEF quando... chamam de o processo 88... esquece. Aquilo nunca mais se resolve. Só depois, eu fui para o F*, depois que assinei o contrato profissional, tive que sair do país, e depois para pedir o visto lá na Guiné para voltar, senão, nunca mais saía o documento.
- 69 - **Foi um percurso feito sozinho em Portugal... correu bem porque está legalizado, mas podia ter corrido mal...**
- 70 - Podia, podia ter corrido mesmo muito mal. E depois quando fui para R*, e depois não consegui ficar no R* por causa daquele problema do V*. E saí de lá e disse "olha, vou abandonar o futebol". Até ao mês de novembro, ligaram-me do N*, em N*. Estive lá para aí seis meses, ou quê. ligaram-me e disseram "oh, pá, queremos que..." já que o C* não me deixa sair, eles "não, por jogar aqui, vamos pagar ao C* só 20 Euros". Eu, "então é muito bom". Fui para lá jogar e o presidente do N* arranjou-me trabalho. Aquilo não custava também muito. Trabalhava durante o dia, para ir treinar à noite. Na altura, eu, que nunca fiz aquele tipo de trabalho e nunca treinei à noite, naquela intensidade de distância a que eu saía... do, do, como é... do estudo. De manhã eu estudava, só de manhã até às duas. Saía daqui, preparava qualquer coisa para comer, saía para ir trabalhar. Até às sete vou logo treinar. Sai de lá [...] para voltar. Chegava a casa à meia-noite. Todos os dias era assim.
- 71 - **Que curso tirou?**
- 72 - Tirei um curso de gestão ambiental. Um curso profissional.
- 73 - **Também apostou na formação pessoal...**
- 74 - Apostei, apostei, porque queria continuar na altura, só que para pagar faculdade, não tinha como. Agora, a minha família está lá à espera. Eh, pá. O pouquinho que eu ganho, tem que ser mesmo para ajudar a minha família. Não dá para continuar, mas gostava muito de continuar. Porque no meu curso, fui considerado o melhor aluno da... da escola, do curso e aquilo foi muito bom, mesmo.
- 75 - **Foi há quanto tempo que concluiu?**
- 76 - Foi há quê... há três anos.
- 77 - **Depois de tudo o que aconteceu, o futuro passa pelo futebol?**

- 78 - Oh, pá, neste momento eu gosto muito de futebol, sinceramente, gosto muito de futebol. O futebol deixou-me uma marca que eu não posso esquecer. Tive aí um problema recentemente que eu... todos sabem que não foi nada fácil. Não foi nada fácil, até hoje estou a viver com aquilo, parece que às vezes eu não consigo dormir. Oh pá, se eu tiver... por exemplo, eu hoje em dia estou a trabalhar, estou a fazer... estou, sou estofador, agora, aqui no G*. Estou a jogar e a fazer aquilo. E com aquilo não consigo... e com o futebol, também só com o futebol amador, não consigo. Então, estou a tentar fazer os dois. Nesse momento se eu tiver um cont... é... uma coisa profissional mesmo, vou deixar o futebol. O futebol deixou-me uma marca... eh, pá... gostava muito de continuar no futebol, porque sei que ainda posso dar muito, mas o processo que eu tenho não sei até quando, até quando isso vai-se resolver, não sei.
- 79 - **Já conhecia o fenómeno do tráfico no futebol?**
- 80 - Já ouvi falar.
- 81 - **E tinha consciência que poderia cair nesta teia?**
- 82 - Não, para nós lá, na Guiné, não consideramos assim que é um tráfico humano, por causa da pobreza. Lá, olhamos aquilo que essa pessoa quer ajudar-te. A emigração, lá na Guiné, serviu como se fosse uma tábua de salvação para jogadores guineenses. E às vezes as coisas correm muito mal com os outros. Aquilo vem para aí um empresário traz para aí 100 pessoas, só um que ele olha, porque aquele um consegue dar-lhe alguma coisa. O resto, ele deixa... tem muitos miúdos em Lisboa e há um deles que liga-me muitas vezes a pedir “o que é que eu faço?”. “Tens que lutar...”
- 83 - **Ainda na fase da sua vinda, a pessoa que o trouxe observou mais jogadores?**
- 84 - Observou mais. Era para vir quatro ou cinco, eu vim sozinho. Autorizaram o visto só para mim. E ele depois trouxe muitos miúdos ainda. Ainda tem alguns jogadores na primeira liga a jogar.
- 85 - **Ele é mesmo empresário?**
- 86 - Ele é mesmo empresário. É mesmo empresário.
- 87 - **Ainda fala com ele?**
- 88 - Praticamente não.
- 89 - **Ele abandonou-o...**
- 90 - Oh, pá... abandonou mesmo. Só uma coisa... eu no abandono, eu sabia que eu tinha que lutar para ser alguém um dia. Eu não considero assim, por exemplo, como se fosse abandono. Até eu, uma parte, eu tenho que lhe agradecer, porque ele ajudou-me a sair da Guiné, daquela pobreza, para chegar aqui. Só que, ele podia fazer mais, isso também eu sei que ele podia fazer mais para ajudar. Na altura eu não conhecia ninguém, não sabia de nada, o meu visto, na altura, quando eu cheguei, podia ter pedido, porque o meu pai era português. Podia ter pedido a nacionalidade e eu não sabia de nada. Não ajudou. Ele podia fazer alguma coisa. Eh pá... ele é que sabe porque é que fez aquilo, porque eu não podia retribuir o que ele estava a tentar fazer na altura... oh pá... só tenho que dizer, obrigado!
- 91 - **A primeira abordagem dele foi o B*, mas acabou por ir para o S*. Nunca foste ao B*...**
- 92 - Não. O B* era o clube mais conhecido, mas depois nunca cheguei a ir para lá.
- 93 - **E treinou com os juniores ou equipa B?...**

- 94 - Eram os juniores, mas naquela altura era a Liga Intercalar, ou o quê... estava lá o NR*, estava lá o AB*, o C*, aquela equipa do S*, o... quem é que vou chamar mais conhecido assim, o W*. Estava lá mais... estava lá muita gente, mas há uma pessoa que sinceramente eu gostava de ver um dia para lhe agradecer, era o NR*. Ele nunca me conhece, mas deu-me tanto apoio quando eu estava no S*. Ajudou-me muito. Era uma pessoa que eu gostava de agradecer-lhe.
- 95 - **Ficou um mês completo na academia do S*. Estava num sonho e de repente desapareceu tudo...**
- 96 - Sim, dormia lá. De repente parece que tudo me caiu em cima.
- 97 - **O empresário nunca deu nenhuma justificação...**
- 98 - Até hoje. Não sei o porquê, até hoje... as pessoas que vieram lá fazer testes, vêm uma semana e depois vão embora. Vem outro, duas semanas e vai embora. Eu fiquei lá esse tempo todo... não sei o que é que se passou. Sinceramente, não sei o que é que se passou.
- 99 - **Quando o visto caducou, a única visita que teve do SEF foi no C*?**
- 100 - Sim, sim. Foi o único lugar que eles foram mesmo... e depois comecei a ir lá frequentemente a tentar saber daquele caso, quando entrou naquele processo 88. É um processo que estava à espera. Eu comecei a ir lá, na altura estou à espera deles, aí já não podem me extraditar. Eles têm é que dar resposta: "olha, isso não dá". Fiquei lá tanto tempo e acabei por ir para a Guiné.
- 101 - **Foi nessa viagem à Guiné que jogou pela seleção?**
- 102 - Sim, foi nessa data mesmo. Estive lá um mês a resolver o visto.
- 103 - **Representar a seleção ajudou?**
- 104 - Ajudou, ajudou muito. O presidente da Federação mesmo pediu-me para ir, senão, não ia. O presidente da federação pediu-me e disse "olha, anda, vamos tentar resolver isso". Depois quando cheguei lá, ele pegou no passaporte e ajudou muito. Mas mesmo assim demorei muito tempo. Até fiquei com medo de não voltar.

Anexo 2

Entrevista 2 (10 Fev 2018)

- 1 - **És natural de Bissau...**
2 - Sim, a minha família é de Bafata, numa aldeia.
3 - **São trinta e sete quilómetros de Bissau. É perto**
4 - Sim, mas os caminhos não têm boas condições e demora sempre mais um pouquinho.
5 - **Mas, então, nasceste mesmo no centro da Capital...**
6 - Sim, no hospital Nacional. Depois cresci no Bairro Militar, fica perto do aeroporto. Jogava futebol num campo da rua 14, no Bairro Militar, mas foi no Campo da Pedrada onde aprendi a jogar à bola. Ficava perto de minha casa. Depois fizeram o outro campo, que tem melhores condições, que é o Campo do Rário. Esse campo ficou com melhores condições e toda a gente passou a jogar lá.
7 - **Então, quando começaste a jogar e, mais tarde, chamaste a atenção do empresário, era aqui que jogavas?**
8 - Foi aqui que... foi aqui que o... um amigo me viu e levou para o Benfica [de Bissau]. O empresário viu-me a jogar quando já estava lá no Benfica.
9 - **Jogaste na formação do Benfica de Bissau?**
10 - Sim, na formação
11 - **Portanto, quando foste contactado estavas no Benfica de Bissau...**
12 - Não, fui contactado quando estava no Sporting de Bissau. Mudei-me do Benfica para o Sporting e depois é que fui contactado.
13 - **E só existem esses clubes em Bissau?**
14 - Existem mais. O Clube de Bafata, Caxungo, Bula. Essas regiões assim, tudo tem um clube, mas o Benfica e o Sporting são os maiores.
15 - **Muito bem. E as viagens, como eram feitas?**
16 - Ali onde eu comecei a dar toques, era ali, ao lado da minha casa. Depois quando fui lá para jogar lá no estádio Lino Correia, aquilo já é um pouquinho longe e tenho que pagar, acho que, 150 Franco, dá 60 ou 70 cêntimos a viagem...
17 - **De autocarro?**
18 - Eh pá... aquelas camionetas que eles têm, que chama taca toca. Às vezes não tenho boleia e tenho que andar a pé. Às vezes chegava a casa de noite. Era complicado...
19 - **Vamos avançar no tempo, até ao dia da tua viagem para Portugal. Lembras-te desse dia?**
20 - Lembro [risos]. Foi no dia 11 de novembro...
21 - **Em que ano?**
22 - De 2009.
23 - **E como foi esse dia?**
24 - Foi um dia muito esquisito para mim. Eu sempre gostei de jogar futebol e quando chegou a hora para deixar a minha família foi muito complicado.
25 - **Mas ainda em relação à viagem. Como foste para o aeroporto, foi o empresário?**
26 - Não. O empresário estava aqui em Portugal e eu saí de casa através de um amigo que me foi buscar para levar ao aeroporto.
27 - **Mas quem era esse amigo?**

- 28 - Era um vizinho meu, que mora ao lado. Levou-me até ao aeroporto. O trajeto é pequeno, devem ser uns 10 minutos de carro.
- 29 - **Então esta fase foi o tempo de fazeres o check-in e esperares pela viagem...**
- 30 - Não. Fui fazer o check-in e voltei para casa ainda. Depois é que me preparei para ir.
- 31 - **E a passagem, já a tinhas contigo?**
- 32 - Sim, já tinha a passagem. Mas essa situação da passagem, eu tive ainda um problema, deram um visto de dois meses. O empresário na altura quando ele me disse que eu é que tinha que custear a viagem, eu tinha que comprar a viagem, mas não tive como comprar a viagem. Andei de um lado para o outro para tentar arranjar dinheiro, a pedir à família, aos amigos. Até fui falar com o... uma pessoa que morou no meu bairro que depois foi o presidente da República, que é o Serifo Nhamadjo. Fui pedir a ele e ele não estava e falei com a mulher dele. A mulher disse-me que quando ele chegasse para falar com ele para ajudar. Oh, pá. Deixei o contacto mas não chegaram a ligar. Até quase... estava a faltar dois dias e o meu empresário ligou-me e disse que já comprou a passagem. Eu cheguei... naquele dia em que eu cheguei, foi naquele dia que o meu visto passou o prazo.
- 33 - **Quando chegaste a Portugal...**
- 34 - A Portugal.
- 35 - **Foi mesmo no limite...**
- 36 - Foi mesmo no limite. Até para entrar aqui custou muito.
- 37 - **Então foi o empresário que pagou a viagem. Lembras-te quanto custou?**
- 38 - Oh, pá, a passagem não sabia. A que eu estava a tentar comprar custava por volta de 800 euros. A que estava a tentar comprar estava à volta de 800 euros.
- 39 - **Portanto, saíste no dia 11 de novembro em direção a Lisboa...**
- 40 - Foi no dia 11 de novembro, um dia à noite. Cheguei aqui de madrugada. Foram quatro horas de viagem. Embarquei por volta da 1 hora.
- 41 - **Chegaste a Lisboa de madrugada. Já tinhas pessoas à tua espera?**
- 42 - Ele já estava à minha espera, o empresário. Estava à minha espera, mas estava lá fora. Eu entrei, uma coisa, era tudo estranho porque a minha imagem era totalmente diferente.
- 43 - **Foi a primeira saída da Guiné?**
- 44 - Não, já tinha saído. Já tinha ido para Dakar, já tinha ido também para Conacri, a jogar futebol. Eram jogos da seleção. Já tinha ido pelos sub-14 e sub-15, para aquelas regiões assim perto.
- 45 - **Ainda sobre a entrada em Portugal, como foi, então?**
- 46 - Quando cheguei, eles não me deixaram passar porque o meu visto acabava no mesmo dia. Abandonou-me a um canto e eu fiquei ali sentado. Passados alguns minutos, ele apareceu, o empresário. Foi falar com o SEF, deu a autorização que ele é que pediu a vinha vinda, falou também do S* e eles deixaram passar.
- 47 - **E ali foste para onde?**
- 48 - Fui para D*. Levou-me para D*.
- 49 - **Foi a tua primeira noite...**
- 50 - Foi a primeira noite. E apanhei tanto frio. [risos] apanhei tanto frio, apanhei mesmo tanto frio porque a senhora esqueceu-se de me dar um cobertor. Eu vim só com uma camisola de manga curta, no inverno. Uma camisola de manga curta... eu tinha aquelas roupas de muçulmano, aquelas grandes... vesti aquilo, deitei-me com aquilo e foi assim. Até chorei naquela noite. Apanhei tanto frio.
- 51 - **Os primeiros dias foram então em D*.**

- 52 - Não, foi só naquele dia. No dia seguinte, fomos logo para A*. Fui logo dar entrada em A*.
- 53 - **Ficaste lá quanto tempo?**
- 54 - Fiquei lá dois meses.
- 55 - **Falando ainda da tua chegada. Nessa noite, pagou-te a estadia na D*?**
- 56 - Foi na casa da ex-mulher dele que eu fiquei.
- 57 - **Portanto era da confiança dele...**
- 58 - Era da confiança dele
- 59 - **E a alimentação?**
- 60 - Deram-me alimentação e dormida.
- 61 - **E nos dois meses no S*?**
- 62 - Também tive dormida e comida. Ali já era diferente. Ali já estás num lugar... em cada quarto tinha duas pessoas, nas refeições é toda a gente, não tem seniores, iniciados nem juvenis. No refeitório é igual para toda a gente. Chegas lá para comer, chega um sénior senta aqui, a seguir chega um iniciado, senta ao lado, forme for chegando, vão-se sentando. Foi uma coisa que eu gostei muito. Não tinha diferença. Não sei agora, mas antes não tinha aquela diferença, assim, o sénior ou o escolinha. Era tudo junto ali sentado.
- 63 - **Passados esses dois meses, depois foste para onde?**
- 64 - Quando saí de lá, eu regresssei para casa do outro amigo. Não foi naquela casa na D*. Dessa vez fui para a cidade desportiva, ali, no M*.
- 65
- 66 - **E ficaste lá quanto tempo?**
- 67 - Fiquei lá, eh pá, o tempo é que eu não estou... porque... fiquei para aí uma semana ou 10 dias, sem saber de nada. Fiquei lá alguns dias, vim para C*, fiz um treino aqui no C*, no dia seguinte voltei e fiquei lá mais alguns dias. Depois é que fui para a Madeira.
- 68 - **Nesses dias o empresário garantiu-te o alojamento e a comida?**
- 69 - Sim, o alojamento e a comida. Nesses 10 dias, aquilo estava tudo bem. A senhora, a mulher do amigo, estava lá. Eh pá, eu vim para C* e voltei e eles tiveram um problema, ou quê, depois fui para a Madeira e quando regresssei da Madeira, voltei para a mesma casa.
- 70 - **Estiveste quanto tempo na Madeira?**
- 71 - Estive lá para aí duas semanas. O M* aí deu-me a dormida e a comida. Eles têm um alojamento para os jogadores.
- 72 - **Também foram eles que te pagaram a viagem?**
- 73 - Não. Não. O M* não pagou a viagem. Foi o empresário que pagou a viagem. Até para sair de lá, estive dois dias ali à espera. O M* queria que eu sáisse do alojamento e ele não tinha maneira de pagar a viagem. Aquilo até deu um pouquinho de... como se diz a palavra certa... entre o M* e ele, porque eu tinha que sair e ele não tinha maneira de pagar a viagem. Depois acabou por arranjar a viagem. Eu regresssei, quando cheguei voltei outra vez para aquela casa.
- 74 - **A casa do amigo...**

- 75 - Sim, quando cheguei lá, a senhora já não estava. O marido teve um problema... se separaram... oh pá, ali complicou um pouquinho, porque, os filhos dele... o amigo dele tinha outra casa onde estava a viver com outra pessoa. Então os filhos quando saíam da escola tem que ir lá comer e voltar. E eu não conhecia nada, não conhecia o caminho, não sabia de nada. E estive para aí quatro ou cinco dias a comprar pão para comer, porque não tinha nada. Até que um dia, o amigo veio ter comigo e perguntou: 'porque é que tu não vais lá comer?' 'Não conheço o caminho, como é que vou para lá?'. As crianças saem da escola e vão logo diretas, eu não conheço o caminho, não tenho como fazer. Foi aí que tomei a decisão. Eu mesmo tomei a decisão que eu queria vir para o C*, porque o C* estava a ligar-me a toda a hora.
- 76 - **Seria uma forma para te estabilizares...**
- 77 - Para me estabilizar, para ter pelo menos comida e lugar para dormir. Ali eu tinha para dormir, só que comida, eu tinha que fazer o trajeto do M*, da estação, para lá ir lá a cima para comer. A andar ainda são uns 25, 30 minutos. E não conhecia o caminho. Aquilo era andar de um lado para o outro. Estava sozinho...
- 78 - **Então foi aí que decidiste ir para o C*?**
- 79 - Decidi ir para o C*. Ele achou que era certo ficar lá a treinar. Pelo menos tenho lugar e alimentação.
- 80 - **E foste...**
- 81 - E fui. O C* pagou-me a viagem. Vim de comboio, vim para lá e quando cheguei eles acertaram.
- 82 - **Esta viagem foi feita quanto tempo depois de teres regressado do Funchal?**
- 83 - Ainda estive em Lisboa algum tempo, para aí quase um mês. Só vim para o C* no mês de fevereiro.
- 84 - **Portanto, chegaste em novembro e em fevereiro já estavas no C*...**
- 85 - Sim, já estava no C* em fevereiro. Eles disseram que me queriam inscrever. Eu liguei a ele [empresário] e disse que me queriam inscrever. Ele respondeu, então que avancem.
- 86 - **E qual foi o trajeto que tomaste no comboio?**
- 87 - Saí na estação de G* e foi lá buscar-me o filho do presidente, que é o F*. Estava à minha espera. Ele levou-me para o clube. Cheguei lá e vi o roupeiro... ele agora diz que é o meu pai. E é mesmo. Ele foi uma pessoa mesmo impecável comigo, ele ajudou-me muito. Ele estava lá, arranjava-me comida e comi logo.
- 88 - **Então deram-te comida quando chegaste...**
- 89 - Sim, quando cheguei ao clube. Eu morava ali no... em baixo da bancada. Aquela bancada tem a parte de cima, no meio, tem um alojamento... um tipo... é tipo um espaço grande, a outra parte é ginásio. Passa o ginásio, é a mesma entrada que eu tenho. Passa o ginásio, tem logo um apartamento grande. Tem para aí oito camas ali dentro e eu fiquei lá.
- 90 - **Era uma sala ampla?**
- 91 - Era uma coisa ampla, não tinha casa de banho, nem nada. Não, casa de banho tens que descer para o balneário para ir à casa de banho.
- 92 - **E ficaste quanto tempo no C*?**
- 93 - Fiquei no C* aquela época toda. Inscreveram-me no mês de março. Comecei a jogar no mês de março e fiquei até ao final da época.
- 94 - **Então nesse período não tiveste problemas com alojamento e comida...**
- 95 - Não, não tive...
- 96 - **E rendimentos?**

- 97 - Eles me pagavam 150 euros. Foi o meu primeiro salário. Nunca mais esqueço isso. Pagavam 150 euros. Era isso que recebia lá. Já ajudou a organizar-me um pouquinho. Na altura não tinha despesa de nada e... a realidade era outra.
- 98 - **Eles davam-te almoço e jantar....**
- 99 - Sim, davam almoço e jantar e pequeno-almoço. Eles davam tudo, davam tudo. Pequeno-almoço, almoço e jantar. Em termos de despesas não tinha mesmo nada, nada, nada. Era tudo pertinho. Dava só a volta do estádio, ia almoçar ou jantar. Era tudo...
- 100 - **E como foi depois no final da época?**
- 101 - No final da época, apareceu-me logo uma proposta para sair... não, não, não foi nessa época. Nessa época acabei o campeonato dos seniores e começava a jogar nos juniores. Às vezes no sábado, e jogava no domingo. Jogava nos juniores e no domingo vou jogar também nos seniores.
- 102 - **Que idade tinhas na altura?**
- 103 - Tinha 19 anos. Jogava nos juniores e depois seniores. Depois, a meio do campeonato eles foram para a segunda fase, eles jogavam nos juniores mas eu sou sénior. Eh pá, acabou o campeonato, fui para Lisboa, fui para aquela mesma casa onde eu estava com... do amigo. Foi no verão. Fui para lá, mas ali já tinha um pouquinho no bolso que dava para me orientar. E também já estava lá um amigo. Um tio e um amigo. Uma pessoa que me ajudou muito aqui em Portugal. Foi ele mesmo que me indicou ao empresário para ele me ver na Guiné. Ele estava lá também a morar. Ajudávamos uns aos outros, a comprar comida e essas coisas. Fiquei lá o verão todo. Quando acabou o verão vim para o C*, não tinha mesmo mais nada. O empresário já não falava... voltei para o C*. Voltei para o C*, joguei aquela época, que é uma época de terceira liga. joguei aquela época. Eles davam as mesmas condições, eles davam tudo, aquelas mesmas condições. Joguei, o campeonato correu muito bem. Até fui o melhor marcador naquela época. E no fim... apareceu o R*. Apareceu o R* para sair... e aí é que começou o problema. O C* não queria, porque eles queriam uma parte que... eles tinham passe, ou quê, de formação.
- 104 - **Pois, por causa da idade...**
- 105 - Sim, por causa da formação. E eles ficaram a dever-me três meses nessa altura. Quando saí, depois veio o outro presidente, que é o V*, o V*, do jornal. Acho que o pai dele é... O V*, o V*, foi presidente e jogador do C*. Ele agora está a trabalhar nessa televisão que dá cobertura ao distrital. Como é o nome...
- 106 - **M*?**

- 107 - M*! Ele agora, acho que é alguma coisa de lá. Eles ficaram a dever-me três meses. Nesses três meses, o R* queria-me e eles pediram 4 mil euros. Mas nesse ano do V*, eu já estava a receber 250 euros. Quando chegou o V*, ele aumentou-me o salário, 250 euros. Mas aumentou o salário e não pagava também. [risos]. Oh pá, e ele pediu ao R* 4 mil e o R* disse que não podia pagar 4 mil, só pode pagar 3 mil... e daqueles 3 mil eu tinha que pagar metade e eles pagavam metade. Eu disse... está bem... porque no R* ia receber 400 euros... eu disse, está bem, mesmo que eles tirem do meu salário, porque primeiro já estava, como é o nome... CNS, campeonato nacional de seniores... segunda B* Na altura era segunda B. Eu queria ir para R*, e eles... o V* disse que não, não vão-me pagar... eu disse para descontar o que estava a dever-me e eu pagava o resto. Ele... 'não, aquilo que estou a dever-te não vou pagar'. O resto, o R* tem que pagar. Eles com o R* começaram aquela discussão e o A* ficou chateado... deixou-me. Fiz a pré-época toda só para começar o campeonato. acabaram por me chamar e disseram que já não dava para ficar. Fiquei sem palavras e estive lá para aí um mês e tal. Eu nessa altura já estava a estudar e a morar ali na casa do clube. também tinha uma mensalidade na escola, que eles me davam para aí 30 euros, para alimentação, qualquer coisa assim. Oh pá, fiquei lá e depois apareceu-me uma proposta que o diretor do R* disse-me para ir jogar na divisão abaixo. Ali pagava só 50 euros ao C*. Dava para jogar. Foi aí que eu fui para o N*.
- 108 - **Foi então uma forma de contornarem o problema...**
- 109 - Sim, sim. Foi para o N* no mês de novembro, dezembro, estive lá até final da época e depois foi para o R*.
- 110 - **E estiveste depois quanto tempo no R*?**
- 111 - No R*foi uma época.
- 112 - **Mas aí já ficaste com melhores condições de vida...**
- 113 - Sim. Deram-me 400 euros, deram-me refeição, pequeno-almoço, almoço e jantar. A única coisa que comprava era só o lanche. O pequeno-almoço, tomava toda a gente ali no clube. Fiquei lá no R* e a meio da época apareceu-me o B*. Apareceu-me o B*, para ir para B*. Eu não sabia que apareceu o B*. Ele não me disse, só me ligou a dizer: 'olha, queremos aumentar-te o salário, mas queremos que assines contrato profissional conosco'. Ele falou no valor de 900 e alguma coisa. E eu... isso é top. Uma pessoa sair dos 250 e já está nos 900 e tal... tinha casa, comida... é top. Eh pá, eu também cometi erro ali. O M* ligou-me para ir ter com ele...
- 114 - **M*, o empresário?**

- 115 - M*, o empresário. Ele ligou-me para eu ir ter com ele... à noite... mandou o condutor ir buscar-me. Queria assinar comigo na altura. Eu fui ter com ele, fomos para um hotel e estava lá a direção do B* toda... o S*, estavam lá todos. Jantámos juntos até à meia noite e tal... o S* a perguntar da minha vida, como é que estava a minha vida. Expliquei-lhe a minha vida... e ele 'olha, vou mandar alguém para te ver nestes três, quatro jogos. Se o treinador gostar... Eh pá, ele gosta de ti'. Saí daquele jantar, voltei para casa todo contente. O S* disse-me 'quanto é que tu vales?'. E eu... 'sinceramente não sei quanto é que eu valho'. Ele... 'está bem... eu vou dar ao R* 50 mil euros e eles vão-te deixar sair'. Eu... '50 mil euros', eu disse... 'acho que sim'. Voltei para casa, no dia seguinte chamaram-me da direção do R*. Estavam lá os dirigentes todos. Meteram-me numa mesa e fizeram-me uma lavagem cerebral. Fizeram mesmo... eu cometi um erro que eu não vou esquecer... sentámos na mesa, eles, oh pá, 'já sabemos que foste falar com o presidente do B*... o M* está a complicar as coisas. Estavas mesmo muito mal e nós é que ajudámos'. Falaram aquelas coisas... de emoção mesmo. Ajudaram mesmo, realmente ajudaram, mas acabaram depois por complicar a minha vida também. 'Oh pá, nós nessa situação... neste momento estamos com os salários atrasados e queremos pedir 30 mil euros ao B* e queremos que tu assines para pedir 30 mil ao B* para ver se eles nos pagam para podermos pagar aos jogadores'. O S* me disse no dia anterior que dava 50 mil e eles querem pedir 30 mil... não, eh pá, isso já tem solução. Eu disse 'já tem solução'. Eles: 'queremos que tu assines para poder... para podermos pedir...' Eu não disse quanto é que o S* vai dar para eles, mas quando eles deram aquela proposta, eu... então vou assinar, porque eles vão pedir 30 mil e o S* quer dar 50 mil. Assinei e no dia seguinte o M* ligou-me. 'Oh P*, o que é que tu fizeste?'. Eu expliquei a situação e ele me disse: 'sabes quanto é que eles pediram?'. E eu, 'não'... '200 mil'. Depois fui ter com eles e disseram-me: 'p*, isto é negócio, isto é negócio, não podemos fazer nada'. E eu: 'está bem'...
- 116 - **Então não pudeste sair...**
- 117 - Ah, pois. O B* cancelou. O B* cancelou logo porque não podia pagar aquele dinheiro todo. Eu: 'está bem'. Fique ali. Fique ali. Naquele dezembro, janeiro, eles... eu já estava chateado com eles, o treinador também estava chateado uma parte comigo, que era o D*. Aquele janeiro, a minha prestação baixou completamente, porque eu estava com aquilo na cabeça... fiquei chateado... a minha prestação baixou. Eu comecei... mas disse... 'olha, vim aqui para lutar, tenho que lutar para isso'. Só que eu já tinha falado com eles... já tinha assinado contrato profissional com eles. Eles pegaram no contrato e o meteram na gaveta. Eu precisava daquele contrato para entregar ao SEF para poder pedir o visto, porque o SEF estava a pedir-me o contrato de trabalho. Foi... voltando atrás um pouquinho... eu estava a trabalhar na M*. Tinha um contrato de trabalho, porque eu trabalhava de dia e treinava à noite.
- 118 - **Trabalhavas em quê?**
- 119 - Eu estava a trabalhar no... uma coisa das tintas. Era entregar encomendas, assim...
- 120 - **Então durante a semana trabalhavas nessa empresa?**

- 121 - Sim, era nessa empresa. Já estava a descontar, tinha para aí cinco meses e precisava de descontar mais sete ou oito meses para... e quando eles me disseram: 'vem para cá, vamos dar-te trabalho', tive um problema mesmo porque eu não sei como é que está aquele problema... eles fizeram-me um contrato na empresa do... do presidente, ou quê, e depois disseram-me que aquele contrato não dava porque o... alguma coisa do CTT dos trabalhadores, alguma sigla assim, não aceita.. aquele CTT não aceita... não aceita porque não tenho o visto de residência. Eu estava... aquilo foi parar no tribunal, porque assinei um contrato que não era um contrato válido... era um contrato falso. Voltando ao contrato, eles pegaram no contrato e meteram na gaveta, mas passaram a pagar-me 600 euros. Subiram o salário. Joguei, chego ao final da época, ligou-me o... peguei nas minhas coisas e vim para... voltei para casa da escola. Ligou-me o T* para me encontrar com ele e fui encontrar-me com ele. Ficaram a dever-me três meses, no final. Fui encontrar com ele e pagou-me um mês e disse-me: 'olha, não vais ficar aqui no... no R*. Eu perguntei: 'vou para onde?' Eu tinha contrato escrito com eles. Pensava que aquele contrato valia... 'Eu vou para onde?' Ele: 'ah, não sabemos. Tens que arranjar um clube. Fomos arranjar jogadores. C*, para aí três ou quatro... B*... Não vais ter espaço para ficares a jogar, por isso é melhor arranjares um clube'. Eu: 'está bem...' Voltei para casa, passados dois dias ligou-me o C*.
- 122 - **Estava no F*...**
- 123 - Estava no F*. Ligou-me o C*. Não, mandou mensagem no Facebook. 'Queres vir jogar para a minha equipa?' Eu: 'qual equipa?' Eu sabia que ele era treinador, mas qual equipa? Ele: 'o F*. Eu: 'não sei. Vais ter que falar com o... o... M*. Eles ligaram ao M*, falaram e eu fui ter com ele, assim, assinei com eles. Assinei com eles uma época. Era no CNS. Fizemos aquela época espetacular e depois assinei um contrato de mais dois anos com eles. Nesses, nesse contrato de dois anos, o C* quis-me levar para o T*, mas aconteceu uma coisa muito estranha. O empresário não me deixou ir.
- 124 - **O M*?**
- 125 - É, o M*. Não me deixou ir, mas não me deixou ir no último... quando eu soube através do... fontes lá do F*, que ele queria meter jogadores no F* e para meter jogadores no F*, o F* exigiu que eu tinha que ficar... e não me deixaram sair.
- 126 - **Mas assinaste um contrato profissional?**
- 127 - Assinei um contrato profissional, começou a época... não, antes de começar, estávamos na pré-época, aquilo, visto não, visto não... tinha a seleção, já me chamaram a primeira vez e não fui por causa do visto. Segunda vez, eu disse... 'oh, pá, eu tenho que ir para a Guiné'. Eu falei com o primeiro-Ministro, ligou-me comigo o primeiro-Ministro da Guiné para convencer para ir, porque ele vai arranjar maneira de me dar o visto. Eu disse: 'está bem'. Falei com o F* e disse que tenho que ir. O primeiro-Ministro me garantiu que vai-me dar o visto e tenho que ir. Mas naquela semana, o SEF até veio ao clube para me ver, ali a ver se eu estava a jogar no F*. para ver onde eu estava a trabalhar. Já estava tudo resolvido. Só que fui ao SEF para eles me darem uma carta para me deixarem sair e disseram que não podiam fazer isso. Se eu sair, aquilo fica tudo na estaca zero. Arrisquei... Fui para a Guiné...
- 128 - **Antes de chegares a essa parte. Quando assinaste pelo F*, o teu nível de vida melhorou...**

- 129 - Melhorou, melhorou. Continuava a ter casa e refeições, só que o... nessa segunda época, fiquei mais aqui, no Porto. É... estava mais estável e eu tinha um amigo que veio para cá, estava a morar comigo na mesma casa. Já pagávamos a casa da escola e arranjámos um apartamento. Nesse apartamento, eu fiquei com aquele amigo. O F* deu-me a casa para morar, só que preferi... mas às vezes fico lá a dormir, com o R*... às vezes fico lá. Mas eles pagavam a casa, comida, essas coisas... pagavam tudo.
- 130 - **Então melhoraste consideravelmente a tua qualidade de vida...**
- 131 - Eh pá, melhorei muito. Naquela altura, melhore mesmo muito.
- 132 - **Portanto estavas numa fase boa e surgiu essa possibilidade de representares a seleção. Foi a federação da Guiné que te pagou a viagem?**
- 133 - Sim, pagou a viagem e fui a esse jogo.
- 134 - **Foi em que ano?**
- 135 - Fui para a Guiné depois de quatro anos... 2013... não, foi em 2014... entre 2013 e 2014. Fui lá e marquei nesse jogo. Foi em casa contra o Botswana.
- 136 - **Começaste a ser conhecido em toda a Guiné...**
- 137 - As pessoas já me conheciam, mas depois daquele jogo... oh pá... é diferente.
- 138 - **Nesse período onde estiveste? Em casa da tua família?**
- 139 - Sim, estive. Estive em casa dos meus pais. Estive lá e aquilo até demorei um pouquinho para voltar por causa do visto. Fiquei lá quatro semanas... quase um mês. Aquilo era muita burocracia ali na embaixada. Mas houve um entendimento. Eles conversaram. Até o primeiro-Ministro foi comigo diretamente até falar com o embaixador... 'Não, já... já mandámos o pedido'. Porque eles mandam o pedido que é que provam para dar o visto. Passados dois dias, eles ligaram-me para ir buscar o visto. Foi o secretário do primeiro-Ministro é que foi buscar o passaporte e fui ao gabinete dele e entregaram... Já foi uma coisa de Estado para Estado.
- 140 - **E regressaste a Portugal...**

141 - Regressei a Portugal, continuei no F*, fizemos aquela época que foi uma época com uma primeira volta espetacular... foi mesmo. Segunda volta as coisas começaram a correr mal porque... pá... não sei. A palavra certa, a pessoa diz... não sei. A primeira volta, uma equipa que não tinha nem... não tinha onde cair morta. Não tínhamos salário, não tínhamos nada e na segunda volta tínhamos tudo, as coisas correram muito mal na segunda volta. No segundo ano, também fizemos um campeonato normal, que já estava o C*... oh pá... apareceu uma proposta do B*, no meio de... foi mesmo no período de dezembro, também. Porque o ponta de lança, o alto, grande que estava no B*... não sei o nome dele... um grandão, muito alto, não estou recordado do nome... ele lesionou-se e o P* estava sem avançado. Fizemos um jogo com eles lá em casa. Fiz grande jogo nesse dia. Marquei dois golos contra eles e ele foi logo falar com o F* para... ele queria que eu... foi numa terça-feira... para ser inscrito nessa terça-feira para jogar no sábado. Imagina. Ficou ali a reunir com o F* até quatro da tarde e o jogo acabou por volta de quê... meio dia, uma hora. Eles esperaram pelo M* e à noite voltaram outra vez... foi o... F*. O F* voltou à noite outra vez. Apanhou-me aqui e fomos para F* que era para encontrar com o M* e ele não apareceu. Voltei para casa, passados dois dias eu tinha que ir para a seleção. O C* chamou-me, a perguntar... 'então, queres sair?'. E eu: 'oh, C*. Eu quero sair. Apareceu-me esta proposta da 1.ª liga. Uma pessoa já apareceu uma, já apareceu duas, esta é a oportunidade única... até para ir jogar já. 'Não tens que sair porque este ano vamos subir...' Eu: 'mister, eu quero sair'. 'Queres sair? Está bem... vou falar com a direção. Se queres sair, podes sair'. Foi falar com a direção, acho que ele ficou chateado, alguma coisa, ou não... não sei. Ficou ou não, não sei. Fui falar com a direção, a direção disse que não vão-me deixar sair. Eles precisam reunir, precisam pedir mais dinheiro. O B* disse que não tinha dinheiro para pagar. O B* queria até... propôs uma coisa para assinar... contrato de mais dois anos com o F*, me deixavam sair por empréstimo, valorizava lá e qualquer futura venda eles ganhavam alguma coisa.

142 **E não aceitaram...**

143 Não aceitaram. Fui para a seleção, quando voltei, ali as coisas começaram a complicar. Já não jogava porque o C* me começou a meter no banco, às vezes fora da convocatória... oh pá, estava a fazer o meu trabalho. E chegou um ponto, chamou-me e disse que direção quer-me emprestar. Eh pá... emprestar? Está bem... No dia seguinte ligou-me o V*... eu fui falar com eles e eles disseram, não, o V* está na luta e não podem deixar. Ligou o L*. O L* ligou mesmo para eles... não, ligou para, para o M*, o M* foi falar com eles. Não, para o L* não podem me deixar sair. Eu tinha que ir para o último lugar, que era o... a equipa do amigo do M*, o MA*, que é o investidor. O MA* tinha que ir... era a O* ou ficava no... no... ou no CNS. O treinador da seleção ligou-me... 'então, não estás a jogar, se não estás a jogar não posso te chamar'. No F* já não estava... estava a treinar à parte. Cheguei um momento em que estava a treinar à parte. Era assinar o contrato para sem emprestado ou ficava a correr à volta do campo. Fiquei a treinar à parte alguns dias, para aí 10 dias... para aí, ou mais. Estava ali a treinar à parte, à volta do campo e eles a treinar... eu à volta do campo, à volta do campo até quando me cansava e ia tomar banho. Oh pá, eu disse, isso não é para mim. Não vou chatear-me aqui. É melhor ir para o O* e acabar a época, acaba o meu contrato e vou tentar arranjar outra coisa. Fui para lá... Foi o pior... era melhor ter ficado em F* a dar voltas ao campo do que ir para o O*. É dos piores clubes que eu apanhei. Oh pá... ali era tudo estranho, era tudo estranho. Até acabei por ser uma pessoa estranha. Era tudo estranho ali no O*. Ali... quando lá cheguei eles já tinham descido de divisão e vandalizaram aquilo. Ninguém se preocupava com os treinos, ninguém se preocupava com a hora. Não havia aquilo, de uma equipa que quer alguma coisa. Então aquela parte que nem é bom falar... porque estamos a falar de uma coisa... então aquela parte... e aquilo complicou completamente. Oh pá... eles fizeram o acordo com o F*, que era... pagavam uma parte para o F* e o F* juntava e pagava-me. Cada vez que eu ligava para eles... não, tens que assinar o contrato para poder receber. Fiquei assim... quatro meses sem receber.

144 - **O M* já não é o teu representante?**

145 - Oh pá, já não. Na altura em que eu saí, tive outra proposta para ir para o Chipre, o M* disse que era melhor não ir por causa do processo. O processo estava a andar, não sabíamos... eu também achava, porque o advogado disse para eu não ir nessa altura. Para esperar. Também achava que era melhor. Afinal o M* tinha comprado o F*... estive lá. Fui para lá, comecei a época lá. Até ao mês de dezembro, que saiu aquele decreto que não podia jogar no CNS, só tens que jogar nas divisões abaixo. Até não sabia daquela parte. Parei, só treinava com eles. Em janeiro, ligaram-me... 'não queres vir...' eu, não posso jogar... 'não, podes jogar. Não podes jogar no CNS, mas na divisão abaixo podes'. 'Os outros colegas que estão com o mesmo problema já estão todos a jogar'. Não, não sabia. No dia seguinte ligou-me o P*, que estava no... no R*. Eu conheço o P*. Estava lá o R* estava lá o... o T*... T*. Eu disse... vou para lá, porque estou a precisar neste momento é de pessoas que me conheçam, que saibam quem eu sou. Fui para lá. Acabei a época lá e este ano estou aqui em O*.

Anexo 3

Entrevista 3 (10 Mar 2018)

- 1 - **Quando ainda estavas na Guiné-Bissau, quem eram as tuas referências nessa altura?**
- 2 - [risos] As minhas referências sempre foi dois jogadores. Um é alemão, o Ballack. O outro é o Samuel Eto'ó. Eram jogadores também que eu admiro muito. Eu tinha um sonho de representar a Guiné, assim, na CAN, como aquele... ele era... sinceramente ele era um craque e eu admirava-o muito. Admirava muito o Eto'ó.
- 3 - **Portanto, quando o vias jogar, sonhavas estar a fazer o mesmo que ele pena Guiné, na CAN...**
- 4 - Na CAN, é. Realmente sonhava isso... e quase que concretizei aquilo. Só por causa desse problema é que não... não consegui... não consegui mesmo.
- 5 - **Então tinhas esses dois jogadores como referências. Olhavas para eles e o que vias?**
- 6 - Via uma característica de jogador, do estilo deles, parece que falava alguma coisa de mim, porque na altura jogava no meio campo e até alguns amigos me chamavam de Ballack. Era um jogador que eu apreciava muito. Era muito tranquilo, era um craque, muito tranquilo... e o Eto'ó é porque é um africano de... com muita qualidade. É difícil ver africanos com muita qualidade, e é avançado, não é aquele ponta-de-lança, mas ele é avançado, mesmo, aquele craque. Foram dois jogadores que eu admirava muito.
- 7 - **Vias então o Eto'ó como a imagem de um africano na Europa. Como vias a Europa e o futebol nessa altura?**
- 8 - O que eu, o que eu reparei é que ... o que eu aprendi, ou o que eu tentei copiar no Eto'ó é da maneira como ele começou. Ele veio de nada. Veio... começou mesmo de nada. E eu peguei naquela referência e disse: 'não... este gajo é um gajo que eu admiro muito e... e li muitas vezes a história dele, como é que ele começou, a família dele... como é que ele passou... ele também é de família muito numeroso. É... é de uma família numeroso, muito humilde. De jogadores africanos acho que é dos mais humildes que eu já vi.
- 9 - **Na altura quando falavas de futebol, o que associavas para além de jogar?**
- 10 - Oh pá, na altura não é fama, não é... dinheiro, um pouquinho, porque o que passava na minha cabeça era que para ir jogar para a Europa era um suporte para mim mesmo, porque eu vi jogadores que eles ganhavam no futebol era uma coisa... eh pá, um absurdo. E a qualidade que eu vi de jogadores, eu disse 'não, eu também tenho um pouquinho de qualidade'. Posso não ter como eles, mas tenho um pouquinho de qualidade que eu podi... que eu achava que podia chegar. Realmente, Deus, Deus, obrigado, consegui chegar por aqui e... e mostrei um pouquinho.
- 11 - **Então a prioridade não era a fama...**
- 12 - Nem a fama. A minha prioridade era a mim mesmo o suporte para a minha família na altura. Era a minha preocupação. E a admiração também que eu tinha para... gosto de jogar futebol. Esta era a melhor... a maior prioridade... que eu posso dizer. Era a admiração da maneira que eu sabia que tinha qualidade. Mas na Guiné, o campeonato na Guiné é muito fraco. Então para apresentar aquela qualidade é preciso... precisava sair da Guiné. Até tentei

uma vez ir para o Senegal, mas era quase tudo igual. O futebol africano é todo igual.

- 13 - **Mas na altura não tinhas sonhos, fama, dinheiro, encontrar uma rapariga europeia?**
- 14 - Já pensei nisso [risos]. Já tinha pensado nisso. Ir para Portugal, encontrar uma pessoa... conhecer... dizendo assim... uma branca. Ter uma casa boa, até hoje tenho esse sonho, construir uma casa boa na Guiné e ter um carro...
- 15 - **Então quando tinhas 17, 18 anos tinhas essa imagem do futebol...**
- 16 - Sim, tinha essa imagem. Oh pá, um carro na altura, era um carro de um amigo, era um Mercedes X1 ou X2. Gostava de ter um desses, mas quando cheguei a Portugal, o meu carro de sonho mudou completamente. Era um Jaguar [risos]. Quando cheguei aqui mudou mesmo.
- 17 - **Que referências os africanos têm das mulheres europeias?**
- 18 - Antes de ir... antes de ir... antes de vir para cá, eu sinceramente pensava nisso. Vou para... vou... vou arranjar uma... para ter uma filha... assim... toda morena [risos]... pensei nisso.
- 19 - **Quando ainda estavas na Guiné-Bissau, de que forma acompanhavas o futebol na Europa?**
- 20 - Acompanhava mais o campeonato português. Porque tem... era mais fácil ver a RTP do que outros canais. Por exemplo, o campeonato de futebol inglês, tinha que ir pagar no salão para ver o futebol inglês.
- 21 - **Pagavam para ver...**
- 22 - Sim, pagávamos... pagávamos para ver, porque, só quem tem antena parabólica é que consegue ver o campeonato inglês. Mas o resto, a RTP África quase toda a gente tem em casa. E isso dava para ver muitos jogos. Acompanhava mais o futebol português.
- 23 - **Mas vias em casa ou juntavas-te em grupos?**
- 24 - Mesmo em casa, juntava muita gente, porque não é todas as casas que tem luz ou... toda... todas as casas que tem televisão. Eu antes de completar 18 anos, para aí 16, 15, não tinha televisão em casa. Mas eu já depois dos 16 anos...
- 25 - **Era um luxo ter televisão na altura?**
- 26 - Era, era... Até hoje ainda é. Até hoje, é. Até hoje, na Guiné as pessoas não usam aquelas televisões de plasma. As pessoas que estão a usar plasma são pessoas já um pouco mais avançadas. Isso era um luxo. E na minha casa, quando tivemos televisão, metemos a televisão fora, na varanda, e vinha muita gente, assim, para ver televisão.
- 27 - **Então juntava-se sempre uma multidão para ver o futebol?**
- 28 - Quando há jogos... até hoje. Quando há jogos, junta muita gente. Até hoje é.
- 29 - **Há pouco falaste no salão. A que te referes em concreto?**
- 30 - É tipo um café, mas um café que se... não é ter bancos... é ter aqueles bancos compridos e ter só a televisão lá à frente.
- 31 - **E pagavas quanto?**
- 32 - Ah... por volta de um euro e meio, ou menos de um euro e meio.
- 33 - **Só para assistir ao jogo?**

- 34 - Sim, só para ver o jogo. Só para ver o jogo. Até o campeonato português, por exemplo, há jogos que não passa na RTP África. Tens que ver... ir ver para o salão, porque ali já dá... já tem parabólica, já consegue passar os jogos. Agora já está a melhorar muito. Agora já podes comprar um canal aqui, Meo, Zon, mandas para lá e eles vão... tu vais pagar aqui e eles vão utilizar lá.
- 35 - **Para além do futebol, havia programas a falar da vida pessoal dos jogadores?**
- 36 - Eh pá... sinceramente... eu na altura não cheguei a acompanhar isso na Guiné. Eu quando fui ao Senegal que eu acompanhei muito a vida dos jogadores africanos. No Senegal já é um pouco mais desenvolvido do que na Guiné. Mas na Guiné, os tais canais que... era a RTP África, televisão mesmo da Guiné e a televisão comercial que tem aí. É os três televisão... Quem tem muitos canais é quem tem parabólica e na altura o que passava na RTP África era como na RTP1. De manhã aqueles café... não sei lá... às vezes é que passa alguma coisa de jogadores. Mas é raro...
- 37 - **E pela internet?**
- 38 - Agora, acho que sim. Mas quando vim para cá, não.
- 39 - **Que referências tens na Guiné-Bissau de jogadores?**
- 40 - O meu tio e o meu irmão. O meu tio porque ele me levava para ir ver o jogo dele. O nome dele é Mila, um avançado. Mila. Adotou o nome do Roger Mila... ele era avançado. Era um craque.
- 41 - **Jogou onde?**
- 42 - Jogou no Sporting, jogou em Bafatá e jogou também em... já foi... já foi campeão três, quatro vezes na Guiné. Era um craque. Eu comecei a querer jogar... os meus irmãos jogavam todos... os meus irmãos. Um dia fui ver um jogo... tipo intercalar. As pessoas dizem aqui... tipo intercalar. É um jogo quem fazem... é um campeonato que fazem na época da chuva. Começa em maio, até setembro... e acaba. Fui ver um jogo e estava a bancada toda a gritar o nome do meu irmão. É a primeira vez que eu fui ver o meu irmão a jogar. Vi aquele jogo, fui para casa e disse 'não... eu tenho que começar a jogar futebol'...
- 43 - **Esse teu irmão é mais velho que tu?**
- 44 - É mais velho...
- 45 - **Que idade?...**
- 46 - Ele tem agora 36.
- 47 - **Então foi aquele que te fez despertar para o futebol...**
- 48 - É... foi aquele jogo.
- 49 - **Que idade tinhas?**
- 50 - Ali tinha para aí 8 ou 9 anos. Vi todo o estádio a gritar o nome dele.
- 51 - **Como é que ele se chama?**
- 52 - Braima... todo o estádio a gritar o nome dele... e eu... 'não, eu vou começar a jogar futebol'. Então, comecei a jogar e fui para guarda-redes porque não sabia dar um chute na bola. Fui guarda-redes com uns amigos e depois acabei por ser lateral-direito, central, joguei a 'seis', a 'oito', cheguei a avançado como... num jogo de futebol que... jogo de seleção sub-16... sub-16 ou sub-17, não me lembro. Fomos jogar um jogo e o... dois avançados que levámos lesionaram-se. Não tínhamos avançados. Eu jogava a 'oito'. O mister chamou-me: 'olha, vais jogar mais à frente'. Eu fui lá jogar. Marquei três golos nesse jogo. A partir dessa data nunca mais joguei atrás. Fui sempre avançado.
- 53 - **Tinhas que idade?**
- 54 - Para aí 16, 17 anos.
- 55 - **E quando eras jovem, a tua mãe zangava-se muito por estares sempre a jogar à bola?**

- 56 - Não, a minha mãe não me chateava, porque eu não sou assim de... jogar à bola. Eu não gostava de jogar à bola. Não... quando era miúdo até aos 9, 10 anos não gostava de jogar à bola. Eu era o miúdo querido da mamã. Eu era... eh pá, depois de começar a jogar, o meu potencial... as pessoas começaram a perceber que... 'esse gajo por dar...' Naquele campeonato intercalar era organizado, por exemplo, Lisboa organiza um campeonato, aqui no Porto organiza outro campeonato. Região a região organiza um campeonato, mas tu podes jogar aqui, no Porto, e podes jogar também em Lisboa. E pode jogar noutra campeonato. Eles... o que é que eles fazem. Os clubes... assim... procuram alguns dos melhores jogadores para irem jogar. Eu às vezes jogava para aí quatro ou cinco jogos por semana e o meu pai começou a ficar chateado com aquilo. Foi o meu pai que começou a chatear para eu não jogar muito.
- 57 - **Então tinhas qualidade, caso contrário não te chamavam...**
- 58 - Pois...
- 59 - **Existe na Guiné-Bissau o hábito de colecionarem posters ou cromos de jogadores?**
- 60 - Não viste no meu quarto... ahhh... no... na reportagem que me fizeram, que foram falar com a minha mãe... lá na Guiné... uma reportagem que fizeram. No meu quarto tinha foto grande do Ronaldo e uma do Messi.
- 61 - **Qual Ronaldo, o Cristiano?**
- 62 - O Cristiano Ronaldo. Que eu comprei quando ele estava mesmo no Sporting. Comprei uma foto... naquele jogo que ele jogou contra o Manchester. Foi vendido logo para o Manchester. Pois, esse jogo comprei um poster do Ronaldo e tinha também uma Messi ou Ronaldinho Gaúcho. São dois posters enormes mesmo dos dois.
- 63 - **E fazias coleção de cromos?**
- 64 - Mas o meu irmão, ele gostava mais do Messi do que... [risos] engraçado. Eu tinha... eu tenho... ainda está lá, um irmão mais velho com quem... é tipo um amigo, tipo um irmão... ele é tipo tudo. Vestíamos a mesma roupa, dormíamos na mesma cama... é tudo... parece gémeos mesmo, eu e ele.
- 65 - **Qual é dos teus irmãos?**
- 66 - O mais velho. Tenho ainda dois mais velhos. Este que estou a dizer é... é meio irmão. É... meio irmão, mas ele é mais irmão do que Braima para mim... porque ele é mesmo aquele irmão amigo. Ele também é um craque. Ele é um jogador... jogava mais do que eu. Era também um craque.
- 67 - **Ele que idade tem?**
- 68 - Tem 30 anos. Um pouquinho mais velho do que eu. Oh pá... ele é... colecionava... ele até hoje fala do Messi... ele colecionava as coisas assim do Messi. Mas lá também na altura, quando saí de lá não tinha assim esses cromos para colecionar. Os senegaleses é que fazem aquelas cópias e vendem aqueles cartazes grandes mesmo. Cartazes mesmo... daqueles grandes. Aquilo custa um pouquinho, para aí, 15 euros, 10 mil franco.
- 69 - **E existem revistas e jornais desportivos na Guiné-Bissau?**
- 70 - Agora sim. Agora sim. O jornal A Bola já tem. Acho que O Jogo também já vai para lá.
- 71 - **E mesmo da Guiné, não existe?**
- 72 - Tem jornal na Guiné. Para aí cinco ou seis.
- 73 - **E de Desporto?**

- 74 - Desporto, tem. Eh.. como é.. acho que é jornal Desporto, mesmo o nome, porque o outro é Democrata, mas, Democrata fala de tudo mais um pouco. De desporto é mesmo jornal Desporto, mesmo, que acompanha mesmo o futebol da Guiné. Na Guiné, o jornal... as pessoas compram pouco o jornal. Acompanham o desporto mais pelo rádio do que... porque o campeonato da Guiné toda a semana transmitem um jogo, mas não é transmissão do jogo completo. É... dá um pouquinho, passa publicidade e dá mais um pouquinho, mas não transmitem mesmo o jogo completo. E as pessoas acompanham mais o campeonato através da rádio, do que jornais ou televisão.
- 75 - **És o único da família que joga futebol?**
- 76 - Não, ainda tenho craques.
- 77 - **Todos na Guiné?**
- 78 - Sim.
- 79 - **Quantos irmãos rapazes são?**
- 80 - Somos sete... sete rapazes, mas todos passaram pelo futebol. O meu pai também foi jogador. Chamavam-lhe Bola Bola. É um apelido que lhe deram...
- 81 - **Chegaste a vê-lo jogar?**
- 82 - Não. Não cheguei a vê-lo jogar. Este que está aqui, que foi operado, que está aqui, partiu a anca, foi no futebol.
- 83 - **Quem, o irmão que está a viver em tua casa?**
- 84 - Sim. Ele partiu a anca. O meu irmão que eu trouxe há pouco tempo para ser operado partiu a anca. Levou uma prótese na anca. Já não joga mais... Há um que está aí, tem 15 anos, eu fui à Guiné, vi-o a jogar e disse 'não... este vai ter que dar no futebol'.
- 85 - **Mas já está cá?**
- 86 - Não, está lá, mas já fiz o pedido do visto para ele.
- 87 - **Vai ficar contigo?**
- 88 - Oh pá... é isso que eu quero.
- 89 - **É o teu irmão mais novo?**
- 90 - É... é meio irmão.
- 91 - **Joga em que posição?**
- 92 - Joga a meio campo, a 'dez', a extremo... ele tem muita qualidade. Em termos de potencial... assim, somos diferentes porque eu sou um jogador mais de raça, ele é mais de qualidade.

Anexo 4

Entrevista 4 (13 Abr 2018)

- 1 **Quando soubeste que ias para a Europa como reagiste?**
- 2 Oh pá... Na altura fiquei muito feliz. Na altura quem ligou-me foi um tio... joguei com ele e nem sabia que era meu tio. Depois é que... quando... naquela situação é que eu soube que era meu tio. Ele é que ligou-me e que... tem uma proposta do S* para mim. Fiquei tão feliz. Naquele dia... oh pá... naquele dia foi mesmo... fiquei mesmo muito feliz. E fui jogar, saí do jogo e cheguei a casa... nem joguei bem naquele jogo... cheguei a casa e fui logo falar com a minha mãe: olha tenho uma proposta para... para o S*. Eu apresentei-lhe o convite... foi um dia mesmo...
- 3 **Como foi feito o convite?**
- 4 Era um papel. Ele ligou-me e a pessoa que levou o papel foi ter comigo lá no estádio e entregou-me o papel.
- 5 **Tinha o emblema do S*?**
- 6 Tinha, tinha o emblema do S*. Tinha tudo do S*, do convite... aquilo foi... o que é isso!? Aquilo foi mesmo muito engraçado. Depois disso comecei a andar... situação dos papeis que eles pediram. Fui para a embaixada apresentar aquilo e disseram que eu preciso da certidão narrativa completo... como se diz... o registo criminal... era preciso cópia de livro... aqueles acetos de nascimento. Documentos dos meus pais. Era preciso um monte de documentos e aqueles documentos na Guiné custavam caro. Neste momento não. Aquilo era por volta dos 300, 400 euros.
- 7 **Foste tu que pagaste?**
- 8 Fui. Fui eu que paguei tudo. Paguei tudo e até tive que... eu voltei à embaixada outra vez a perguntar e eles disseram de que tinha que pagar seguro de viagem de viagem e pagar visto. A mim complicou um pouquinho.
- 9 **Como resolveste o problema?**
- 10 Oh pá... dinheiro acabou por se resolver, até nos últimos instantes, mas depois comecei a ficar um pouco desiludido com aquilo tudo. É muita coisa e eu já nem queria vir. Já nem queria vir. Porque a minha família andou à procura de dinheiro de um lado para o outro. É a minha mãe, é o meu pai por um lado. Eu sei que eles não tinham, mas estavam a tentar ajudar para poder realizar aquele sonho que eu sempre tenho. E também para além do sonho, é uma tábu de salvação para a família. Oh pá... aquilo foi muito engraçado.
- 11 **Isso demorou quanto tempo até embarcares?**
- 12 Até reunir a documentação toda aquilo fez para aí um mês. Meti o documento, fui à embaixada... meti o documento, fui com o empresário... metemos o documento e fui para casa. Passado uma semana ligaram-me que... o... cancelaram-me o visto. E eu... Tá bem. Eu na altura já nem queria, mas gastei dinheiro e ficou um pouco assim. Eu... Tá bem. Que saiu o seu visto e... Ele meteu três vistos, só saiu uma, mas não era meu, era de outra pessoa. Eu... Tá bem. Fiquei lá, passado duas semanas ligaram-me outra vez da embaixada: então, não vens buscar o visto? Eu, que visto? Afinal era o meu visto que saiu e eu não sabia. Fui para lá... fui buscar o visto e fui para casa. E complicou... começou a guerra. Era bilhete de passagem. O S* não mandou passagem. Não sei se mandou para ele e ele ficou com o dinheiro...

- 13 **Ele quem?**
- 14 O empresário. Não sei. O S* não mandou passagem. Eu andei à procura de passagem... a passagem na altura era à volta de mil euros. Aquilo custou muito. Eu saí da Guiné no dia em que o meu visto ia passar o prazo. Na procura de dinheiro, o meu irmão, esta que está aqui, ele tinha na altura, quê, 10 anos, 10, 11 anos... 10, 9 anos na altura, disse-me... minha mãe deu-lhe 100 franco, é quê, 15 cêntimo, para ele comprar pão, ele chamou-me... oh, P*, estás à procura de dinheiro para pagar o visto e eu tenho isto para te dar. Saiu-me as lágrimas dos olhos. Uma criança daquela idade a pensar naquilo, todos em prol de... de ajuda [pssiii] aquilo foi mesmo... marcou em muito. Eu saí de lá, passado um mês, dois meses, ele partiu a anca a jogar futebol. Partiu a anca. Engraçado é que, eu tinha que fazer tudo para trazê-lo para cá.
- 15 **E conseguiste?**
- 16 Ele está aqui. Já foi operado e levou uma prótese na anca. Conseguí resolver o problema.
- 17 **E quando chegou o momento de partires, como reagiste?**
- 18 Na altura, sinceramente, eu... para vir custou muito. Deixar a família custou muito porque eu sou muito ligado à minha família. E quando soube mesmo que eu tenho que ir... não queria. Mas tinha uma obrigação. Tinha que vir, mesmo que eu não quero, tinha que vir. Aquilo custou muito. Sinceramente, custou mesmo muito. E quando estou a sair de casa, toda a família a chorar... aquilo custou muito.
- 19 **Passou-te pela cabeça dares a volta e regressares a casa?**
- 20 Não, não chegou a dar-me na cabeça de voltar para ir embora, mas estava tão triste, tão triste, que... mas voltar também não ia fazer aquilo.
- 21 **Vias ali um futuro para ti e para a tua família...**
- 22 Para a minha família. E isso deu força para continuar. Meti-me no avião, quando cheguei eu estava a pisar Portugal de uma maneira. Quando cheguei, disse... É isto? É tudo diferente.
- 23 **Quando aterraste quais foram as primeiras sensações que tiveste?**
- 24 Oh pá, a primeira sensação que eu tive... é um país diferente, a realidade é outra coisa. As pessoas eram diferentes. A maneira como elas falam comigo, o meu português não era aquela coisa. E aquilo... porque o SEF... quando cheguei no aeroporto o meu visto ia passar o prazo naquele mesmo dia, à meia-noite, ou o quê. O SEF não queria me deixar sair. Eles encostaram-me lá e tiveram que ligar ao S* para tentar ver se no caso podem resolver aquilo. E acabaram por resolver só por volta das 10... cheguei lá por volta das 5 da manhã e só por volta das 10 da manhã. Depois é que saí de lá. O V* foi-me buscar, levou-me para casa de... da mulher. Fiquei lá, dormi lá, no dia seguinte é que eu fui para A*. E aí lá, quando entrei lá, já era outro paraíso.
- 25 **Aí entraste no mundo do sonho...**
- 26 [pssiii] no mundo mesmo do futebol. Vi um estádio de futebol. Jogava sempre no pelado... foi a primeira vez que joguei no relvado. Não... já tinha jogado no relvado, lá, no Estádio Nacional, só que é relvado... aquilo não é relvado, é mais seco, é... maior dificuldade. Do que eu passei aqui maiores dificuldades nos primeiros... um mês, dois meses, é o frio nos pés. A jogar no relvado tinha os pés sempre gelados. Rendia muito pouco. Tive muita dificuldade. Aquilo... doía-me os pés... eu saía do treino e metia água quente.
- 27 **Mas em A* terão sido os melhores momentos por que passaste...**

- 28 É... em termos de condições, como jogador de futebol, senti-me um verdadeiro jogador de futebol. Ali, junto com os jogadores, por exemplo, L*, M*... almoçava toda a gente junto. Era toda a gente... conhecia só pela televisão e estava à beira deles a conversar com eles, era... [tsssi]... eu tinha tanto sonho de jogar ali no S*.
- 29 **Nos primeiros tempos ligavas para a família?**
- 30 Não, não. Eu só, quando cheguei, passados dois dias eu consegui saldo... o B*, não sei se conhece, ele foi a primeira pessoa que me ofereceu dinheiro. Foram 20 euros, nunca me esqueço disso. E deu-me um telemóvel... até hoje tenho aquele telemóvel. E deu-me o telemóvel... eu fui carregar logo o telemóvel com 10 euros e fui ligar logo para a minha família. Depois disso, demorei mais um pouquinho para ligar porque não tinha. Não tinha mesmo dinheiro. E quando saí do S*, passado quê, um mês e meio, saí de lá, fui para Lisboa, ali complicou... as coisas começaram a complicar um pouquinho. Fui morar a casa de uma pessoa e essa pessoa também não tinha condições e separou com a mulher. A mulher foi embora e ele não costumava estar lá. Passei muita dificuldade lá.
- 31 **Começaste a sentir a realidade dos problemas depois de sair da A*...**
- 32 A realidade mesmo... Quando estava no S*, ali era tudo uma maravilha.
- 33 **Sentiste vontade de regressar à Guiné?**
- 34 Senti. Senti mesmo... naquele... naquele tempo, jantei com pão durante uma semana. Só pão, assim, pegava no açúcar, um pouquinho de sumo... e acabou.
- 35 **E como passavas os dias? Tornaram-se muito longos...**
- 36 Era muito longo. Ficava o dia em casa todo. Sem fazer nada. Umás vezes saía, passeava até à estação, não conhecia nada. Estava lá sozinho. Aquela... aquelas duas, três semanas custou-me muito. Depois vim para C* que é... à experiência. Fiz um dia aqui e voltei logo. Quando saí do S*, passados dois dias vim para cá e voltei. Foi num dia e voltei. E eles começaram ali a dizer que queriam que eu vim para cá. Gostaram... Oh pá... O empresário não queria, mandou-me para a M*, para o M*. Fui para o M*, fiz lá uma semana, uma semana ou duas, eles disseram que já têm o plantel fechado e voltei para Lisboa. Naquele período em que eu fiquei em Lisboa (pssss), passei tanta coisa, tanta coisa, naquele período.
- 37 **Que experiências negativas foram essas?**
- 38 Oh pá, as experiências negativas que me ficaram... É da falta de experiência que eu tive na altura. Não conhecia nada. Eu tive pouca ajuda em termos de... de ambientação. Eu... se eu tivesse alguém a ajudar, a orientar, podia ser diferente.
- 39 **Sentiste-te usado pelas pessoas?**
- 40 [silêncio] Não é bem usado, porque, ser usado em termos da pessoa que me trouxe naquela primeira fase, não é bem usado, porque ele tentou meter-me num clube para tentar ganhar alguma coisa que não conseguiu. Tentou e meteu-me no clube, só que as coisas não correram muito bem. Ele deixou-me. Deixou-me quando eu estava no C*, já estava estabilizado com casa e comida. Casa entre aspas, porque estava a morar debaixo da bancada. Aquilo também foi uma fase um pouco complicada. Estava lá debaixo da bancada, ficava lá sozinho... O termo ser usado, os clubes de futebol é que me usaram. Os dirigentes de clube...
- 41 **Então a tua grande mágoa é dos dirigentes dos clubes e não de quem te trouxe...**

- 42 Não... Quem me trouxe... mesmo que ele... ele me deixa no meio do caminho, ele ajudou-me numa parte, porque mostrou-me... abriu-me uma porta e eu desenrasquei-me sozinho. Abriu-me uma porta. Se eu tivesse ficado lá na Guiné, nessa altura eu não sei o quê da minha família. Ele me trouxe e deu-me uma porta, só que as coisas naquele primeiro tempo não correram bem. Eu não estava habituado à realidade daqui, clima, essas coisas. Cheguei no frio. Ali a temperatura sempre a 30 graus, cheguei aqui é menos grau... É totalmente diferente. O que eu senti tão mal no percurso destes oito anos é dos dirigentes de futebol... É dirigentes de futebol. Prejudicaram-me bastante.
- 43 **Há pouco disseste que estiveste uma semana a comer pão e a beber água... Também passaste por dificuldades na Guiné?**
- 44 Eu sempre senti dificuldades com a alimentação. Não senti quando estava a comer aquele pão que era uma dificuldade. Porque na Guiné, às vezes eu tenho o pequeno almoço e não tenho. Almoço sempre tenho, isso eu sei. Mas jantar, não tenho jantar. Eu tenho jantar, não tenho pequeno almoço. Isso aí, compras pão, faço um sumo de limão e acabou. Comes aquilo, tranquilo [risos]. Oh pá, cheguei aqui com aquela situação que eu estava a passar, não sabia cozinhar e também nem tinha nada lá. O pouquinho de dinheiro que tinha, aqueles 20 euros que o A* me deu, fiquei com 10 euros. Aqueles 10 euros que eu comprava pão... eu tinha açúcar lá em casa e fazia.
- 45 **Sentiste-te perdido com uma realidade nova?**
- 46 Senti-me perdido... senti mesmo.
- 47 **No entanto nunca desististe e foste para o C*. Como foi lá?**
- 48 Oh pá... ali é que era muito longo, mais do que no outro lado. Debaixo da bancada eu estava lá... estava lá com um brasileiro e depois o brasileiro foi embora e fiquei lá sozinho. Durante o dia, eu saía para a bancada, eu sentava na bancada a olhar sempre para o estádio... horas e horas ali, sem ninguém. Estava sempre lá sozinho. Meu Deus... pensava em tudo. Cheguei um momento e disse, não, tenho que voltar para casa. Cheguei a pensar, tenho que voltar. Às vezes ligo para a minha família, lá... então quando estava no C* recebia para aí 150 euros, ligava para eles a toda a hora. Eh pá, ligava para eles e eles... ah, para que é que vais voltar? Se voltares isso vai melhorar? Fiz um sacrifício...
- 49 **Com esses 150 euros recebias, envias algum para a Guiné?**
- 50 Eu mandava 100 euros e ficava com 50. E também tinha um objetivo com o presidente, é de cada golo... de cada golo que eu faça tinha 100 euros. Eh pá... ali no C* fiz muitos golos e chegou o V*... aquilo até três, quatro meses chegou outro presidente e ele... não, isso está fora. Ai meu Deus...
- 51 **100 euros por golo era bom...**
- 52 Se era... há um jogo que eu fiz três golos, ou quatro golos. O presidente chamava-me logo. Fui um clube sinceramente, que eu tive muito... no... no fim, a sair de lá fiquei mal com dirigentes do C*, mas foi um clube que me ajudou muito também. Naquela primeira fase que eu tive tanta dificuldade, o C* ajudou-me a...
- 53 **Estiveste lá quanto tempo?**
- 54 Estive lá um ano e meio. Estive lá um ano e meio.
- 55 **Foi com os dirigentes que te sentiste mesmo enganado?**

- 56 [tsss] o dirigente de futebol não... eles não me trataram como ser humano. Uma vez dei uma entrevista há pouco tempo que eu disse que eles me trataram como saco de cebola, mas foi isso mesmo. No C*, a minha saída do C*... era para sair do C* para o R*. C* estava na terceira Liga e R* estava na segunda B. Era terceira Liga, segunda B, segunda Liga... era assim. Eh pá, eles para me deixar sair estavam a pedir 3 mil euros. 3 mil ou 4 mil euros. Não me lembro...
- 57 **O C* ...**
- 58 Sim. O R* queria dar 2 mil, só que eles não aceitaram a outra parte e eu... eu pedi ao C*... eles estavam a dever-me três meses. Eles ficavam com aqueles três meses e eu pagava o resto. Eles, não... não vamos pagar-te nem vamos deixar-te sair. [tssss] Eu para C* não vou voltar. Na altura estava a estudar e fui morar para casa da escola. Fui morar para casa da escola e até quase dezembro ligaram-me do Nogueirense que podia jogar no Nogueirense. E eu... mas vocês precisam pagar ao C* e eles, não, se vamos pagar ao C* são 50 euros, porque é do distrital. Fui para lá. Perdi um ano. Um ano a seguir fui para R*. No R*, apareceu-me B* naquele... em dezembro. Eles para me deixar sair, aquilo deu um problema de um lado para o outro. Eles pediram 150... 120 ou 150 mil euros. B* disse que não podia pagar. Tentei falar com o presidente a todo o custo e ele nada. Chego ao final da época, mandaram-me embora. Fui para o F*. F* foi o clube onde fui mais feliz aqui em Portugal, no F*. O melhor momento que eu passei aqui em Portugal é no F*.
- 59 **Foi aí que sentiste que podias dar o salto na carreira?**
- 60 O F* é... eu tinha que dar o salto. Tinha que dar o salto.
- 61 **Mas voltaste a ser enganado...**
- 62 Eu também senti um pouco culpado. Primeiro, acabou a época e o C* queria-me levar para o T*. O empresário que tinha na altura era o F* e disse que não... para ficar no F*. Falou comigo para ficar porque o F* tinha um projeto e depois ele está a tentar arranjar um clube. Sei lá, para me deixar sair. T* não ia deixar... afinal não era isso. Ele queria meter jogadores. Meteu para aí cinco jogadores no F*. Eu tinha que ficar para ele meter jogadores lá. Fui usado pelo empresário. Fiz a época... fiz a época. Sai o F*, vem o C* para ganhar a segunda liga. No primeiro... no primeiro semana apareceu o B*. O B* não tinha avançado para jogar no sábado. Treinámos com o B* num domingo, era para me inscrever na terça-feira para jogar no sábado. Imagina... vai para o B* e é jogar logo... era na primeira Liga. Disseram-me que não. Não podem me deixar sair.
- 63 **Quem era o presidente?**

- 64 Era o M*, só que o M* não tinha voz... voz era todo de investidores, que era o M*. Eles disseram-me que o F* era melhor que o B*. Até hoje não me esqueço disso. Até hoje não me esqueço disso. Eh pá... aquilo passou-me, eu fiquei mal com eles, depois daquilo, apresentaram-me proposta para assinar um contrato por mais dois anos... eu... não, não vou assinar. Encostaram-me de lado. Por tudo o que eu fiz por F*. Eu estive no F* naquela época em que subimos de divisão, para aí cinco meses sem receber. Cinco meses sem receber e não fui embora. E agora, para assinar, não vou assinar. Estamos a meio da época. Não, não vou assinar. Se não assinas, não jogas. Encostaram-me de lado. Quase um mês andei à volta do campo. Apareceu-me outros clubes, que era... V*, L*... apareceu mais quem?... Famicão... que queriam que eu vá para lá. Por exemplo, tipo um empréstimo. Eles, não... só podemos emprestar-te para a O*, que é o último lugar da segunda Liga. Tentei falar com eles, tentei falar... Tá bem... fui para a O*. Decidi ir para a O* porque o selecionador disse-me na altura que eu não estava a jogar. Se eu não continuar a jogar não vai me chamar para a seleção. Por isso é que eu fui para a O*. Senão, podia ficar em F* até final da época e resolvia a minha vida. Foi a pior coisa que eu fiz. Foi o pior clube que eu apanhei [tssss] e cheguei à O*, o F* fez o acordo com a O*, que era, o O* pagava ao F* e o F* é que me pagava. A O* pagava para eles e eles ficaram com o dinheiro. Até hoje não me pagaram. Diziam... ah, se queres receber tens que assinar. Ai meu Deus... chantagem. Dirigentes de futebol, fiquei mesmo muito desiludido. Muito mesmo. Muito mesmo.
- 65 **Neste período conseguiste conciliar o futebol com o trabalho...**
- 66 No início comecei a fazer futebol e estudos. Quando acabei o curso, fiz o curso de gestão ambiental...
- 67 **Um curso profissional...**
- 68 Sim, curso profissional, quando acabei o curso, equivalente a 12.º, arranjei trabalho. Arranjei trabalho quando eu estava em... Maia. Em Nogueira da Maia. Arranjei trabalho. Treinava à noite, trabalhava durante o dia.
- 69 **Que tipo de trabalho tinhas?**
- 70 Era o... era só entregar caixas e quando chegava encomendas...
- 71 **Estafeta?**
- 72 Sim, sim... não era bem estafeta, era arrumar as coisas ali no armazém. E quando temos alguma entrega e quando temos muita coisa eu ia com um senhor, que era o senhor branco [risos]. Eu chamava senhor branco e ele me chamava senhor preto. Entregávamos as coisas ali no... nas obras, tintas e essas coisas assim. Depois saí de lá e fui para o R*. No R* já treina durante o dia... ali não trabalhei... R* [pausa no discurso]. Aquela situação de ir para B*, eles deram-me um contrato profissional e eu assinei com eles. Eles pegaram naquele contrato e meteram na gaveta.
- 73 **E tu não sabias...**
- 74 Andei atrás deles à procura daquele contrato, e eles nada, 'tá' quieto. E depois... disseram que os clubes não... para pagar direitos de formação eles tinham que pagar muito dinheiro e não conseguiram. Disseram que me vão arranjar trabalho no... na empresa do presidente. Fui ter com o presidente, assinei um contrato com eles. Passado umas semanas, um dirigente lá, é diretor técnico, disse-me que aquele contrato já não é válido porque não tinha visto de residência na altura. O A* não aceitou aquele... Eu, tá bem. Então, vocês têm que resolver essa situação que... porque vocês prometeram-me uma coisa e não estão a fazer. Por isso é que fui ao tribunal há pouco tempo. E correu muito bem. E correu muito bem.
- 75 **Correu?**

- 76 Muito bem. Falei lá e pus o procurador a chorar. Falei mesmo... a explicar da minha vida como começou até onde parei. O procurador saiu de lá em lágrimas. Ele começou a fazer perguntas, mas não me fez nenhuma pergunta.
- 77 **E que contrato de trabalho era esse?**
- 78 Estava lá na carpintaria do presidente.
- 79 **Então foi um contrato fictício...**
- 80 Pois. Foi isso que eles fizeram. Era um contrato fictício...
- 81 **Também passaste na O* por momentos muito complicados...**
- 82 Oh pá... eu senti, eu senti tudo o que é de mau. Eu senti traído, senti... senti enganado, senti egoísta comigo mesmo, senti revolta... senti tudo. Porque eu podia ter evitado aquilo. Mas aquelas coisas aconteceram, podia ter evitado de alguma maneira, mas tentei evitar da melhor maneira para não prejudicar ninguém. Eu acabei por me prejudicar muito mais, porque eu não sabia... não sabia que aquilo o que era. Da maneira como eles me abordaram não explicaram o que era. Quando eu soube, voltei para trás, fui falar com eles para tentar devolver o que eles me entregaram, aí é que entrou a culpa que eu tenho, porque eu podia fazer diferente. Podia ter chamado a polícia. Podia ter ido falar com o presidente do clube. Podia ter ido falar com o treinador. Mas só falei com o capitão. Será que o capitão está disposto a chegar lá a explicar como é que eu falei com ele? Não sei. Ele é testemunha de [impercetível].
- 83 **Sentiste que a tua vida tinha caído num buraco?**
- 84 [tsss] Depois disso nunca mais vou voltar a ser a mesma pessoa. Mesmo que isso acaba. Disseram-me que eu tenho plena certeza que isso vão dizer que... olha, não tens... posso até ter culpa porque... nessa situação de justiça... leis, leis... é um pouco complicado. Um gajo não percebe dessas leis, de como é que elas lidam dos leis. Só aceitando uma coisa já é... é um crime. Isso pode, pode prejudicar. Mas eu acredito que isso... isso vai-se resolver. Mas, mesmo assim, nunca vou voltar a ser a mesma pessoa. Eu perdi a alegria mesmo... até de jogar futebol.
- 85 **A tua personalidade alterou-se?**
- 86 Mudou muito. Fiquei uma pessoa menos alegre, mais fria... uma pessoa com... que chateia-se fácil agora. Eu chateio-me muito fácil agora. Qualquer coisinha [tsss]... fiquei com um peso... até hoje... [tsss].
- 87 **Isso aconteceu num período em que estavas frágil...**
- 88 Muito, muito. A minha esposa grávida, o meu irmão chegou. Não estava a receber, o meu irmão chegou da Guiné, naquele período de... chegou quê... duas, três semanas estava... já tinha marcado a operação para ser operado [tsss] aquilo, é muita coisa junta, pah... é muita coisa. É muita coisa junta... é muita coisa junta.
- 89 **Sentes que eles se aproveitaram da tua fraqueza?**
- 90 Oh pá, eles sabiam, quando vieram falar comigo, já sabiam de tudo...
- 91 **Sobre ti e a tua vida pessoal?**
- 92 Sobre mim... a minha vida pessoal. Eles já sabiam o que eu estava a passar. Porque que disseram mesmo... falámos com os teus colegas e eles me disseram que estás a passar isso, isso. E queremos ajudar-te. Boa ajuda que eu tive.
- 93 **Recuando no tempo, conheceste a tua esposa cá ou na Guiné?**
- 94 Conheci-a lá. Ele [risos] tivemos um filho com... ela estava com 15 anos e eu com 16 na altura. Aos 16 anos... aquilo foi... deu um problema de famílias... [tssiii]
- 95 **Era tua vizinha?**

- 96 Era um pouco, como daqui para o Corte Inglês [serão uns 3 km de distância].
Era pertinho.
- 97 **Houve problemas entre famílias?**
- 98 Problema de famílias... Primeiro eu e o meu pai nunca mais voltámos até ele morrer... nunca mais voltámos a ser... porque ele ficou muito mal comigo.
Aquilo era da religião...
- 99 **Qual é a tua religião?**
- 100 Sou muçulmano. Ser pai antes de casar... o meu pai ficou muito mal. E também a família dela ficou muito [tssiii] aquilo deu um problema de famílias. Até chegaram a ir para a polícia. Deu um problema, meu Deus.
- 101 **Mas nunca fugiste das tuas responsabilidades...**
- 102 Não, não, nunca fugi.
- 103 **Tiveste que casar?**
- 104 Não, não, na altura, não. Eu estive com eles, assumi a responsabilidade, eu gosto dela, que eu vou casar. Oh pá, a menina nasceu. Quando a menina nasceu, eu nem estava lá. Eu estava... eu estava em Senegal. Fui jogar pela seleção. Fomos jogar um torneio, um torneio de sub-16, na altura. A menina nasceu, quando voltei, eu chegava a casa dela. Naquele primeiro dia que eu fui para casa da mãe. [tsssiii] e a mãe estava com a menina, nunca mais esqueço isso. Fui lá cumprimentar e ela nem respondeu. Só me entregou a minha filha...
- 105 **Referes-te à mãe, a tua sogra?**
- 106 Sim, a minha sogra. Só entregou a menina, foi embora. A partir daquela data eu ia para lá sempre, chego, sento-me na frente e ela vai sentar no outro lado. Depois quando vim para cá, mandei a minha família ir lá pedir desculpa, fazer aquelas cerimónias de casamento e fizeram.
- 107 **Fizeste as cerimónias lá?**
- 108 Não, não. Depois quando estava aqui. Na altura não tinha condições para fazer aquela cerimónia para pagar aquela multa.
- 109 **Mas como fizeste?**
- 110 Mandei dinheiro para a minha família.
- 111 **As cerimónias foram feitas sem lá estares?**
- 112 Sim, sim. Até o meu casamento mesmo, eu não estava lá. Eu fiz casamento por procuração. Fiz casamento por procuração. Fiz procuração aqui, mandei para o meu irmão e o meu irmão é que foi casar. Foi representar. Depois comecei a tratar papeldas dele, nessa altura já estava no F*.
- 113 **Então foi um casamento à distância.**
- 114 Foi, foi um casamento à distância. Estive quatro anos sem ver a minha filha, a minha família.
- 115 **Elas vieram ter contigo quando?**
- 116 Elas vieram há dois anos... há três anos. Depois da chegada da minha família mudou completamente. Estava no F*. Até estava a viver mais no F* do que cá. Depois da chegada da minha família, aquilo mudou muito. A responsabilidade aumentou um pouquinho, tinha que arranjar a casa para mim mesmo, eu tinha que viver com... com... na casa do clube, na altura também estava a viver com um amigo que eu trouxe para cá que estava em dificuldades em Lisboa e falou comigo. Andei com ele na escola onde estudei, e ele estava a morar comigo.
- 117 **Entretanto tiveste mais uma menina...**

- 118 Sim. A pequenina também nasceu, não estava cá. Fui jogar para a seleção, falar em seleção, é a desilusão de dirigentes de futebol. Também me senti muito desiludido com a Federação da Guiné. [psssiiii]. Oh pá, tivemos seis jogos de fase de grupo para apuramento, [*texto suprimido por motivo de confidencialidade]. Chegou a hora de ir para a CAN, o treinador, o que é que ele diz... arranhou outro jogador. Diz que, eu tenho problemas. Mas, eu tinha problemas quando eu estava a jogar na fase de grupo. Não, o meu problema agora é só eu ir para a CAN. Eu ir para a CAN, ele não, não posso te chamar porque estás com... tens problema. Para pagar aquele dinheiro para apuramento da fase de grupo, pagaram aos jogadores que estavam lá... e nós? Aqueles que... até hoje ainda não me pagaram nada.
- 119 **E era muito dinheiro?**
- 120 Era muito dinheiro. 15 mil euros para... para apuramento por jogador. Era muito dinheiro. Pagaram aos outros. Ainda andei atrás deles. E até o meu dinheiro... porque fomos para... para o Quênia. Chegámos lá para a entrada no Quênia e não me deixaram entrar. Era preciso pagar visto. A viagem que fizemos não estávamos com nenhum dirigente e ninguém tinha dinheiro. Eu fui ver o meu cartão de crédito, consegui levantar 500 dólares. Paguei visto e até hoje não me pagaram isso. Até hoje não me pagaram isso. Andei atrás deles, a falar com eles e não pagaram isso. É uma desilusão. A minha filha nasceu... ela nasceu também eu não estava cá. [*texto suprimido por motivo de confidencialidade]
- 121 **Tiveste muito tempo sem ver a tua família...**
- 122 Eu estive quatro anos sem ir para a Guiné. Porque não tinha visto de residência. Podia ter ido, só que para ir... para voltar ia ser complicado.
- 123 **Tiveste um momento difícil que foi a morte do teu pai...**
- 124 [tssiiii] o meu pai... o meu pai morreu naquele dia em que eu fui jogar... fez um ano precisamente nesse dia. Esse dia é dia marcante mesmo... dia muito marcante. Dia 11 de novembro... naquele dia... o meu pai morreu nesse dia. Foi o dia que eu viajei para Portugal. Que eu deixei minha família. Um ano depois o meu pai morreu. Um ano depois quando eu estava no C* parti esse pulso. No mesmo dia 11. Ano a seguir, rasguei o... o menisco. No mesmo dia. 11 a seguir, estava com o C*, eu disse que não ia jogar, porque dia 11 causa-me sempre dor. E ele: hoje vais jogar, não vai acontecer nada. Mas não aconteceu mesmo nada. Mas até hoje quando tem jogo dia 11, eu ando com aquilo na cabeça...ando com aquilo...
- 125 **Estiveste muito tempo sem falar com o teu pai?**
- 126 Não... Depois as coisas ficaram melhores. Falar com ele... até naquele dia que o meu pai morreu, ele ligou-me de manhã a pedir-me para arranjar dinheiro que era para comprar o carneiro, que era para... o carneiro que os muçulmanos sacrificam para o [impercetível]. Fui enviar-lhe o dinheiro, por volta do meio-dia, e à tarde ele ligou-me que já foi comprar o carneiro, por volta das 6, 7 horas. Ele disse: olha, vou rezar, quando acabar de rezar, eu vou-te ligar. Foi rezar. Eu sentei-me, à espera da hora para ir treinar, porque treinava um pouco tarde. Passado 10 minutos que eu falei com ele, a minha irmã ligou-me a chorar, que o meu pai morreu.
- 127 **Foi assim de repente?**
- 128 Foi assim de repente. Ele estava doente, na altura. Mas ele mudou de uma maneira... para mim, até hoje, ele não morreu. Aquilo fica-me na ideia assim, que é [tssiiii]. Falámos para aí três, quatro vezes no mesmo dia.
- 129 **Ele que idade tinha?**
- 130 Tinha 64.

- 131 **Fazes as tuas rezas diárias?**
- 132 Faço. Faço as rezas diárias, cumprio o ramadão. Já cumpri o ramadão na pré-época, muitas vezes... duas, três vezes. Até o C* disse que eu quando estou no ramadão rendo mais que quando não estou no ramadão.
- 133 **Voltando um pouco atrás, disseste que te sentes uma pessoa diferente depois do que aconteceu na O*. É isso?**
- 134 Oh pá, ainda me sinto uma pessoa menos feliz. Isto tem que ser resolvido, mesmo que está resolvido, eu amo o futebol, pá... Neste momento não estou feliz a fazer aquilo, porque sinto-me... dentro do campo sinto-me envergonhado do futebol. Quando se fala do P*, as pessoas falavam do P*... é... chamavam de uma pessoa que ajuda as pessoas. E hoje quando chamas o P*, associam logo com corrupção.
- 135 **É uma visão distorcida do que tu és.**
- 136 Totalmente diferente, pois. É totalmente diferente, da pessoa que eu sou [tssiii].
- 137 **Foi público que tinha a missão de ajudar a tua família na Guiné-Bissau, que é extensa.**
- 138 39 pessoas.
- 139 **Então, do valor que recebias ao final do mês, uma parte era para ajudar a família.**
- 140 Ajudar a minha família. Mas agora tenho uma imagem totalmente diferente. Eu nunca tive problema com ninguém. Nunca tive... nunca tive problema... mesmo o problema que eu tenho assim...
- 141 **O que sentes quando tens que ir a tribunal?**
- 142 É uma revolta enorme que eu sinto. Mas às vezes... às vezes eu sinto-me que eu tinha que estar ali para... para esclarecer as coisas, como é que as coisas aconteceram. Provar a inocência. Ainda não falei lá em baixo, em Lisboa. Só falei aqui no... aquele do, do... esse já está resolvido. Para mim isso já está resolvido. O outro lá em baixo ainda não falei. Até pedi ao advogado para não ir lá porque quando vou lá, eu vou lá é para falar, não é para ir lá, chegar e ouvir as pessoas... ele, não, calma, porque precisamos ver como é que as coisas estão a correr para depois falar. Porque, o advogado, o que ele percebe... eu também já percebi isso... isso não é... não é só uma coisa do tribunal que está em jogo. Pode ser que a minha família pode estar ameaçado por causa disso. Porque seu eu falar, eu vou chamar o nome das pessoas. E chamando o nome das pessoas, ninguém sabe o que é que vai dar. O advogado já me deu esse alerta. Eu já tinha percebido isso porque...
- 143 **A tua família já foi ameaçada?**
- 144 Já. Eles ameaçaram mesmo. Aí já é complicado. Aí já é um pouco complicado.
- 145 **Sentes-te inseguro na rua?**

- 146 Não. Andar assim na rua não me sinto inseguro. Eu à noite não saio. Não saio. Antes desse problema não saía. Às vezes é que eu vou a encontro de guineenses, mas agora não vou, porque também passa aquela imagem do P*... eh pá, mesmo os guineenses, depois deste problema que eu percebi, que eu não tinha amigos. Eu percebi que aquelas pessoas que estavam comigo, estavam porque eu estava a ser um alvo para futuro. Porque eu tinha futuro promissor no futebol. E aquelas pessoas estavam comigo porque queriam ganhar qualquer coisa ou porque queriam estar comigo... no meio desse problema [tssiii] percebi que... não. Não, não, não... aquilo não eram amigos. Aconteceu uma coisa, estávamos numa entrevista... tínhamos um grupo no F*, entre jogadores de... do F*. Depois de acontecer aquele problema [tssii]. Eu estava no grupo, mas na notificação do grupo entra para toda a gente. Jogadores de... da nossa equipa a gozar comigo. A rirem de mim... a gozar. Do F*! o F*, o D*, ou o quê... o fisioterapeuta... o N* o J*... o J* também era fisioterapeuta. Mas eu mandei mensagens para eles e saí logo do grupo.
- 147 **Mas o que é que eles diziam?**
- 148 A gozar comigo. Olha, é o P*. Ele até diz que fazia penákti. É gozar, rir, cada um a falar de uma... ei... fazia parte do grupo...
- 149 **Olha, mas então nunca foste muito de sair...**
- 150 Não, não, não, não... Não. Eu sou muito reservado. Eu não gosto... não gosto da juventude mesmo de como devia fazer. Às vezes, mesmo no futebol, um gajo fica privado. Mas um gajo tem que sair para divertir às vezes. Mas eu não saio. Não gosto. Não gosto, mesmo. Mesmo... mesmo na Guiné não gosto de sair. Porque eu sou muito miúdo da mamã. A minha mãe não me deixava sair. Por nada. Não me deixava sair por nada. E eu acabei por me habituar. Sou uma pessoa mesmo da família. Uma pessoa mesmo da família. Não gosto de sair e não sei se algum dia eu vou... acho que já não. Sair assim, para divertir. Às vezes, um gajo pode ir uma semana passear um pouquinho e ir à discoteca... não, não. Não faz.

Anexo 5

Entrevista 5 (18 Mai 2018)

- 1 **Criámos uns mapas com os lugares por onde passaste neste trajeto. Consegues identificar? Jogavas por aqui, não era?**
- 2 Era... eu joguei aqui... aqui, ou aqui. Porque eram dois campos. Um estava em baixo e outro está cá em cima. Consigo ver o mapa já dá para... centro cultural... é esta... é esta.
- 3 **Foi aqui que começaste a jogar futebol?**
- 4 Foi aí mesmo.
- 5 **Moravas aqui perto?**
- 6 Morei, morei... aqui assim, mais acima.
- 7 **Aqui foi por onde andaste...**
- 8 Este é o estádio onde toda a gente vai treinar.
- 9 **Quando estiveste no Benfica e o Sporting de Bissau, jogavas aqui?**
- 10 Treinava aqui, às vezes treinava aqui. No Lino Correia. Às vezes treinava aqui, mas quando tinha jogo no relvado era aqui.
- 11 **Este mapa tem o registo quando chegaste a Portugal...**
- 12 Sim, à D* e depois para a academia dois meses e depois regressei outra vez para D*.
- 13 **Então foi este trajeto que fizeste...**
- 14 [risos] foi... tá... tá bonito [risos]. É uma coisa engraçada.
- 15 **Este era o teu trajeto diário. Ainda era um bocadinho**
- 16 Pois.
- 17 **Aqui foi quando vieste para o C*... aqui a visão do teu trajeto pelo norte do país.**
- 18 [risos] C*, Porto... vivi aqui, depois N*, onde eu joguei. N*. R*, F*, FE*... aqui... ah, o R*... não, não... Ol*. Daqui, F*, O* e depois é que é FE e R*. Falta O*.
- 19 **Aqui já é uma vista de Portugal, por onde andaste. Esta é a visão global. Consegues identificar onde era o campo de Rádio e o campo da Pedrada?**
- 20 Sim, sim... consigo identificar, só que aqui não está a aparecer. Está a aparecer campo de Pedrada, porque é mais perto de Bissau. Campo de Rádio é mais acima.
- 21 **É esta a tua imagem visual do teu trajeto...**
- 22 Está mesmo bonito.
- 23 **Tinhas a ideia de que já tinhas dado umas voltas tão grandes?**
- 24 Não tinha. Mas é uma volta, mesmo... [risos] uma volta... fiquei surpreendido. E ver aquilo de O* para F*, aquilo... [tsssi].
- 25 **Em relação ao início do trajeto, foi no campo da Pedreira que chamaste a atenção...**
- 26 Foi, foi... para ir jogar para o Benfica de Bissau. Foi o Sabrino.
- 27 **Ele fazia parte do Benfica?**
- 28 É... ele fazia parte. É, tipo... está no... nos quadros da equipa técnica.
- 29 **Tinhas que idade?**

- 30 Na altura tinha 15 anos. Ele levou-me para Benfica para treinar para seniores. Treinei junto com os seniores. Naquele primeiro treino eles disseram que vou ficar aí. Então, começo a treinar com os juniores. Eu treinava mais com os seniores do que com os juniores.
- 31 **Mas quando treinavas na Pedrada, era entre amigos?**
- 32 Era com os amigos. Naquele campeonato tipo... campeonato intercalar. Fazíamos de bairro em bairro. Jogava pelo meu bairro.
- 33 **E como é que surgiu a possibilidade de te moderas do Benfica para o Sporting de Bissau?**
- 34 Essa mudança surgiu através do treinador e atual seleccionador de... da Guiné. Ele me viu ali a jogar e... e ele é amigo do meu pai. O meu pai é sportinguista. Ele foi logo falar com o meu pai na situação de... de ir para, para, para o Sporting. Que é o rival, mesmo. Oh pá... Benfica não queria me deixar sair, mas o meu pai foi para lá e aquilo deu um escândalo... uma confusão. É como o atual... atual número... número dois da Guiné-Bissau. É do grupo dos deputados dos sete. Ele é o número um daquele grupo de sete.
- 35 **Mas conseguiste a desvinculação?**
- 36 É...o meu pai conseguiu. Falou com eles e eles deram-me a carta.
- 37 **Quando tempo passou entre a tua passagem do Benfica para o Sporting de Bissau?**
- 38 Sporting, aqui, foi quase um ano.
- 39 **Então já terias 16 anos...**
- 40 Sim, sim. Quando fui para o Sporting já estava com 16 anos. E fui logo para os seniores do Sporting. E joguei logo pelos seniores. No Benfica chegou a fazer ainda um jogo... um jogo ou dois... no Benfica, já no final do campeonato. No Sporting fui logo no início de pré-época, fui logo para seniores.
- 41 **E quando é que percebeste que havia agentes atentos?**
- 42 Oh pá... eles começaram a contactar desde quando eu estava no Benfica. Aquilo... eu com 15 anos já treinar com os seniores e eles já começavam a falar. Mas havia a mudança do Benfica para o Sporting. Aquilo deu confusão no rádio... toda a gente queria saber... foi notícia mesmo. E toda a gente queria saber quem era o P*. Querem ver o P* e então acabou por aparecer o empresário que me trouxe.
- 43 **Como é que ele se chamava?**
- 44 É o V*.
- 45 **Ele contactou diretamente contigo?**
- 46 Contactou com um tio... aquele meu tio que falou diretamente com o V*. O V* foi-me ver a jogar. Falei com ele no início e depois ele regressou para Portugal depois. Mandou-me o convite. Quando recebi o convite ele foi para a Guiné. Fui com ele. Até metemos o pedido de visto e ele regressou para Portugal outra vez. Só aí é que depois eu vim ter com ele.
- 47 **E entre a tua passagem pelo Sporting e viagem para Portugal passou quanto tempo?**
- 48 Ahhh. Aquilo passou para aí dois anos... dois anos e meio. Dois anos... dois anos e meio. Quando fui para o S*... cheguei aqui já com 18 anos.
- 49 **Então já tinhas 18...**
- 50 Sim, quando cheguei aqui já estava com 18. Portanto, foi dois anos e meio... para aí.
- 51 **Já eras maior de idade quando chegaste a Portugal...**
- 52 Sim, sim... quando cheguei já era.
- 53 **Então não precisaste de nenhuma autorização dos teus pais para viajar?**

- 54 Não, não, não. Foi só tratar do visto e na altura também... não sabia, sinceramente, de tratar isso do visto. Porque se eu sabia, aquilo ficava arrumado, só que não sabia. Oh pá, o Vital também não fez alguma coisa para...
- 55 **Trataste tudo sozinho?**
- 56 Tratei tudo sozinho. Tive a ajuda do... primeiro foi do diretor da escola. Ele falou com o advogado que era o advogado do P* e este ajudou naquela primeira fase. Só que eu vi aquilo a demorar e fui para a Guiné. Quando fui à seleção... e depois fiz pedido do visto e regresssei.
- 57 **Vamos abordar ainda a parte da tua primeira viagem para Portugal. Vieste sozinho?**
- 58 Sim. Vim sozinho.
- 59 **O V* comprou-te o bilhete quando percebeste que não o podias comprar?**
- 60 Sim, sim.
- 61 **E ele estava à tua espera no aeroporto em Lisboa?**
- 62 Estava à minha espera. À saída barraram-me. O SEF... o meu visto acabava o prazo naquele dia. Ele foi lá, acho que fez... assinou aquele termo de compromisso... qualquer coisa assim, e saí de lá.
- 63 **Então no dia seguinte já estavas ilegal em Portugal...**
- 64 Já não tinha visto. No dia seguinte já estava ilegal aqui. E fui para A* e eu até... fiquei assim... tinha passaporte, mas não tinha o visto de turista.
- 65 **E não te pediram os documentos na academia?**
- 66 Não. Em A* eles só pegaram no passaporte e guardaram. Eles também podiam fazer o pedido da prolongação do visto e não fizeram.
- 67 **E nunca se mostraram disponíveis a isso?**
- 68 Não, nem sabia. Eles nem disseram isso.
- 69 **E os dirigentes do clube nunca falaram contigo no período em que lá estiveste?**
- 70 Eles falaram muitas vezes com o J*, que era o diretor das camadas jovens.
- 71 **E ele também nunca te falou da possibilidade de arranjam o visto?**
- 72 Não. Nunca falaram disso, que era preciso tratar do visto... nunca falaram disso.
- 73 **E o V* também nunca se mostrou disponível para resolver o problema?**
- 74 Nunca falou comigo sobre essa situação do visto. A preocupação dele foi meter-me no S*. Se eu ficar lá, o S* ia tratar daquilo.
- 75 **Passada a experiência na academia, depois não te deram qualquer satisfação para te mandar embora?**
- 76 Eh pá... deram satisfação ao V*. Comigo...
- 77 **Eles disseram o quê ao V*?**
- 78 O V*... o V* disse que já não vais ficar aqui.
- 79 **Mas não disse porquê?**
- 80 Não... já não vais ficar aqui. Até hoje não sei porquê. Eu gostava mesmo de lhe perguntar um dia. Então porquê não fiquei no S*? Gostava mesmo...
- 81 **Trabalhaste bem na academia?**
- 82 Oh pá... trabalhei muito bem. Trabalhei muito bem. E eles gostaram. Para ficar lá tanto tempo. Eh pá... alguma coisa não correu bem a ele.
- 83 **A primeira solução que ele encontrou foi colocar-te em casa de um amigo...**
- 84 Sim, sim, de um amigo. Estive lá alguns dias e fui para a Madeira. Fiz uma semana... não, uma semana, não. Quinze dias, para aí, porque passei o Natal e o final do ano lá. Quando regresssei, voltei outra vez para casa do amigo. Aí já fiquei, para aí, dois meses.
- 85 **Sem nada em perspetiva?**

- 86 Eh pá... sem nada.
- 87 **E a questão do visto? Não sabias o que fazer?**
- 88 Não, não sabia. Foi aí que o meu tio falou comigo nesse assunto do visto.
- 89 **O teu tio morava onde?**
- 90 Ele morava ali no M*. Aquele bairro. Foi com ele que eu fui logo tratar do número do... número do contribuinte. Foi em Lisboa. Fiz o número de contribuinte lá...
- 91 **Mas sem o visto...**
- 92 Sem o visto, sim. Fiz o número de contribuinte e vim logo para o Porto.
- 93 **E nunca foste abordado pelo SEF por causa da documentação?**
- 94 Não, não, não. Só fui abordado aqui... aqui em G*, mesmo. Quando estava no C*.
- 95 **Continuavas sem visto?**
- 96 Continuava sem visto. Mas já tinha começado a jogar.
- 97 **Ou seja, estiveste ilegal em Portugal durante quanto tempo?**
- 98 Eh pá... não ter o visto, isso foi há... há quatro anos e meio sem visto.
- 99 **Estiveste quatro anos e meio ilegal?**
- 100 Oh pá, não é bem ilegal. Porque depois quando fiz o pedido do visto, aquilo ficou à espera e eles deram-me um papel provisório para apresentar.
- 101 **Depois de teres o contribuinte como foi?**
- 102 Depois quando vim para o C* fomos lá perguntar, porque o meu pai é português. Fomos lá perguntar essa situação do... para ter a nacionalidade, como eles disseram, já tinha completado 19 anos. Aí já não consigo ter a nacionalidade. Tenho que ir ao SEF. Fui ao SEF perguntar. Passados dois dias, o SEF apareceu no C*. Vieram lá e deram aquela carta de expulsão do país. Tinha 20 dias para regularizar ou para abandonar o país.
- 103 **Ou seja, foste ao SEF para resolveres o problema da nacionalidade, mas acabaste por receber um ultimato...**
- 104 Ou resolvia o problema ou tinha que ir embora. Tinha que ter um contrato de trabalho.
- 105 **O C* nunca te deu esse contrato?**
- 106 Não. Na altura, não. Tinha que ter um contrato de trabalho ou estava a estudar, porque já estou a jogar. Estou no futebol amador ou estava a estudar. Na altura estava a estudar, fui falar com o diretor da escola e expliquei. Até lhe apresentei a carta e ele pegou naquela carta, ligou para um amigo dele que é advogado, fomos falar com ele. O advogado pegou naqueles papeis e mandou para o SEF. Foi aí eles me mandaram aqueles montes de papeis de que agora o processo vai ser realizado para ver como é que vai ser. Depois o C* fez-me o contrato de trabalho também e juntei ao processo. Oh pá, aquilo ficou assim, à espera.
- 107 **O contrato com o C* era de futebolista?**
- 108 Não, não, não, não, não. Eu trabalhava, ajudava o Senhor M* ali do... depois do treino. Eu morava ali debaixo da bancada, depois do treino ficava ali a ajudar o Senhor M* a arrumar equipamentos, a meter para lavar e depois varrer o balneário. Antes de eles fazerem o contrato. Depois eles acabaram por fazer-me um contrato sobre aquilo. No futebol era um contrato amador.
- 109 **Como se chamava o contrato, lembras-te?**
- 110 Era de limpeza.
- 111 **Esse contrato já permitia que te legalizasses?**
- 112 Não.

Anexo 6

Entrevista 6 (20 Jun 2018)

- 1 **Há imagens nesta revista que te identificam?**
2 Realmente, realmente, quando olhamos para a revista era isso que acontecia...
3 Revistas europeias. Iam para lá e quando pegas naquilo, faz-se um corte, cola-se
4 no quarto [risos].
- 5 **Nestas imagens que aparecem, que imagem escolherias para colocares no teu quarto?**
6 Tá bem... vamos lá... vamos lá...
7 **Ainda nada?**
8 Estou só a ver as imagens... hmm... esta imagem de roupa... esta roupa, já me
9 identificava...
- 10 **É um fato clássico... Tens aqui o Bas Dost...**
11 Pois... olhava para a revista dos jogadores conhecidos, assim, pegas e... fazes o
12 recorte e colas no quarto.
- 13 **Aqui são habitações... modelos de quartos... vê se algumas destas imagens te chamam a atenção...**
14 Ohh. Gostava de cortar esta [risos]...
- 15 **São modelos diferentes dos que vias na Guiné...**
16 Era... totalmente diferente... totalmente diferente, mesmo.
- 17 **Comida...**
18 Comida, é assim... porque não conhecia a comida portuguesa e quando olhava
19 para aquela comida, até estranhava. O que é isso? Estranhava...
- 20 **Mas gostaste?**
21 É... gostei muito.
- 22 **Aqui são destinos para férias...**
23 A neve... até hoje nunca fui. Até hoje, tenho mesmo curiosidade.
- 24 **E qual é o teu modelo feminino em Portugal?**
25 Eh pá, tem uma que eu... quando cheguei a Portugal conheci... está aqui na
26 revista. [pausa] está aqui! A Joana Santos. Vi-a muitas vezes na televisão, nas
27 novelas. A outra é a Diana Chaves [heeee].
- 28 **E por aqui, identificas-te com alguém?**
29 Eh pá, a Sofia identifica...É modelo mais africana. Mas as tatuagens... [pausa]
esta também recortava [Rui Patrício].
- 30 **E estas paisagens?**
31 São muito bonitas [rio Douro]
- 32 **E estas?**
33 Eh pá... esta imagem já toca. Modelo europeu [S. João Madeira] Estas também
34 são imagens que despertam atenção. Eh pá, quando lá estamos e vemos estas
35 imagens ficamos... como é que eu vou chegar ali, viver assim...
- 36 **Então, antes de vires para Portugal, tinhas a curiosidade de folhear revistas europeias?**
37 Sim, folheava e pensava como seria aquilo. Eh pá, era uma coisa muito
38 espetacular. As imagens que passam na revista são imagens espetaculares,
39 mesmo. Mas via aquilo... oh pá... como é que no meu país não está assim... Como
é que um dia posso viver ali.
- 40 **Esse também foi um dos motivos que te levou a viajar?**

- 30 É...É um dos motivos, também. Um dos motivos... descobrir, ter uma vida boa, como é que... um gajo vê a revista e fica com aquela... com aquela coisa na cabeça e... olha... vou até...
- 31 **Então, se tivesses que selecionar o que acabaste de ver, o que escolherias?**
- 32 Gosto... gosto mesmo de clássico [roupa]. De clássico, eu gosto muito. O fato [risos]... agora não tanto, mas quando eu estava lá, quando via uma pessoa assim vestido, por exemplo, os jogadores de futebol, mas o fato deles é diferente. Quando via o jogador de futebol de fato, até era uma coisa estranha. Eu gosto muito...
- 33 **Também me disseste que as tuas preferências pelos carros mudaram quando chegaste...**
- 34 É... passei a ter outro. Na altura é um BM... era um BM... acho que, como é... o nome do carro, mesmo, acho que é 5M... é um desportivo. Um carro que eu... até hoje... é aquele. Mas depois de chegar aqui, vi o Range Rover... que é isso [risos]... gostava de ter um. Mas há coisas na vida que um gajo... não... quem sabe no futuro. Sonhar, um gajo não paga nada por isso.
- 35 **E a tua habitação?**
- 36 Até hoje tenho esse sonho. De ter uma casa minha, uma casa em condições. Uma casa, modelo europeu. Mesmo que não seja aqui, que seja na África, mas uma casa mesmo... à moda da Europa. Gostava muito. Em termos de condições é totalmente diferente. Mas tentar fazer uma casa do estilo da Europa.
- 37 **E em termos de constituição familiar?**
- 38 Oh pá... o meu sonho era ter uma branca, ter um filho um pouco mestiço... oh pá, quando cheguei aqui, eu vi... a realidade é outra coisa e eu disse, não... vou buscar a minha namorada e trazê-la para cá.
- 39 **Ficaste desiludido com as mulheres europeias?**
- 40 Não é desiludido, mas... quando cheguei aqui, mudou muita coisa e a minha preferência... eu disse, não... é melhor não abandonar as pessoas que estavam contigo nos momentos mais complicados.
- 41 **E em relação aos jogadores que vinham para a Europa? quando cá chegaste a tua visão manteve-se?**
- 42 Oh pá... desilusão sempre há um pouquinho. É muito diferente, a imagem que se passa lá e o que é mesmo a realidade. A imagem que se passa parece que jogadores na Europa não treinam, parece... passagem de modelos. Mas não. A realidade é totalmente diferente. Eles treinam muito mais do que lá. Muito mesmo, mas não passa essa ideia. Até hoje, se chegarmos lá e perguntarmos a uma pessoa quem treina mais, lá ou na Europa, eles... não... aqui treinam para aí três horas ou quatro horas a treinar. Lá não.
- 43 **Sentiste que evoluíste mais em Portugal em termos físicos?**
- 44 Evoluí muito. Eu cheguei, fisicamente não estava. Eu estava a treinar todos os dias de manhã e à tarde. Quando cheguei aqui era totalmente diferente. Primeiro era relva, cheguei no frio, a relva totalmente fria, congelado. Os meus pés ficavam todos adormecidos. Totalmente diferente, fisicamente, mesmo. Vais lá, treinas, e vais para casa, não tem suplemento, não tem alimentação em condições para comer. Vais desgraçar mais. Aqui treinas um pouco, já tens suplementos, já tens alimentação. É totalmente diferente, aqui comes um pouco e ficas bem. Lá, sais do treino, tens que procurar o arroz e metê-lo no corpo e já está. Se não comeres o arroz, o que é que vais comer?
- 45 **Os teus sonhos mais profundos quais eram?**

46 O meu sonho era chegar aqui, conseguir singrar no futebol português. Chegar o mais alto possível. Era o meu sonho... e ainda é. Ainda é. Jogar na 1.^a Liga é uma das coisas que me motivou mais em vir para Portugal. Tirando a parte que eu sei que quando chegar aqui posso ajudar mais a minha família, a outra parte é conseguir singrar no futebol e as pessoas ver-me lá a jogar na 1.^a Liga. Era esse o meu sonho, e ainda é...

Anexo 7

Entrevista 7 (13 Jul 2018)

- 1 **Gostava que lesse estas frases tuas e me digas o que sentes...**
- 2 [Bilhete de passagem] [frase do irmão que ofereceu dinheiro]... deu-lhe dinheiro para comprar pão, e ele... toda a gente, toda a gente... toda a gente envolvido a tentar procura de solução... foi muito complicado.
- 3 **Sentiste a tua família a ficar desesperada?**
- 4 É... sinceramente, eu não estava tão preocupado, porque eu... chegou um momento e já nem queria. Mas a minha família estava preocupada, porque eles sabiam... eles perceberam a capacidade que eu tinha no futebol, que eu podia chegar muito longe. E... servia também como uma tábua de salvação, porque o futebol na África é uma das coisas que está a ajudar muito a família. Isto é uma oportunidade de uma vida para a família. E aquilo, foi mesmo... naquele mês... a minha mãe andava de um lado para o outro, a minha madrastra, tias, tios, irmãos... cada um a tentar arranjar aqui, arranjar ali, foi mesmo muito complicado.
- 5 **Então cada membro da família arranjou um bocadinho de dinheiro?**
- 6 É. Tentaram arranjar um pouquinho. Esta aqui, esta 15 euros, esta 10 euros, foi assim que cada um, a juntar pouco a pouco. Foi até ao último dia. Último dia, mesmo. Foi naquele dia que consegui bilhete para vir para cá. Foi mesmo, foi mesmo muito... [tssss]. Ai, meu deus. Oh pá, hoje, só tenho que dizer obrigado. Faço tudo por eles. Só não dou o que não posso. Tento fazer tudo, o que está ao meu alcance. Às vezes as pessoas... olha, tu continuas a olhar pela tua família? Nunca mais vais conseguir ser a mesma pessoa... que não seja. Que não seja, mas tenho que olhar por eles. Eu sei que se passou, o que eles passam. Eu estive lá essas duas semanas, ei pá, parece que as coisas não saem do lugar. Está sempre igual, sempre igual, sempre igual. Parece que aquilo... ei pá...
- 7 **Não sentes que está a evoluir?**
- 8 Não. Aquilo não... aquilo está sempre igual, igual, igual. Aquilo já passou oito anos que saí de lá... oh pá... não há mudança nenhuma. É uma casa que está mais remodelada, uma rua que está... mas aquilo, está igualzinho. Não mudou nada.
- 9 **E como foi a tua receção em Bissau?**
- 10 Não... não havia ninguém...
- 11 **Porquê? Chegaste de surpresa?**
- 12 [risos] Não havia ninguém, só liguei a um amigo para ir-me buscar ao aeroporto. E ele levou-me a casa, cheguei por volta da meia-noite e tal. Estava toda a gente a dormir. Bati na porta, e a minha mãe: quem é? Sou eu... Ansu? Ela disse assim, Ansu? Eu disse, é o próprio. Ela me abraçou, com lágrimas. Porque é que me fizeste isso? Não podias me avisar? Eu, não, é surpresa. Foi mesmo engraçado, desta vez foi mesmo engraçado. Toda a gente a acordar àquela hora. Foi mesmo engraçado. Mas não vou voltar a fazer aquilo. Senão... ela ficou mesmo... eu vi como ela ficou. Estava pálida, parece que está, está contente.
- 13 **Ela já não te via há quanto tempo?**
- 14 Há um ano e tal. É complicado.
- 15 **Ainda não tinha visto a netinha...**

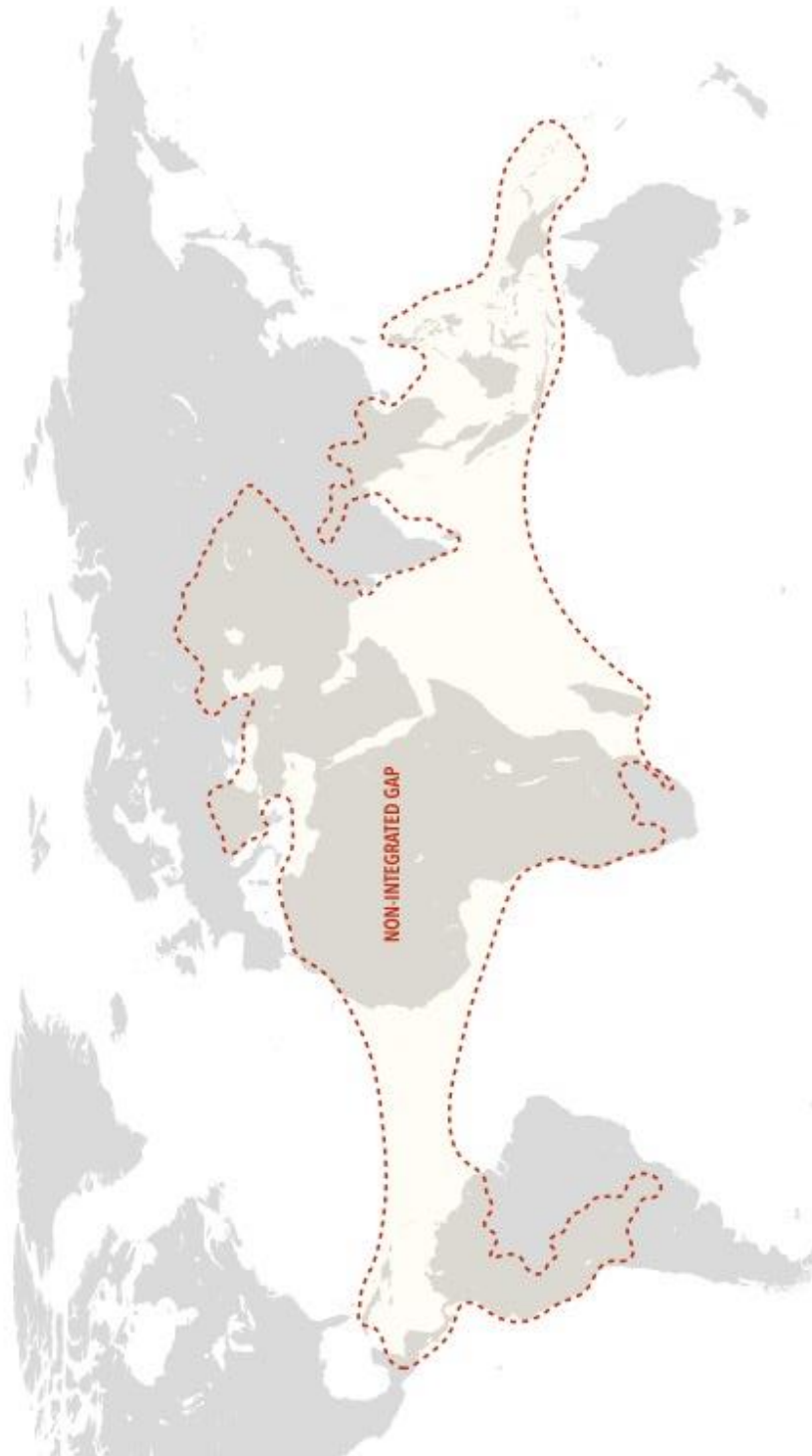
- 16 Não. Disse, tenho aqui uma surpresa, a Vitória. A Vitória? Queria pegar nela e a menina não quer. Não estava habituada. E não havia luz, estava tudo escuro. É a central do Estado. Desligam. Tipo, de manhã há luz aqui no Porto, não há em Gaia. À noite há luz em Gaia e não há no Porto. É assim, dão um pouquinho ali, um pouquinho aqui. Nos últimos dias, havia luz todos os dias, antes de vir embora, havia luz todos os dias. Também estava em período de campanha, período de campanha. Há tudo. É... todos os anos vou. Todos os anos nesta altura, maio, junho.

Anexo 8

Elementos gráficos de síntese

Poder

Mapa — 'Core-Gap'

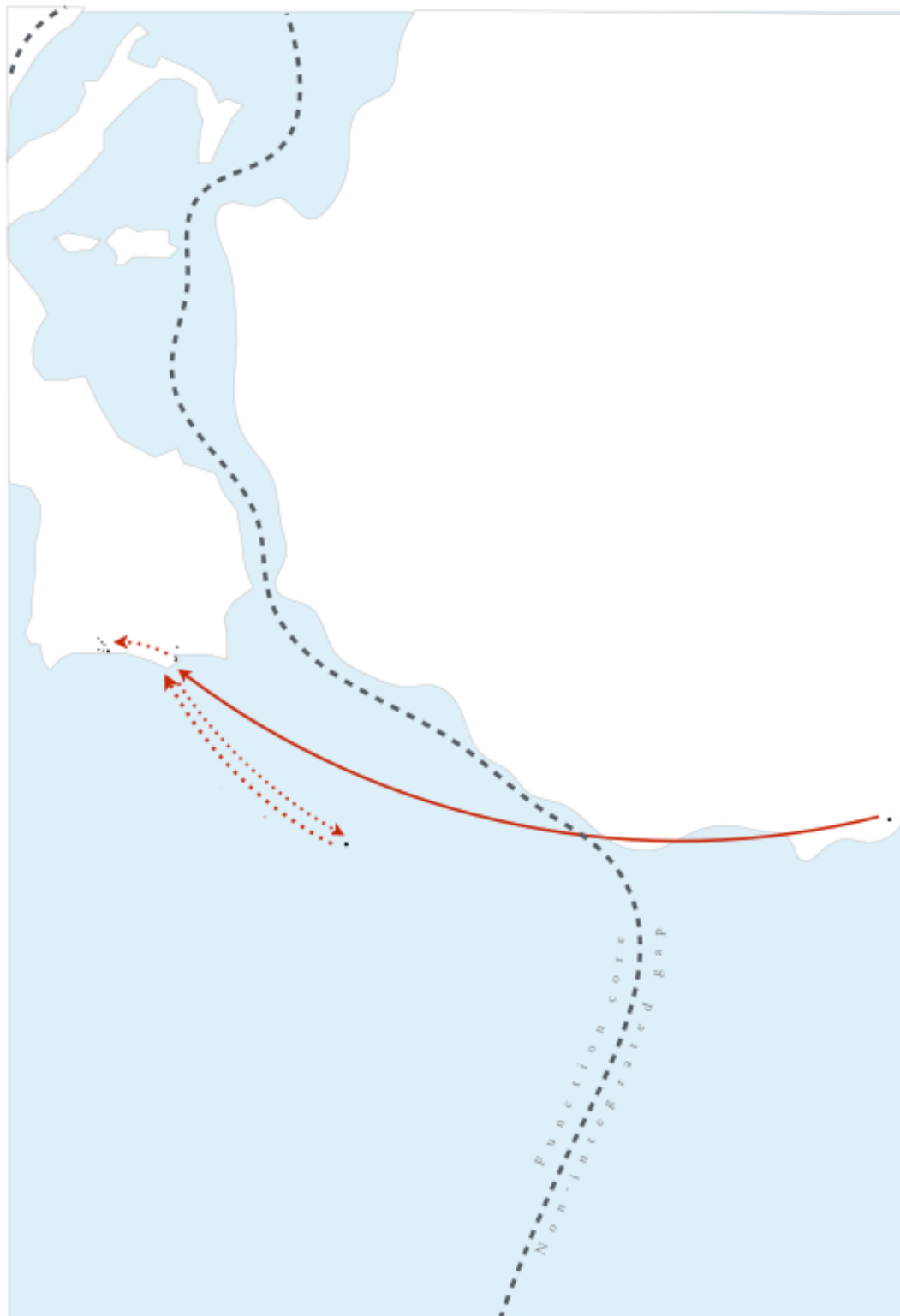


'Geopolitics of [function] core and [non-integrated] gap'
Fonte (simplificado): Bachmann V & Sidaway J (2009) 'Zivilmacht Europa: A critical geopolitics of the European Union as a global power. *Trans. Inst. Brit. Geog.* NS 34: 94-109

Mapa — escala 'comunidade de origem de P.
Note-se, através da comparação da cidade 'velha' com a actual mancha urbana actual, o enorme crescimento da cidade natal de P* após a Independência.*



Mapa — escala 'Atlântico'. As viagens de longo curso de P*.



Mapa — escala 'Portugal'. Os círculos referem os lugares indicados por P*.



Representação

Fama



Família



Riqueza



Prática

‘diário dos lugares’

[reação do momento após saber da possibilidade de viajar para Portugal]

Fiquei tão feliz. Naquele dia... oh pá... naquele dia foi mesmo... fiquei mesmo muito feliz. E fui jogar, saí do jogo e cheguei a casa... nem joguei bem naquele jogo... cheguei a casa e fui logo falar com a minha mãe: olha tenho uma proposta para... para o clube S*. Eu apresentei-lhe o convite... foi um dia mesmo...

[problemas para desbloquear a burocracia]

- Oh pá... dinheiro acabou por se resolver, até nos últimos instantes, mas depois comecei a ficar um pouco desiludido com aquilo tudo. É muita coisa e eu já nem queria vir. Já nem queria vir. Porque a minha família andou à procura de dinheiro de um lado para o outro. É a minha mãe, é o meu pai por um lado. Eu sei que eles não tinham, mas estavam a tentar ajudar para poder realizar aquele sonho que eu sempre tenho. E também para além do sonho, é uma tábua de salvação para a família.

[Sentimento de ter sido enganado pelo agente]

- Até reunir a documentação toda aquilo fez para aí um mês. Meti o documento, fui à embaixada... meti o documento, fui com o empresário... metemos o documento e fui para casa. Passado uma semana ligaram-me que... o... cancelaram-me o visto. E eu... Tá bem. Eu na altura já nem queria, mas gastei dinheiro e ficou um pouco assim. Eu... Tá bem. Que saiu o seu visto e... Ele meteu três vistos, só saiu uma, mas não era meu, era de outra pessoa. Eu... Tá bem. Fiquei lá, passado duas semanas ligaram-me outra vez da embaixada: então, não vens buscar o visto? Eu, que visto? Afinal era o meu visto que saiu e eu não sabia. Fui para lá... fui buscar o visto e fui para casa. E complicou... começou a guerra. Era bilhete de passagem. O clube S* não mandou passagem. Não sei se mandou para ele e ele ficou com o dinheiro...

[documentos a caducar]

O empresário. Não sei. O clube S* não mandou passagem. Eu andei à procura de passagem... a passagem na altura era à volta de mil euros. Aquilo custou muito. Eu saí da Guiné no dia em que o meu visto ia passar o prazo. Na procura de dinheiro, o meu irmão, esta que está aqui, ele tinha na altura, quê, 10 anos, 10, 11 anos... 10, 9 anos na altura, disse-me... minha mãe deu-lhe 100 franco, é quê, 15 cêntimo, para ele comprar pão, ele chamou-me... oh, Ansu, estás à procura de dinheiro para pagar o visto e eu tenho isto para te dar. Saiu-me as lágrimas dos olhos. Uma criança daquela idade a pensar naquilo, todos em prol de... de ajuda [psssiiii] aquilo foi mesmo... marcou em muito. Eu saí de lá, passado um mês, dois meses, ele partiu a anca a jogar futebol. Partiu a anca. Engraçado é que, eu tinha que fazer tudo para trazê-lo para cá.

[A despedida da família]

-Na altura, sinceramente, eu... para vir custou muito. Deixar a família custou muito porque eu sou muito ligado à minha família. E quando soube mesmo que eu tenho que ir... não queria. Mas tinha uma obrigação. Tinha que vir, mesmo que eu não quero, tinha que vir. Aquilo custou muito. Sinceramente, custou mesmo muito. E quando estou a sair de casa, toda a família a chorar... aquilo custou muito. Não chegou a dar-me na cabeça de voltar para ir embora, mas estava tão triste, tão triste, que... mas voltar também não ia fazer aquilo.

[O primeiro contacto com Portugal]

Oh pá, a primeira sensação que eu tive... é um país diferente, a realidade é outra coisa. As pessoas eram diferentes. A maneira como elas falam comigo, o meu português não era aquela coisa. E aquilo... porque o SEF... quando cheguei no aeroporto o meu visto ia passar o prazo naquele mesmo dia, à meia-noite, ou o quê. O SEF não queria me deixar sair. Eles encostaram-me lá e tiveram que ligar ao Sporting para tentar ver se no caso podem resolver aquilo. E acabaram por resolver só por volta das 10... cheguei lá por volta das 5 da manhã e só por volta das 10 da manhã. Depois é que saí de lá. O Vital foi-me buscar, levou-me para casa de... da mulher. Fiquei lá, dormi lá, no dia seguinte é que eu fui para Alcochete. E aí lá, quando entrei lá, já era outro paraíso.

[treinos no clube]

É... em termos de condições, como jogador de futebol, senti-me um verdadeiro jogador de futebol. Ali, junto com os jogadores, por exemplo, L*, M*... almoçava toda a gente junto. Era toda a gente... conhecia só pela televisão e estava à beira deles a conversar com eles, era... [tssii]... eu tinha tanto sonho de jogar ali no clube S*.

[Solidão e incertezas]

E como passavas os dias? Tornaram-se muito longos... - Era muito longo. Ficava o dia em casa todo. Sem fazer nada. Uma vez saía, passeava até à estação, não conhecia nada. Estava lá sozinho. Aquela... aquelas duas, três semanas custou-me muito. Depois vim para C* que é... à experiência. Fiz um dia aqui e voltei logo. Quando saí do S*, passados dois dias vim para cá e voltei. Foi num dia e voltei. E eles começaram ali a dizer que queriam que eu vim para cá. Gostaram... Oh pá... O empresário não queria, mandou-me para a Madeira, para o M*. Fui para o M*, fiz lá uma semana, uma semana ou duas, eles disseram que já têm o plantel fechado e voltei para Lisboa. Naquele período em que eu fiquei em Lisboa (pssss), passei tanta coisa, tanta coisa, naquele período.

[O abandono]

[O agente] tentou e meteu-me no clube, só que as coisas não correram muito bem. Ele deixou-me. Deixou-me quando eu estava no *, já estava estabilizado com casa e comida. Casa entre aspas, porque estava a morar debaixo da bancada. Aquilo também foi uma fase um pouco complicada. Estava lá debaixo da bancada, ficava lá sozinho... O termo ser usado, os clubes de futebol é que me usaram. Os dirigentes de clube...

[Ausência de rancor]

Não... Quem me trouxe... mesmo que ele... ele me deixa no meio do caminho, ele ajudou-me numa parte, porque mostrou-me... abriu-me uma porta e eu desenrasquei-me sozinho. Abriu-me uma porta. Se eu tivesse ficado lá na Guiné, nessa altura eu não sei o quê da minha família. Ele me trouxe e deu-me uma porta, só que as coisas naquele

primeiro tempo não correram bem. Eu não estava habituado à realidade daqui, clima, essas coisas. Cheguei no frio. Ali a temperatura sempre a 30 graus, cheguei aqui é menos grau... É totalmente diferente. O que eu senti tão mal no percurso destes oito anos é dos dirigentes de futebol... É dirigentes de futebol. Prejudicaram-me bastante.

[Dificuldades de subsistência]

Eu sempre senti dificuldades com a alimentação. Não senti quando estava a comer aquele pão que era uma dificuldade. Porque na Guiné, às vezes eu tenho o pequeno almoço e não tenho. Almoço sempre tenho, isso eu sei. Mas jantar, não tenho jantar. Eu tenho jantar, não tenho pequeno almoço. Isso aí, compras pão, faço um sumo de limão e acabou. Comes aquilo, tranquilo [risos]. Oh pá, cheguei aqui com aquela situação que eu estava a passar, não sabia cozinhar e também nem tinha nada lá. O pouquinho de dinheiro que tinha, aqueles 20 euros que o Abdu me deu, fiquei com 10 euros. Aqueles 10 euros que eu comprava pão... eu tinha açúcar lá em casa e fazia.

[A revolta]

[tsss] o dirigente de futebol não... eles não me trataram como ser humano. Uma vez dei uma entrevista há pouco tempo que eu disse que eles me trataram como saco de cebola, mas foi isso mesmo. No C* , a minha saída do C*... era para sair do C* para o R*. C* estava na terceira Liga e R* estava na segunda B. Era terceira Liga, segunda B, segunda Liga... era assim. Eh pá, eles para me deixar sair estavam a pedir 3 mil euros. 3 mil ou 4 mil euros. Não me lembro...

[Felicidade]

Fui para o F*. O F* foi o clube onde fui mais feliz aqui em Portugal, no F*. O melhor momento que eu passei aqui em Portugal é no F*.

[inversão no sentimento]

Oh pá... eu senti, eu senti tudo o que é de mau. Eu senti traído, senti... senti enganado, senti egoísta comigo mesmo, senti revolta... senti tudo. Porque eu podia ter evitado

aquilo. Mas aquelas coisas aconteceram, podia ter evitado de alguma maneira, mas tentei evitar da melhor maneira para não prejudicar ninguém. Eu acabei por me prejudicar muito mais, porque eu não sabia... não sabia que aquilo o que era. Da maneira como eles me abordaram não explicaram o que era. Quando eu soube, voltei para trás, fui falar com eles para tentar devolver o que eles me entregaram, aí é que entrou a culpa que eu tenho, porque eu podia fazer diferente. Podia ter chamado a polícia. Podia ter ido falar com o presidente do clube. Podia ter ido falar com o treinador. Mas só falei com o capitão. Será que o capitão está disposto a chegar lá a explicar como é que eu falei com ele? Não sei. Ele é testemunha de [impercetível].

Depois disso nunca mais vou voltar a ser a mesma pessoa. Mesmo que isso acaba. Disseram-me que eu tenho plena certeza que isso vão dizer que... olha, não tens... posso até ter culpa porque... nessa situação de justiça... leis, leis... é um pouco complicado. Um gajo não percebe dessas leis, de como é que elas lidam dos leis. Só aceitando uma coisa já é... é um crime. Isso pode, pode prejudicar. Mas eu acredito que isso... isso vai-se resolver. Mas, mesmo assim, nunca vou voltar a ser a mesma pessoa. Eu perdi a alegria mesmo... até de jogar futebol.

[Apoio da família]

Elas vieram há dois anos... há três anos. Depois da chegada da minha família mudou completamente. Estava no F*. Até estava a viver mais no F* do que cá. Depois da chegada da minha família, aquilo mudou muito. A responsabilidade aumentou um pouquinho, tinha que arranjar a casa para mim mesmo, eu tinha que viver com... com... na casa do clube, na altura também estava a viver com um amigo que eu trouxe para cá que estava em dificuldades em Lisboa e falou comigo. Andei com ele na escola onde estudei, e ele estava a morar comigo. A pequenina também nasceu, não estava cá. Fui jogar para a seleção.

[A morte do pai]

[tssiii] o meu pai... o meu pai morreu naquele dia em que eu fui jogar... fez um ano precisamente nesse dia. Esse dia é dia marcante mesmo... dia muito marcante. Dia 11 de

novembro... naquele dia... o meu pai morreu nesse dia. Foi o dia que eu viajei para Portugal. Que eu deixei minha família. Um ano depois o meu pai morreu. Um ano depois quando eu estava no C* parti esse pulso. No mesmo dia 11. Ano a seguir, rasguei o... o menisco. No mesmo dia. 11 a seguir, estava com o treinador C*, eu disse que não ia jogar, porque dia 11 causa-me sempre dor. E ele: hoje vais jogar, não vai acontecer nada. Mas não aconteceu mesmo nada. Mas até hoje quando tem jogo dia 11, eu ando com aquilo na cabeça...ando com aquilo...